




**ALISSON JOSÉ OLIVEIRA DUARTE
THIAGO HENRIQUE BARNABÉ CORRÊA
(ORGANIZADORES)**

A white banner with irregular, torn edges is pinned to the background with a white pushpin on the right side. It contains the title of the book in bold black capital letters.

**O PENSAMENTO REIGOTIANO
NA EDUCAÇÃO (AMBIENTAL):
EPISTEMOLOGIA DE UMA BIO:GRAFIA**

A small, rectangular piece of paper with handwritten text in black ink is placed on the left side of the cover. The text is dense and appears to be a list or a set of notes, though the individual words are difficult to read due to the small size and cursive handwriting.

ALISSON JOSÉ OLIVEIRA DUARTE
THIAGO HENRIQUE BARNABÉ CORRÊA
(Organizadores)



O PENSAMENTO REIGOTIANO NA EDUCAÇÃO (AMBIENTAL):

EPISTEMOLOGIA DE UMA BIO:GRAFIA

1ª Edição



PAULO AFONSO / BA
2026

CORPO EDITORIAL

Brasil

Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS)
Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF)
Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGEcoh)
Dra. Dinani Gomes Amorim (PPGEcoh/UNEB)
Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF)
Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoh/ UNEB)
Dra. Gabriela Fernandes Feliciano Murua (UNEB)
Dra. Gisele das Chagas Costa (UNEB)
Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/ Museu CORPO EDITORIAL)
Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoh)
Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (UFBA)
Dr. Juracy Marques dos Santos (GPEHA /UNEB)
Dr. José Ignacio Vega Fernández (SABEH)
Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoh/UNEB)
Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (SABEH)
Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida (PPGEcoh/UFRPE)
Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoh/UNEB)
Dr. Ricardo Bitencourt (IFSertão/PE)
Dr. Robson Marques dos Santos (SABEH/UNEB)
Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoh/UFCCG)
Dra. Suana Medeiros Silva (UFAL)
Dr. Carlos Alberto Batista dos Santos (PPGEcoh/UNEB)
Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo (UFCCG)

Internacional

Dr. Ajibula Isau Badiru – NIGÉRIA (SABEH)
Dr. Martín Boada Jucá – ESPANHA (UAB)
Dra. Iva Miranda Pires – PORTUGAL (FCSH)
Dr. Paulo Magalhães – PORTUGAL (QUERCUS)
Dr. Amado Insfrán Ortiz – PARAGUAI (UNA)
Dra. María José Aparício Meza – PARAGUAI (UNA)





Editora da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH

CNPJ 21.200.341/0001-80

E-mail: editora.sabeh@gmail.com | Site: www.sabeh.org.br

Diagramação e Projeto Gráfico: Alisson José Oliveira Duarte

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18881793>

A reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer modo, somente será permitida com a autorização da editora (Lei nº 9.610 de 19.02.1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Pensamento reigotiano na educação (ambiental)
[livro eletrônico] : epistemologia de uma
biografia / Alisson José Oliveira Duarte,
Thiago Henrique Barnabé Corrêa. -- 1. ed. --
Paulo Afonso, BA : Sociedade Brasileira de
Ecologia Humana - SABEH, 2026.
PDF

ISBN 978-65-5732-094-5

1. Ambientalistas - Biografia 2. Ambientalistas -
Brasil 3. Ecologia 4. Educação 5. Educação ambiental
- Brasil I. Duarte, Alisson José Oliveira. II.
Corrêa, Thiago Henrique Barnabé.

26-341704.0

CDD-304.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Ambientalistas : Biografia 304.092

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



*Dedicamos esta obra a todos/as os/as Ecologistas,
ativistas, militantes e educadores/as ambientais;
em especial honramos o legado
do professor Marcos Reigota,
precursor da Perspectiva Ecologista de Educação*



Eternidade

Qual lição tirar da vida?
Qual o sentido de pintar essa tela em branco
e escrever vivências entre linhas do acaso?

Talvez, viver não tenha sentido
senão esse: o de ser sentido
O que justifica narrar a vida, se ela é escassa?

Ao narrá-la,
experimentamos e semeamos
a única porção nossa capaz de ser parte do infinito:
a palavra.

(Thiago Corrêa, 2025, p.19)¹

¹ CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé. **Pele e palavra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
• Thiago Henrique Barnabé Corrêa	
INTRODUÇÃO	13
• Alisson José Oliveira Duarte	
UNIDADE I: MEMÓRIAS, FUNDAMENTOS & REFLEXÕES	21
Ponto de partida	23
• Alisson José Oliveira Duarte	
Capítulo I: Memórias: O menino do dedo verde	33
• Alisson José Oliveira Duarte	
Capítulo II: Fundamentos: Epistemologia de um legado	55
• Alisson José Oliveira Duarte	
Capítulo III: Reflexões: Revivendo a trajetória	105
• Alisson José Oliveira Duarte	
O retorno	137
• Alisson José Oliveira Duarte	
UNIDADE II: BIO:GRAFIAS COMPARTILHADAS	147
Capítulo IV: Aventuras com Marcos Reigota: a Bélgica nas nossas vidas e em seus cotidianos	149
• Nilda Alves / Neila Guimarães Alves	
Capítulo V: Bio:Geo:Eco:Demo:Educo:Anarco:Grafias e falar do mesmo, mas em outras potências	169
• Rodrigo Barchi	



Capítulo VI: Nos encontros sonoros e da educação com os ecologistas reigotianos	181
• Alan Silus / Tetê Espíndola	
Capítulo VII: De orientador a amigo: Marcos Reigota e sua incrível habilidade de transver o mundo e dar visibilidade aos que vêm das margens	199
• Eder Rodrigues Proença	
Capítulo VIII: Caminhos pedagógicos: Deslocamentos no espaço/tempo.....	213
• Débora B. A. Junker	
Capítulo IX: A filosofia é essa: dê um rolê	225
• Leandro Belinaso	

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS.....	237
--	------------

APRESENTAÇÃO

Thiago Henrique Barnabé Corrêa

O desejo de criação deste livro teve início em 2024, quando Alisson Duarte decidiu dar vida ao seu projeto de pós-doutorado na UFTM. Interessado em mergulhos epistêmicos pelo oceano da Perspectiva Ecologista de Educação, seu trabalho ganha tons ao buscar descrever o mapa do tempo daquele que seria *“apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes”*.

Estamos falando de Marcos Antônio dos Santos Reigota, professor-conversador que tanto contribui para a transformação de vidas, reais e ficcionais. Foi reflorestando ideias que habitam mentes e corações que o menino do dedo verde se tornou, assim, um dos ícones da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil e no mundo.

Na qualidade de supervisor desse estágio pós-doutoral, acredito que este livro pode ser visto como uma arqueologia do pensamento reigotiano, da mesma forma, encontramos nele um fragmento da biografia de Marcos Reigota na sensação de adentrar o seu lar e sentar em sua sala para uma conversa amistosa e recheada de *esperançar*.

Ao som dos passarinhos e com um sorriso tímido, mas acolhedor, os olhos azuis daquele menino curioso se lançam ao chão, vasculhando, resgatando e escovando memórias. Foi numa tarde de sábado - 02 de novembro de 2024 -, no município de Sorocaba/SP, que essa conversa foi experimentada, por corpos ao vivo.

Transportados para a infância de Marcos, foi em Promissão que a Terra lhe ensinou provisão. Menino que virou semente e floresta, dando sombra e abrigo para pessoas-ecologistas: inquietas, indignadas e insurgentes.

Na Unidade I, nos detemos a narrativa da Bio:grafia de Marcos Reigota, buscando desvelar, tanto quanto possível, dentro de sua complexidade e multidimensionalidade, os fundamentos epistemológicos que sustentam a sua perspectiva ecologista de educação (ambiental). As narrativas contidas nessa unidade foram adaptadas e contada pelo pesquisador Alisson José Oliveira Duarte, em três capítulos, respectivamente denominados: 1. Memórias: o menino do dedo verde; 2. Fundamentos: epistemologia de um legado; e 3. Reflexões: revivendo a trajetória.

Enquanto, na Unidade II, apresentamos as narrativas pessoais de amigos e amigas de jornada, que embora não tenham participado da entrevista central desta obra, seus caminhos fazem intersecção em algum momento da vida com a história de Marcos Reigota. Cada capítulo inscreve-se como expressão de uma ecologia relacional, na qual histórias individuais se entrelaçam, afetos circulam e saberes se constroem no contato entre sujeitos, tempos e lugares.

As bio:grafias aqui compartilhadas revelam que a produção do conhecimento emerge da experiência do encontro, entendido como relação sensível, política e ecológica. Assim, tais textos materializam a noção de *ecologia-do-ser-com*, ao evidenciar como Marcos Reigota se faz presente não apenas por suas ideias, como também pelas marcas deixadas nas vidas, nos percursos formativos e nas práticas daqueles e daquelas que **com ele** caminharam/caminham. Conforme nos ensina meu querido amigo Rodrigo Barchi, este livro não é um falar do mesmo; é falar em outras potências.

Por fim, convido você a caminhar conosco por este jardim de memórias... uma experiência de amorosidade em partilha...

Uberaba, 09 de fevereiro de 2026.

INTRODUÇÃO

Alisson José Oliveira Duarte

*O encontro de duas personalidades
assemelha-se ao contato
de duas substâncias químicas:
se alguma reação ocorre,
ambos sofrem uma transformação*
(C. G. Jung, 1985, p.68)

Na posição de ecologistas que somos, buscamos desbravar nesta obra, como quem adentra um complexo e verdejante vale da natureza, os fragmentos biográficos da ecologia-do-ser de Marcos Antonio dos Santos Reigota — Educador, pesquisador e proeminente ambientalista brasileiro.

É certo que desejamos, com esta produção, registrar e homenagear o legado acadêmico do referido professor, mas também promover o encontro simbólico de sua história com a de outros educadores e educadoras afinados à perspectiva ecologista de educação.

Todavia, antes desse mergulho profundo e desafiador, por parte de quem nos lê e vai de encontro a sua trajetória, é preciso submergir no sentido ecológico da palavra “encontro”.

Essa palavra, esse fenômeno cotidiano banalizado, é uma expressão central e representativa na história e na vida de nosso protagonista.

A ECOLOGIA DO ENCONTRO: TECITURAS REFLEXIVAS

O que é o encontro humano, senão uma relação profundamente ecológica? — O encontro, também chamado de interação, é o principal e essencial protagonista da ecologia.

Aos dizeres de Catunda (2013, p.82), a “ecologia como ciência tem no aspecto relacional o que lhe é mais intrínseco”. Para ela, o encontro define-se no contato entre diferentes naturezas, cuja “relação corporal sensível” (p.258) opera reverberações em todos os envolvidos sob sua conexão e sintonia.

Se a ecologia é essencialmente relacional, então a vida, em sua plenitude, se constitui no entrelaçamento das interações que lhe conferem significado. — Sim! Ecologia é vida, e a vida é profundamente ecológica. Assim como a ecologia é feita de encontros, “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida” (Moraes, 1967).

O encontro humano é a vivência do outro, enquanto o outro nos vivencia em seu espaço ambiental intrínseco, o corpo. Na dimensão corporal, entendida em sua integralidade psíquica e fisiológica, ficam registradas as ressonâncias potentes do encontro (Duarte, 2024).

Encontros profundos, superficiais, (in)desejáveis, corriqueiros, até os banais. Cada qual, na intensidade de sua frequência, é produtor de impactos ambientais/psíquicos/sociais.

Sem encontro, não há relações harmônicas ou desarmonicas; a vida seria estática, sem sentido, sem qualquer movimento. A dinâmica ecológica, em qualquer âmbito da vida humana ou não humana, depende

essencialmente de sua ocorrência.

Na trama das relações interpessoais, vivemos em nossos ecossistemas sociais, biografias compartilhadas, histórias e momentos comuns. Guardamos, em nossa natureza, um pouco daqueles que encontramos pela trajetória, enquanto esses levam, em sua microecologia pessoal, fragmentos de nós.

Em sintonia com Alves (2000, p.47) os indivíduos que compartilham do mesmo *espaço-tempo* “carrega consigo a rede de subjetividade que é. Ou melhor dizendo, traz consigo as múltiplas redes nas quais vive, com seus diferentes processos” e conhecimentos, quer tenham ou não percepção suficiente para assimilar essa complexa rede de interação humana.

Sob esta concepção, acreditamos que na tecitura criativa e produtora do encontro humano, trajetórias se entrecruzam, ideias e valores se transformam, histórias e biografias podem ser narradas — contadas, recontadas, cantadas, pintadas — e perpetuadas pelo tempo.

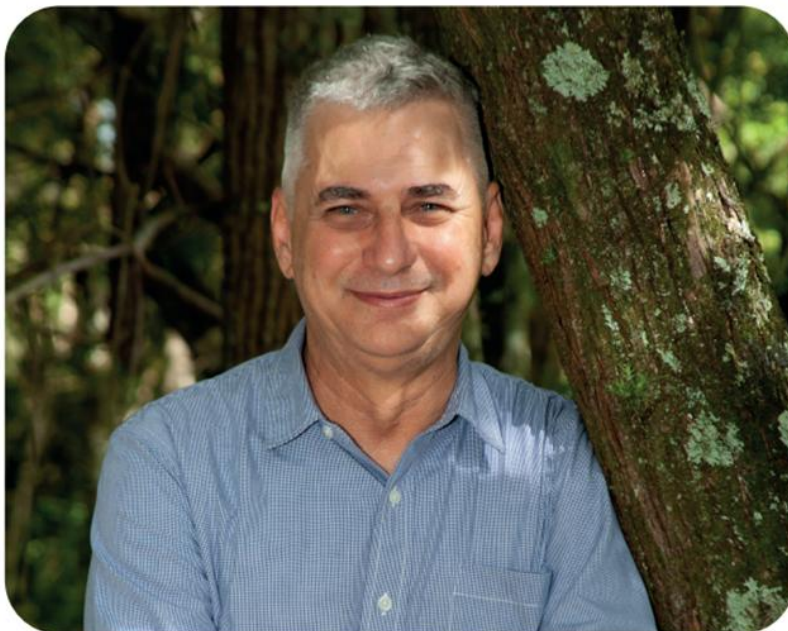
BIO:GRAFIAS COMPARTILHADAS

Neste livro, escrito em forma de narrativas, celebramos, não somente a beleza e a potência de nosso encontro com Marcos Reigota, mas o encontro de seus encontros e as reverberações de sua história sobre a história de tantos outros e outras cujos caminhos fazem ou fizeram interseção com os seus.

Sua história de vida, profundamente inspiradora, demarca a contribuição de um pesquisador disciplinado e comprometido com a educação dentro de uma perspectiva marcadamente política e ecológica.

O texto convida o leitor, por meio de múltiplas narrativas, a explorar a complexidade epistemológica, a sabedoria e o magnetismo de Marcos Reigota, que o torna uma figura profundamente significativa para a educação (ambiental) contemporânea.

Nascido em Promissão, interior de São Paulo, se tornou um renomado educador ambiental e autor de diversos livros. Atravessado por sua presença no mundo vivido e sentido, suas ideias elevam a educação ambiental à um patamar de educação política.



Marcos Reigota. Fonte: Uniso (2020, p.11).

Cada capítulo, é como uma janela diferente, sob a qual, desvela-se uma paisagem, um quadro de sua vida e

de suas memórias, narradas por ele mesmo através de uma entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2024, em sua residência em Sorocaba-SP ou por intermédio da narrativa de amigos e amigas que compartilharam momentos de sua biografia.

Esses relatos complementam a visão de sua personalidade multifacetada, revelando a amplitude e a profundidade de seu impacto nas vidas que tocou, nas histórias que compartilhou e nas ideias que trocou.

Na ecologia-do-ser de Marcos Reigota, encontramos não somente ele, mas os ecos de tantos outros e outras, que se fazem presentes de forma simbólica na composição de sua originalidade. Vemos, em seus olhos, a sensibilidade de Marta Catunda, a amorosidade e boniteza de Paulo Freire, o cuidado de seu pai e de sua mãe, algo dos professores que tivera, dos amigos de infância, de seus irmãos/as, de suas tias, de seus orientadores e de tantos outros encontros e desencontros, que compuseram a diversidade e totalidade de sua ecologia.

Dada a relevância de seu legado para o campo da educação ambiental no Brasil e no mundo, buscamos aporte nas narrativas para tecer fragmentos de sua bio:grafia. Mais do que uma escrita sobre a sua vida, essa é a escrita de vida de um menino magrelinho que adora música, arte, poesia e tantas outras formas de expressão cultural (Reigota, 2023).

Esclarecemos que no contexto dessa obra, deve-se entender bio:grafia além da definição consagrada. O termo “bio”, seguido de dois pontos antes da palavra “grafia”, evoca sentidos próprios, em conformidade com a

perspectiva metodológica adaptada por Reigota e Prado (2008).

No conceito de bio:grafia, o prefixo “bio” tem estreita ligação com a vida pessoal, profissional e política do indivíduo, enquanto a expressão “grafia” refere-se ao fator histórico de como esse se expressa, posiciona-se diante do mundo e escreve a sua história (Proença, 2015).

Com essa forma de narrativa pessoal, os indivíduos “constroem não só suas subjetividades e especificidades, mas elaboram e interpretam o local e o tempo em que vivem” (Reigota; Prado, 2008, p.13).

Em nosso entendimento, as bio:grafias refletem as múltiplas expressões da ecologia-do-ser: sua trajetória individual e compartilhada; suas emoções e sentimentos; sua autonomia e protagonismo; seu modo de conhecer, reconhecer-se e adaptar-se à realidade.

Alinhados nesse sentido, propomos nesta obra a narrativa de **bio:grafias compartilhadas**, entorno do Ecologista e Educador Ambiental, Marcos Reigota, cuja personalidade e magnetismo unifica e promove encontros.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **A aula: redes de práticas**. Os processos cotidianos de aprender e ensinar. [Tese apresentada para o concurso de professor titular na Uerj]. Rio de Janeiro, 2000.

CATUNDA, Marta. **A, B, C de encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental**. 2013. 294f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNISO, Sorocaba, 2013.

DUARTE, Alisson José Oliveira. **Educação Ambiental Quadridimensional: Por uma Ecologia (mais) Humana.** Paulo Afonso: SABEH, 2024.

JUNG, C.G. **A Prática da psicoterapia:** contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORAES, Vinicius. **Samba da bênção.** Vinil. Rio de Janeiro: Elenco, 1967.

PROENÇA, Eder Rodrigues. Bio:grafias e produção de diferenças no cotidiano escolar: uma reflexão sobre sexualidades a partir do cinema. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 200 – 220, set./dez. 2015

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares (Orgs). **Educação ambiental: utopia e práxis.** São Paulo: Cortez, 2008.

REIGOTA, Marcos. **Corra, magrelinho,corra.** São Paulo: Casatrês, 2023.

UNISO. Em publicação de Oxford, professor da Uniso explora relação entre Paulo Freire e a Educação Ambiental. **Uniso Ciência,** v.3, n.6, p.6-12, dez. 2020.





UNIDADE I

MEMÓRIAS, FUNDAMENTOS &
REFLEXÕES



PONTO DE PARTIDA: O INÍCIO DE UMA AVENTURA

Alisson José Oliveira Duarte

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho
pelo qual se pôs a caminhar.*

(Paulo Freire, 1992)

A narrativa que desvelo nesta unidade, fruto de minha pesquisa de pós-doutorado, sob a supervisão do Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa do PPGE/UFTM, retrata uma viagem profundamente significativa para minha formação acadêmica e pessoal.

Essa jornada, vivida e compartilhada com mais quatro pesquisadores², integrantes do grupo de pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação — além de mim mesmo — representa um momento único de partilha e colaboração, no qual sinto-me honrado pela companhia de cada um/a.

A presença dessas pessoas magnificas, fez me sentir seguro e acolhido, tal qual um sonhador, que não se sente só, mas que vive um sonho compartilhado. — Essa narrativa não seria a mesma, sem as referidas pessoas.

² Meus sinceros agradecimentos ao meu querido supervisor de pós-doutorado Thiago Henrique Barnabé Corrêa e as queridas colegas do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação da UFTM: Ana Cristina Borges Fiuza, Flaviane dos Santos Malaquias e Euripa Aparecida Ribeiro de Alcântara.

PESQUISADORES VIAJANTES: ESTRADAS, ORAÇÕES, PAISAGENS E FOTOGRAFIAS

Movidos pelo desejo comum de conhecer e ouvir as histórias e saberes do precursor de nosso grupo de pesquisa, Marcos Reigota, combinamos de nos encontrar à porta do apartamento do professor Thiago na manhã do dia 2 de novembro de 2024.

Partimos de Uberaba-MG pontualmente às 6:00 horas de uma manhã de sábado, em direção à cidade de Sorocaba-SP. Logo no início do trajeto, ouvimos ressoar comovente oração de uma das pesquisadoras, rogando às forças maiores bênção e proteção à nossa viagem, que durou aproximadamente 7:00 horas, com algumas paradas necessárias e memoráveis.

A primeira delas foi para abastecer e tomar o café da manhã em um posto de combustível de estrada; a segunda, na cidade de Rafard-SP, para tirar uma fotografia coletiva à frente de um monumento, que reproduz a obra “*Abaporu*”, ali colocado em homenagem à artista Tarsila do Amaral, nascida em Capivari-SP,



Fotografia: Rafard-SP. Fonte: Alisson Duarte (2024).

município vizinho, onde passou parte de sua infância.

Vale destacar que a obra científica de Reigota (1999) foi significativamente influenciada pelo movimento antropofágico, manifestação artística brasileira da década de 1920, iniciada sobretudo por Oswald de Andrade, escritor, e Tarsila do Amaral, pintora. Desse movimento, Marcos assimilou, em seus estudos, intensa valorização da cultura popular brasileira e latino-americana, em oposição à dominação da cultura hegemônica e colonialista (Reigota, 2011).

Ainda dentro do veículo, dividíamos nossas expectativas em relação ao encontro com Marcos que cada vez mais se aproximava, enquanto, dialogávamos e observávamos paisagens naturais e urbanas.

Realizamos mais uma pausa, a terceira, dessa vez para almoçar em um acolhedor e tradicional restaurante, na zona rural de Porto Feliz-SP, rodeado de extensa área verde, onde registramos mais fotografias. Já na cidade, efetuamos uma quarta e breve parada, de aproximadamente dez minutos, onde realizamos uma visita surpresa à casa da mãe e irmã do professor Thiago para um abraço amoroso e cheio de saudades.

Seguimos, admirando a arquitetura, limpeza e organização de Porto Feliz/SP enquanto a cidade ficava para trás em direção a cidade de Sorocaba/SP, município de residência de nosso interlocutor e fundador do grupo de pesquisa que integramos.

Chegamos à porta do condomínio de Marcos por volta das 13:00 horas. Ele nos esperava próximo aos portões. Fomos recebidos com sorrisos e abraços calorosos, assim como de um pai que acolhe seus filhos. Seus olhos verdes brilhavam, não deixando escapar o olhar de menino observador que sempre carregou. Em

seguida, fomos direcionados para o interior de sua residência, especificamente na sala, cenário dessa entrevista.

UM ENCONTRO AMISTOSO E CHEIO DE AMOROSIDADE

Antes de iniciarmos nosso diálogo, a pesquisadora Euripa Aparecida Ribeiro de Alcântara, recitou uma poesia de sua autoria, em homenagem a Marcos, preenchendo o ambiente de emoção e criatividade:

Na dança dos anos setenta, um eco de vozes ressoou, artistas e pensadores, a verdade à natureza entregou. Com Paulo Freire em suas veias, aprendeu que educar é libertar, teceu saberes e dilemas, na luta por um mundo a cuidar. De Louvain à Genebra, a jornada não teve fim, em cada bolsa e conferência, um compromisso sem fim. Filosofia da educação, onde ética e justiça se entrelaçam, diálogos que florescem em campos, onde os saberes se abraçam. Publicou, palestrou, desafiou, com coragem e clareza, em São Carlos, o prêmio chegou, reconhecendo a grandeza. Na Sorocaba, suas ideias germinam, com estudantes a explorar, do Amapá ao Rio Grande, um legado a se eternizar. Com um olhar crítico e profundo, abriu portas para a reflexão, na complexidade da ecologia, construiu pontes para a transformação. Marcos, que na sabedoria navega, e na militância se faz presente, um farol para as futuras gerações, que o meio ambiente é urgente. Que a sua voz, sempre vibrante, continue a ecoar sem fim, na luta por um mundo mais justo, um futuro em harmonia, enfim". (Euripa Alcântara - 01/11/2024, Uberaba-MG).

Os presentes simbólicos que trouxemos, acompanhados de afeto sincero, parecem ter tocado profundamente o anfitrião, criando um clima acolhedor e

repleto de amorosidade.

Agradecemos a disponibilidade e a gentileza de nos receber em sua residência e de nos conceder a entrevista. Expressamos nosso reconhecimento à grandeza de sua trajetória enquanto pesquisador ambiental, com reflexões em torno da expressão: “quem cuida do meio ambiente, cuida da vida”. — Com modéstia, afirma não ter consciência de sua representatividade, assim como nós o reconhecíamos, mas que se sentia profundamente honrado com nosso carinho e homenagem.

Marcos nos agradeceu pela presença e nos convidou a sentir-se em casa. E, no mesmo embalo, próprio de um contador de histórias, falou-nos sobre o valor emocional que aquela residência tinha para ele.



Marcos Reigota e Alda Romaguera.
2015. Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

Conforme seus relatos, ele tinha uma residência em São Paulo, porém, por 17 anos, morou em hotel, hospedagem garantida por contrato pela Universidade de Sorocaba-SP (Uniso). Revela como foi trabalhoso, nesse período, ter que fazer e desfazer malas nesse traslado de São Paulo a Sorocaba. Depois que seus pais faleceram, recebeu uma parte do dinheiro da venda do imóvel que tinham na

cidade de Tupã/SP. Com esse valor, deu entrada na casa de condomínio em Sorocaba/SP. Então, em vez de se hospedar em hotel, ficava nessa casa. Relata que, a partir daí, sua residência em Sorocaba passou a ser um ponto de encontro de seus amigos e colegas de profissão mais próximos. Segundo ele: “*As pessoas vinham, se hospedavam, faziam comida e ficavam na varanda*”³.

A professora Alda Romaguera, fiel amiga pessoal e profissional da Uniso, morava em frente à sua casa, enquanto Marta Catunda, pesquisadora, pintora, compositora e estimada amiga, morava na casa mais ao



Marta Catunda apresentando à Marcos Reigota uma música que compôs em sua homenagem no ano de 2011. Fonte: Arquivo Pessoal de M.R.

fundo do condomínio. Eram “*três casas abertas*” e acolhedoras. Os amigos de um tornavam-se amigos dos outros. E assim formavam uma rede de amigos e amigas com interesses comuns.

³ Os textos grifados em *italico* ao longo desta unidade correspondem à transcrição literal das falas do entrevistado.

Confessa com emoção que o condomínio era um lugar bem melhor quando tinha a presença de suas duas amigas. Marta Catunda faleceu em agosto de 2021, aos 65 anos, vitimada por um acidente de trânsito, tornando a pandemia da COVID-19 um período ainda mais sombrio e desalentador. Já Alda Romaguera, logo após ter deixado a Uniso, mudou-se do condomínio no ano de 2022.

Relata que muita coisa que tem em sua casa (máquina de costura, três cadeiras de madeira, uma mesa, entre outros itens) são objetos profundamente simbólicos, que resgatou da antiga residência de seus pais. Especificamente, a máquina de costura era de sua mãe, e que, um dia, foi de sua avó.

Outros objetos que compõem o espaço da casa, como quadros e ornamentos diversos, foram presentes ganhados ou adquiridos em viagens.

Discorre com emoção que, quando herdou as três mencionadas cadeiras, que ficavam na varanda da casa de seus pais em Tupã-SP, tinham nelas diferentes marcas de desgaste. Então pensou em restaurá-las. Porém, Marta Catunda, com sua sensibilidade artística, interferiu: *“Imagine! Você vai deixá-las do jeito que estão”*, disse, buscando preservar a beleza natural das marcas operadas pelo tempo.



Máquina de Costura.
Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

Marcos sorrindo, concordou, bem-humorado: “*Tudo bem, você é quem manda*”. Conforme seu relato, a ocupação dessas cadeiras era disputadíssima pelas visitas na casa de seus pais, por serem muito confortáveis.



Cadeira de Madeira.
Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

Na fotografia reproduzida, as almofadas que estão sobre a cadeira foram feitas por sua mãe, o que confere à peça um valor afetivo ainda mais especial. Ao lado do móvel, repousa um disco de Alaíde Costa (2024), cujo título ressoa com simbolismo: “*E o tempo*

agora quer voar”.

Esclarece que, atualmente, sua residência em Sorocaba é um lugar de trabalho. Quando vai para essa casa, geralmente é para escrever livremente, hoje mais do que antes, sem nenhuma preocupação ou pressão produtivista de publicar, como se exige de professores pesquisadores ativos no ambiente universitário.

Depois de nos contar um pouco sobre o valor emocional de sua residência, o anfitrião, por fim, reiterou o prazer de nos receber em sua casa, afirmando: “*fazia tempo que eu não tinha a casa cheia, é um prazer tê-los aqui*”.

Iniciamos a entrevista lembrando nossa

motivação central, isto é: resgatar elementos de sua trajetória, no intuito de compreender as bases pessoais e epistemológicas que constituíram o seu pensamento ecologista. — Quais fatos ou condições em seu processo histórico foi responsável por despertar o seu interesse e militância pelo meio ambiente? — Aos dizeres de Nietzsche (2022, p.1) “como alguém se torna o que é?”.

Para tanto, o roteiro de entrevista foi estruturado em três tomos, que denominamos respectivamente de: (1) **Memórias** (em que buscamos descrever suas primeiras experiências de vida que contribuíram para a constituição de sua visão de mundo); (2) **Fundamentos** (em que procuramos identificar as bases epistemológicas, teóricas e filosóficas, que sustentam a sua perspectiva) e; (3) **Reflexões** (em que objetivamos explorar os princípios axiológicos de sua educação ecologista, bem como os sentidos pessoais que a permeiam). As questões foram elaboradas de maneira ampla garantindo ao entrevistado flexibilidade para expressar livremente aspectos de sua bio:grafia⁴.

Neste contexto, pedimos a ele que nos contasse sobre sua infância, o ambiente em que cresceu, sobre seus pais, sua educação, memórias e valores que moldaram a personalidade do “menino do dedo verde”.

Diante deste prelúdio, buscamos, ao longo da Unidade I desse livro, bem como na composição de seus três capítulos, descrever, de forma narrativa, evitando o excesso de transcrições literais, a síntese de cada tomo dessa conversa, que teve por objetivo desvelar os pressupostos históricos (pessoais e epistemológicos) que fundamentam a Perspectiva Ecologista de Educação (Ambiental), elaborada por Marcos Reigota.

⁴ A noção de Bio:grafia foi desenvolvida por Reigota e Prado (2008).

REFERÊNCIAS

COSTA, Alaíde. **E o Tempo Agora Quer Voar** [álbum]. Samba Rock Discos, 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Petrópolis: Vozes, 2022.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares (Orgs). **Educação ambiental**: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola**: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 2011.

CAPÍTULO I

MEMÓRIAS: O MENINO DO DEDO VERDE

Alisson José Oliveira Duarte

*No retrato que me faço
- Traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
que não há mais lembrança...*

(Mario Quintana, 1976)

Marcos Reigota, nasceu na cidade de Promissão, uma pequena cidade do interior de São Paulo, no dia 6 de abril de 1956. Advém de uma família de classe popular. Sua mãe era costureira, cuja máquina de costura, ainda se preserva como elemento simbólico e histórico na sala de sua casa. Seu pai era motorista de caminhão, transportava, sobretudo, café e algodão. Devido as diversas viagens que fazia a trabalho, tinha momentos de ausência



Marcos Reigota, entre 5 a 6 anos de idade. Fotografia: Sakamoto

que não podiam ser exatamente qualificados como longos, porém para sua percepção infantil dois ou três dias pareciam uma eternidade.

Era o segundo filho de quatro irmãos, sendo um irmão mais velho e duas irmãs mais novas. Durante os períodos de ausência de seu pai ele e suas irmãs e irmão costumavam ficar em volta de sua mãe costurando. Ela por sua vez, buscava distraí-los com alguma atividade para que pudesse se concentrar em seu ofício. Em razão disso, frequentemente os colocava para separar retalhos de tecido, que mais tarde eram transformados em colchas ou tapetes artesanais. — Atualmente considera esse trabalho uma forma de arte, e com bom humor, acha inadmissível que alguém consiga utilizar tais peças como tapete para limpar os pés.

ECOS DE UM TEMPO SOMBRIO: OS PRIMÓRDIOS DE SUA CONSCIÊNCIA POLÍTICA

Sempre estudou em colégios públicos. Sua trajetória escolar foi marcada por um dos períodos mais turbulentos da história brasileira, o início da ditadura civil-militar de 1964, fase esta, que coincidiu exatamente com seu ingresso no ensino fundamental. Desse período, uma cena em especial lhe foi profundamente marcante. De acordo com seus relatos, em uma tarde de domingo estava ele, seus irmãos e seus pais na praça central de Promissão, um dos poucos locais de lazer que a cidade oferecia, quando passou na avenida um caminhão, mal cheiroso, comumente utilizado para transportar gado, com algumas pessoas na carroceria, transitando em direção à prisão que ficava dois ou três quartelões da praça. Diante dessa cena, perguntou a seu pai o que estava

acontecendo e por que aquelas pessoas estavam sendo tratadas daquela forma. Aquilo era algo que nunca tinha visto.

Seu pai lhe respondeu: “*são os comunistas que estão indo para a prisão*”. Salienta que não fazia qualquer noção de quem poderia ser os “*comunistas*”, porém tinha a percepção da “*degradação humana que eles estavam vivendo naquela situação*”. Isso lhe marcou significativamente.

Não nos parece mera coincidência a forma pela qual a canção “Disparada”, — contemporânea ao cenário histórico desse relato — composta por Geraldo Vandré e Théó de Barros (1966) e interpretada pelo cantor Jair Rodrigues, denuncia o tratamento desumano da ditadura civil-militar em relação a quem era contrário as suas imposições. Esse tratamento é nitidamente associado a exploração das boiadas pelos boiadeiros e com a maneira predatória de se lidar com gado e lidar com gente.

Ainda no contexto da ditadura civil-militar, recorda-se da campanha “*Doe ouro para o bem do Brasil*”, com a

Disparada

Prepare o seu coração
Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão (3x)
E posso não lhe agradar

Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo (2x)
Estava fora do lugar
E eu vivo pra consertar
(...)

Boiadeiro muito tempo
Laço firme, braço forte
Muito gado e muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
Que boiadeiro, era um rei

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos que fui sonhando
As visões se clareando (2x)
Até que um dia acordei

Então não pude seguir
Valente lugar-tenente
De dono de gado e gente
**Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente**

(Vandré; Barros, 1966)

qual milhões de brasileiros doaram alianças, correntes, pulseiras, brincos, etc., em todo o território brasileiro. — Ação esta que mais tarde foi reconhecida como estelionatária por parte da (indi)gestão militar da época (Alonso, 2013).

Enfatiza que todas as famílias eram convocadas a doar alguma coisa de ouro para o país. — E como lidavam com isso as famílias pobres? Como pais trabalhadores com quatro crianças poderiam ajudar? — Embora não fossem “*miseráveis, cada coisa em casa era contada*”. O desafio de atender à convocação gerava dilemas e discussões, pois não contribuir poderia levar ao estigma social na pequena cidade onde moravam.

Em sua autoanálise, tais experiências aguçaram a sua sensibilidade política e social, bem como, o despertar de reflexões intrínsecas, acumuladas ao longo do tempo, que somente encontraram vazão em sua vida adulta.

O MENINO QUE QUESTIONAVA: O FLORESCER DE UM CRÍTICO

Quando criança, foi coroinha da igreja local de sua cidade. Durante esse período recorda-se de colaborar com o padre em cerimônias e celebrações de missas, inclusive em favor dos presidiários. No entanto, sua relação com a igreja foi interrompida devido à expressão de seu pensamento crítico considerado inadequado às normas religiosas.

Sua saída da função de coroinha ocorreu após uma das freiras responsável pela orientação das crianças visitar sua casa e informar aos seus pais que ele não poderia continuar servindo à igreja, alegando que “*colocava os dogmas religiosos em questão*”.

Esse acontecimento o marcou profundamente, não pela ruptura com a igreja em si, mas pelo fato de interromper seus estudos de latim, que particularmente era algo que apreciava, ao contrário, de seus colegas da mesma idade, que evitavam ao máximo o aprendizado desse idioma.

O PESO DE UM BRAÇO ENGESSADO E A LEVEZA DE UM PERDÃO

Na escola, considera que foi um bom aluno e parte de seu bom desempenho atribui a educação recebida de seus pais que monitoravam e incentivavam os seus estudos. Porém, no ano de 1964, no segundo ano do ensino fundamental, foi reprovado, fato que considerou por muito tempo uma decisão injusta por parte da escola. Nessa época, jogando bola com outras crianças na rua, quebrou o braço após uma queda. Todavia, levou-se quase uma semana para identificar e diagnosticar a fratura que se manteve sem os devidos cuidados durante esse tempo. Somente após o agravamento do quadro, seus pais o levaram a cidade vizinha, em Lins/SP, onde engessou o membro e recebeu cuidados hospitalares.

Esse evento ocorreu exatamente no período de exames de sua escola, circunstância que o impossibilitou de realizar as avaliações. Apesar das justificativas apresentadas, a diretora do colégio foi enfática ao afirmar que não havia alternativa: “*Se não fez o exame, está reprovado*”. — Além de lidar com o sentimento de culpa por ter sido reprovado, enfrentou a angústia de ver seus colegas de classe avançando para a série seguinte ao final do ano letivo, enquanto ele permanecia na mesma. Este evento foi vivenciado por ele como um ato de violência.

Ainda sobre esta experiência, revela que no ano de 2015, no dia dos professores, no colégio onde ocorreu a reprovação, o convidaram e lhe fizeram uma homenagem, que sucedeu exatamente na sala de aula onde estudava no ano em que foi reprovado. Durante a cerimônia, entregaram a ele uma cópia de seu histórico escolar, em versão manuscrita, como registro de sua passagem por aquela instituição. Reproduziram a canção “*Apenas um Rapaz Latino-Americano*”, de Belchior (1976), e, em seguida, uma criança — com idade equivalente à sua na época — leu uma mensagem em sua honra. Esse gesto, carregado de significado, trouxe para ele a sensação de reparação pela reprovação que sempre considerou injusta. Ao fim da cerimônia, registraram fotografias em frente ao colégio com professores e estudantes.



Marcos com as professoras da Escola Estadual Dr. Miguel Couto de Promissão (SP), em 15 agosto de 2015, onde cursou por duas vezes, o segundo ano primário em 1964 e 1965. Fonte: MR.

O CAMINHO DA PALAVRA: CULTURA POPULAR, LEITURA E ESCRITA

Em relação ao seu desempenho nas diferentes disciplinas escolares, alega que não tinha afinidade com a matemática ou com qualquer outra área de exatas. Por outro lado, sempre teve inclinação pelas humanidades, com especial interesse pela história, biologia, geografia e letras.

A esse respeito, resgata em sua memória o tempo em que venceu na escola um concurso de redação, ao qual foi indicado para concorrer, em uma fase final, com os alunos dos demais colégios de sua cidade. A princípio, ele mesmo não sabia que sua redação havia sido eleita e que representaria o seu colégio. Para lhe dar a notícia, a diretora solicitou a presença de seus pais na escola. Com este chamado, sentiu profundo receio e imaginou que pudesse se tratar de alguma reclamação ou queixa escolar. Sua mãe, apressadamente, compareceu à instituição, com semblante de preocupação e ao mesmo tempo de reprovação, enquanto murmurava repetidas vezes: *“depois a gente conversa, depois a gente conversa”*. Sua mãe nunca havia sido chamada na escola em razão de indisciplina dele ou de qualquer um de seus irmãos. *“Isso seria algo impensável”*, e esta solicitação *“só podia se tratar de algo muito ruim”*.

Contudo, para a surpresa de sua mãe e dele próprio, tratava-se da informação de que Marcos havia sido selecionado para participar como finalista do concurso de redação no Tênis Clube da cidade, ambiente completamente distante de sua realidade social. E assim, participou do evento. Todavia, não ganhou o prêmio de melhor redação. Quem levou o prêmio foi uma amiga, que

diferentemente dele, que estudava em escola pública, estava vinculada a um colégio regido por freiras.

A partir dessa história, justifica que, desde quando iniciou sua formação escolar, sentia-se profundamente atraído pela escrita. Em sua análise, a identificação e o interesse pela escrita surgiram de maneira muito espontânea e intrínseca, uma vez que, em seu contexto familiar e social, não havia qualquer referência de leitura. Seus pais não eram leitores e, em casa, não se tinha nem mesmo a bíblia. Havia somente as revistas como *Manequim* e *Figurino*, que traziam moldes e sugestão de costura voltados para o ofício de sua mãe.

Somente mais tarde teve acesso a leituras da cultura pop, sobretudo gibis dos personagens Bolinha, Irmãos Metralhas, Recruta Zero e Riquinho, que especialmente apreciava. Também se interessava pelo Programa da Jovem Guarda, apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. Não tinham televisão em casa; porém, assistia ao programa na residência de um vizinho. Quando seu pai comprou uma televisão, costumava assistir programas musicais, de entrevistas e seriados como *Bonanza*. Ainda na década de 1960 gostava de ouvir The Beatles e recorda-se de assistir ao filme “*Help*” (1965) no cinema, protagonizado pelo referido grupo.

Aos 10 anos de idade, influenciado pelos artistas da Jovem Guarda, aventurou-se, juntamente com seus amigos, na composição de letras de músicas. No entanto, essa fase foi breve, pois, em 1968, aos 12 anos, mudou-se de Promissão para Tupã. Com a mudança de residência destaca a prática de redigir cartas endereçadas aos seus amigos, hábito que manteve por muitos anos (Belinaso; Codes, 2020).

De acordo com Marcos o desenvolvimento de sua escrita está especialmente relacionado a escrita de cartas, “da observação da nova vida em Tupã e também da saudade dos amigos de Promissão”. Esse exercício de escrita afetiva, inclusive, influenciou a constituição da metodologia de seu livro *Ecologistas*, publicado em 1999 (Belinaso; Codes, 2020, p.120).

A PAIXÃO DE CONHECER O MUNDO

Quando interrogado sobre qual foi o seu maior sonho de infância, volveu enfaticamente, sem qualquer hesitação: “*viajar*”. Em seu íntimo, viajar e conhecer diferentes lugares era algo de seu profundo desejo. Sempre guardava a expectativa de que o seu pai o levasse em suas viagens a trabalho; porém, isso ocorreu apenas uma vez, em um trajeto bem curto, mas que lhe “*pareceu uma viagem ao redor do mundo*”.

Não se interessava por conhecer locais específicos, porque não tinha qualquer referência para “*onde ir*”; havia somente “*a vontade de ir e conhecer o mundo*”. As referências de viagem que tinha eram as que o seu pai fazia a trabalho ou quando visitavam sua avó, que residia em Tupã/SP, geralmente em épocas de Natal.

Nesses momentos, Marcos, que foi uma criança extremamente ligada ao movimento, aquietava-se ao entrar no caminhão ou no carro. Sua atenção era completamente voltada para a paisagem. Seu olhar tudo observava. Recordava-se, inclusive, de contabilizar quantas paineiras ou quantos animais via ao longo da estrada. Seus pais se encantavam de como ele se mantinha concentrado durante todo o percurso.

Seu pai dizia à sua mãe: “*quer ver esse menino quieto, é só colocá-lo para viajar*”. Enfim — “*Viajar foi meu sonho, e foi um sonho que eu realizei! Isso, sem dúvida. Essa paixão por conhecer o mundo é, inclusive, o título de um livro de Madalena Freire*”.⁵ — Ressalta.

Á SOMBRA DA MANGUEIRA: INFÂNCIA, NATUREZA E SENSIBILIDADE ECOLÓGICA

Assinala que, em sua época de infância, as crianças se relacionavam mais entre si e brincavam mais livremente. — “*A gente brincava na rua, ia na casa um dos outros, subia em árvores, enfim, fazia coisas de criança*”. — Pondera que, na atualidade, as crianças são “*bombardeadas de informações*”, porém vivem confinadas. Ao inverso de seu tempo, tudo era mais orgânico; aos seus dizeres, “*tudo ocorria dentro de uma cadência lenta das coisas*”. Por conseguinte, as pessoas tinham mais tempo para viver a natureza, inclusive e, mais comumente, em seus próprios quintais, que abrigavam jaboticabeiras, mangueiras, goiabeiras, entre outras espécies de árvores.

Além disso, os quintais eram adornados de flores, hortas e frequentemente havia a sensação acolhedora de troca entre as pessoas: “*leve uma alface para a sua casa, leve ovos*”. E quando algum vizinho oferecia, por exemplo, meia dúzia de ovos, era preciso levá-los com muito cuidado, pois não havia apetrechos adequados para transportá-los, apenas a delicadeza e a atenção de quem carregava. Essas trocas simbolizavam o cuidado mútuo e fortaleciam as relações de amizade entre as pessoas.

⁵ FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

De acordo com Marcos, Promissão/SP era uma cidade marcada pela imigração japonesa, com suas diversas granjas e sítios. Nesse tempo, havia muitas crianças, filhos desses imigrantes orientais, com os quais teve a oportunidade de interagir. Esse contato, mesmo que discretamente, despertou-lhe atenção, em especial pelo modo como essas famílias interagiam com a natureza. Isto tocou-lhe de alguma forma. No entanto, esclarece que, nesse período, ainda não havia entre as pessoas uma preocupação explícita ou significativa em relação ao meio ambiente.

E, nesse processo arqueológico e ecológico de si mesmo, define que sua relação com a natureza sempre foi de muito respeito e interação. Segundo ele: *“em minha casa tinha uma mangueira, um pé de manga-rosa, que cortaram porque tinham que fazer uma garagem. E o corte dessa mangueira foi alguma coisa muito sentida por mim, porque a sua sombra era o nosso espaço de brincadeiras”*.

A relação compartilhada e mantida com essa árvore talvez seja um dos seus primeiros momentos de consciência ou sensibilização ecológica, que o levou à reflexão do valor intrínseco de outras vidas e seres que não fosse somente de sua própria espécie. Entre ele e a árvore, havia uma relação emocional que foi atravessada por um interesse externo, objetivo e instrumental, isto é, a necessidade de edificação de uma garagem.

Certamente, este ocorrido tenha, consciente ou inconscientemente — se é que podemos nos dar a liberdade de uma análise psicológica —, despertado reflexões mais profundas e transcendentais do que se pode pontuar pela pura racionalidade (Duarte, 2024). Valendo-nos do saber de um menino anônimo, que participou do projeto *“A Voz das Crianças sobre o*

Futuro do Planeta” replicamos a seguinte citação/reflexão: “*Sempre resta a esperança do homem descobrir o velho segredo: que o mundo é ele e ele é o mundo*” (Anônimo, apud. Reigota, 2010, p.30).

Nesta citação, a nosso ver, contém as pistas do porquê Marcos, na infância, sentiu-se tão intrinsecamente afetado pelo corte da referida mangueira. — *Ele era a mangueira e a mangueira era ele?!*

DE PROMISSÃO A TUPÃ: A MUDANÇA DE CIDADE E O DESVELAR DE NOVAS IDEIAS

Quando completou 12 anos, já entrando na adolescência, Marcos e sua família mudaram-se em 1968 de Promissão/SP para Tupã/SP. Tal mudança foi um evento muito brusco e radical para a rotina a qual estava acostumado, especialmente por que teve que lidar com a angústia de deixar seus primeiros amigos de infância.

Observa que “Promissão e Tupã são cidades próximas, mas naquela época Promissão e Tupã eram dois mundos bem diferentes” (Belinaso; Codes, 2020, p.120).

Em Tupã, concentrava-se grande parte de sua família, seus primos, tias por parte de mãe e sua avó. Com a mudança de cidade, foi matriculado em um dos mais renomados colégios públicos da cidade, o Instituto Índia Vanuíre.

A partir de então, mais próximo do núcleo familiar materno, diga-se de passagem, “*uma família grande formada por muitas mulheres e de grandes mulheres*”, iniciou uma nova etapa em seu processo de formação educacional, fundamental para a constituição e autonomia de seu pensamento crítico.

Estudava em período noturno e aos estudantes desse horário frequentemente a sociedade reservava o estigma de que esses nunca teriam um bom futuro: “Éramos vistos como aqueles que não iam fazer um vestibular concorrido e entrar numa universidade de prestígio (Belinaso; Codes, 2020, p.120).

Durante esse tempo, passou a receber muitas influências de suas tias mais novas, que foram as primeiras da família a ter acesso a formação de ensino superior, por volta de 1968, logo após a inauguração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Tupã – FAFIT, no ano de 1966 (Diário Tupã, 2024).

Suas tias recebiam muitas amigas e amigos universitários na casa de sua avó, transformando aquele ambiente em uma continuidade do universo acadêmico. Neste cenário, declara ter assimilado “*as rebarbas do banquete*”: livros, músicas, filmes, jornais e outras produções intelectuais que ampliaram sua visão de mundo e contribuíram para uma formação paralela àquela oferecida pela escola.

Recorda-se especialmente, que suas tias liam regularmente “*O Pasquim*”, um jornal conhecido por tecer críticas ao regime militar da época; inclusive, revela com humor que uma das amigas de suas tias, era apelidada de “*Pasquim*”, pois sempre que lançava uma nova edição na cidade “*ela era a primeira a comprar*”. Graças a essa convivência também começou a ler este jornal, que contribuiu muito com sua visão crítica e formação política.

Quando começou a trabalhar, em 1971, passou a comprar com seus próprios recursos revistas usadas, em uma banca que as vendia por um preço mais acessível. Logo, teve acesso a outras publicações como a “*Revista Realidade*”, um periódico histórico no Brasil, voltada para

o jornalismo investigativo e que também era muito crítico ao regime civil-militar, bem como ao seu modelo de desenvolvimento; temas esses que não eram discutidos na escola devido a censura.

PENSAMENTO CRÍTICO EM ANOS DE CHUMBO: NÃO À RODOVIA TRANSAMAZÔNICA!

Rememora que no auge dos anos de 1970, foi um período de muita rigidez, inclusive dentro do ambiente escolar. De acordo com ele ao entrar no colégio “*tinha uma inspetora que pedia para levantar a calça e mostrar a meia. Ela tinha que ser da cor cinza. Se não tivesse com aquela meia, com aquela cor o aluno não entrava*”. — Em conformidade com a presente narrativa, Almeida (2017) destaca que os anos de 1968 a 1974 (anos de chumbo) foi o período de maior controle social, cuja ordem impactou diretamente no ensino e na cultura escolar.

No entanto, vários de seus professores ainda eram estudantes universitários ou tinham terminado recentemente a graduação. Em sua maioria eram jovens e críticos. E por essa razão ministravam aulas no período noturno, pois as vagas no período diurno ficavam reservadas aos docentes veteranos, concursados e alinhados ao regime civil-militar.

Desse período, recorda-se de um trabalho em grupo sobre a Rodovia Transamazônica, que estava sendo apresentado como uma grande obra de integração interestadual do Brasil. — Em concordância com este relato, Brandão (2024, p.332) revela que a revista Manchete, em edição especial de fevereiro de 1973, estampou em sua capa as obras da rodovia Transamazônica como o projeto de maior envergadura do

governo civil-militar. No entanto, sabe-se que “a construção da estrada beneficiou grandes empreiteiras e empresas mineradoras, sendo também responsável por graves violações de direitos humanos de povos indígenas e ribeirinhos, além de danos ambientais”. Contudo, os veículos de comunicação apresentaram a obra como um ícone de desenvolvimento e progresso para a Amazônia.

Ao contrário de todos os seus colegas de grupo, que acreditavam no discurso veiculado sobre os supostos benefícios da obra, sem considerar seus impactos ambientais e sociais, Marcos já se posicionava contra, gerando com esse desacordo mal-estar em suas relações com o grupo.

Experiências reflexivas como essas foram se acumulando em seu cotidiano e conseqüentemente aproximando-o de colegas que se destacavam pelo pensamento crítico. Esses geralmente eram filhos de professores, bancários ou pessoas de classe média baixa com maior escolaridade ou formação acadêmica. Com o tempo, seu círculo de amizades tornou-se mais seletivo, priorizando pessoas que compartilhavam os mesmos valores e perspectivas. Segundo ele, mantém amizade com muitas dessas pessoas até hoje.

EFERVESCÊNCIA CULTURAL E FORMAÇÃO SENSÍVEL-CRÍTICA: O SOM DOS REBELDES E INSUBMISSOS

Com o advento do ensino superior em Tupã, a cidade foi inserida em um projeto chamado “Circuito Universitário”, que promovia eventos culturais, especialmente shows musicais, aos quais Marcos teve a oportunidade de comparecer em diversos deles.

Muitos desses shows foram protagonizados por artistas como Vinícius de Moraes, Toquinho, Marília Medalha e Trio Mocotó. Depois veio o tropicalista Caetano Veloso, que estava chegando de seu exílio em janeiro de 1972. Em especial, para o *show* do Caetano Veloso, comprou um gravador para registrar o áudio do evento; entretanto, com humor, confessa: “*não acertei com a tecnologia e o show não foi gravado*”. Lembra-se que, nessa época, o artista chegou de Londres muito incisivo, fazendo trejeitos de Carmen Miranda, comportamento que era considerado escandaloso e inapropriado para a época.



Marcos Reigota aos 17 anos. Fotografia original resgatada de seu Título de Eleitor e restaurada por Reginaldo Elias (Página Facebook: “Colorizando o Passado”).

Além desses artistas, também teve a oportunidade de assistir Gilberto Gil, Jards Macalé, Paulinho da Viola, Jorge Ben, Elis Regina, Chico Buarque e Gal Costa em seu *show* Índia. Especificamente dessa última artista, recorda-se de tê-la visto, de maneira provocativa, no palco, com violão e pernas abertas. Sobre isso pondera: — “*Imagine um adolescente dessa época vendo essas pessoas*”. Em seguida, salienta o valor cultural e político

desses artistas. E ao mesmo tempo, esclarece que não imaginava, ou não tinha qualquer noção, da importância

que essas pessoas, mais tarde, teriam para a história do Brasil.

Muitos desses eventos ocorriam durante a semana, coincidindo com o horário de suas aulas em período noturno. No entanto, o entrevistado recorda-se de alguns professores, especialmente de um professor de português, “*nada submisso*”, que incentivava a turma inteira a comparecer aos shows. Dizia o professor, com seus cabelos longos, personalidade excêntrica e rebelde: “*Vocês não têm que assistir aula, vocês têm que ir ao show*”. Marcos, imediatamente, com descontração exclamou: “*Imagine, não precisava falar duas vezes, a gente ia!*”.



Fotografia, outubro de 2018. Sydney (Austrália) Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

Em seu relato, reconhece a importância e a potência desse momento histórico do qual participou em sua juventude, diante de tantos intelectuais, artistas e professoras/es que marcaram o pensamento crítico de sua geração. Sente-se profundamente honrado por ter vivenciado tudo isso de perto. E todos esses eventos só foram possíveis por conta da presença dessas

faculdades na cidade de Tupã.

Quando interpelado sobre qual música poderia definir os momentos mais memoráveis de sua infância e juventude, respondeu enfaticamente “*Alegria, alegria*” de

Caetano Veloso — “*eu fico até arrepiado*” — e em sequência destaca o valor da música em sua vida: “*A música sempre esteve muito presente em minhas reflexões, em minha existência. Não somente a música brasileira, mas particularmente a música brasileira desse período, porque são críticas e ligadas à poesia.*”

Além da mencionada canção de Caetano Veloso, aponta que apreciava, também, a canção “*Marta Saré*”, composição de Edu Lobo, interpretada por Marília Medalha. Recorda-se, com nitidez, de ter conversado sobre essa música com um de seus primos, durante uma visita à casa dele, em Tupã.



Tupã/SP - 1975. Terceiro colegial. Com Maria Ivete Katsue Saito, Mauro Manhoso tocando violão (Provavelmente Raul Seixas). Sobre essa fotografia Marcos disse em sua página do Facebook no ano de 2017: “*Ainda não havia Belchior para mim, mas ele estava chegando...*”.

Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

Assinala que Edu Lobo é um artista que particularmente aprecia e acompanha sempre. Por outro lado, revela ter especial interesse pelo trabalho artístico do cantor e compositor Belchior (1976), destacando a profunda influência que o álbum *Alucinação* teve em sua

vida. Segundo ele: “*o disco todo, o Alucinação, traduzia o que eu pensava, o que eu sentia*”:

Evidentemente eu não tinha condições de me expressar daquele jeito, naquela intensidade do Belchior. Ele fazia shows para o movimento estudantil. Eu ia sempre vê-lo. Os ingressos eram bem baratos (...). Eu tive a oportunidade de me encontrar com ele em várias ocasiões, no aeroporto, no bar ou na padaria, a gente foi vizinho por um tempo. Tenho quase todos os discos do Belchior, mas o *Alucinação* é o que mais me marcou (Belinaso; Codes, 2020, p.148).

No período em que o artista havia lançado esse álbum estava chegando em São Paulo para estudar. Até os dias de hoje conserva o exemplar que adquiriu nessa época junto aos diversos discos de LP que compõem sua discoteca pessoal. Mencionou, ainda, que o disco trazia críticas sutis a Caetano Veloso, particularmente em uma passagem onde Belchior faz referência a “*um antigo compositor baiano*” que dizia que “*tudo é divino, tudo é maravilhoso*”. Em sua interpretação, essa era uma forma de Belchior contestar a visão otimista de Caetano, enfatizando que nem tudo era divino ou maravilhoso.

*

Mediante algumas de suas memórias mais caras, fica claro que sua capacidade de refletir e questionar o que vivenciava em seu cotidiano, assim como seu comportamento observador, foram características que o acompanharam ao longo de sua vida. Tais características tiveram por base a diversidade de um contexto social, político, cultural e familiar significativamente complexo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aritana Lima. **Cultura escolar e educação no contexto da Ditadura**: Feira de Santana (1968-1974). 2017. 85f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - UEFS, Feira de Santana, 2017.

ALONSO, Gustavo. **Ame-o ou ame-o: música popular e ufanismo durante a ditadura nos anos 70**. *Boletim do Tempo Presente*, n.04, p. 1-17, ago. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente>. Acesso em: 02 jan. 2025.

BELCHIOR. **Alucinação**. São Paulo: Philips, 1976.

BELINASO, Leandro; CODES, Davi. **Na pele do mundo**: Educação Ambiental. Florianópolis: Casatrês, 2020.

BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. “Um novo Brasil”: a construção da Rodovia Transamazônica nas páginas da revista *Manchete*. **Rev. Passagens**, Rio de Janeiro, v.16, n.3, p.332-351, set./dez. 2024.

DIÁRIO TUPÃ. **“Fragmentos” da História de Tupã**. 2024. Disponível em: <https://www.diariotupa.com.br/Noticias/noticia.php?fragmentos-da-historia-de-tupa&IdNoticia=48514&IdCategoria=5>

DUARTE, Alisson José Oliveira. **Educação Ambiental Quadridimensional**: Por uma Ecologia (mais) Humana. Paulo Afonso: SABEH, 2024.

QUINTANA, Mário. **Apontamentos de história sobrenatural**. Rio de Janeiro: Globo, 1976.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 2010.

VANDRÉ, Geraldo; BARROS, Théo. **Disparada**. Intérprete: Jair Rodrigues. Rio de Janeiro: Philips, 1966.



CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS: EPISTEMOLOGIA DE UM LEGADO

Alisson José Oliveira Duarte

*Eu sou apenas
um rapaz latino-americano
Sem dinheiro no banco
sem parentes importantes
e vindo do interior*

(Belchior, 1976)

Saindo da dimensão temporal de sua infância e primeira juventude, Marcos se lança ao futuro, em direção à sua vida profissional e acadêmica e, como quem faz uma autoanálise, descreve alguns dos fundamentos teóricos, filosóficos e científicos que influenciaram sua perspectiva ecologista de educação.

GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DOCENTE: A INFLUÊNCIA DE PAULO FREIRE

Quando interpelado acerca de seus antecedentes epistemológicos, imediatamente, Paulo Freire (1921-1997) surge em sua fala como aquele que mais o inspirou, não somente em sua perspectiva ecologista, mas em sua vida como um todo.

Ainda na graduação em biologia, iniciada no ano de 1977, na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras Farias Brito, foi convidado para ministrar aulas como professor

substituto, devido a uma licença-saúde de uma professora, no colégio Fernão Dias Paes, uma das escolas públicas mais conhecidas da cidade de São Paulo. O convite foi feito pela própria professora afastada, que o conhecia, e validado pela diretora da instituição de ensino.

Na ocasião, recebeu a indicação com surpresa, já que sua graduação ainda estava em andamento. — Ser professor não era uma atividade à qual se via e estava pensando em estudar Paleontologia para pesquisar sobre os *trilobites*⁶ (Reigota, 2013). No entanto, precisava de dinheiro e, por isso, aceitou a proposta.

As aulas aconteciam em período noturno, e os estudantes, em sua maioria trabalhadores, tinham praticamente a sua idade. Relata ter sido bem acolhido pelos estudantes e, sobretudo, pela equipe de professores veteranos concursados, que, em sua maioria, eram leitores de Paulo Freire.

Até então, ainda não havia lido nenhuma produção desse autor, mas o conhecia de entrevistas. Somente algum tempo depois, um amigo lhe emprestou o livro *Cartas a Guiné-Bissau*, que retrata o trabalho pedagógico de Paulo Freire (1978) na constituição de um modelo de alfabetização de adultos nesse país africano, que havia declarado a sua independência recentemente, em 1973.

Através da correspondência trocada entre o educador e a Comissão Coordenadora dos trabalhos de alfabetização em Bissau, a obra retrata as lutas, as resistências e a motivação dos militantes envolvidos na transformação econômica, social, política e cultural do país. Freire, optando por não prescrever um receituário

⁶ Trilobites são artrópodes marinhos extintos que viveram durante a Era Paleozoica, entre aproximadamente 521 e 252 milhões de anos atrás. Eles pertencem ao filo Arthropoda e à classe Trilobita.

pedagógico, partilhava do esforço comum de conhecer a realidade que busca transformar, valorizando o apoio mútuo e a troca de saberes populares (Freire, 1978).

Este trabalho chamou-lhe muita atenção porque retratava a realidade da educação em outro país, em outra cultura, fato que “*casava um pouco com seu desejo de viajar para outros lugares*”. A perspectiva abordada no livro influenciou significativamente suas práticas pedagógicas no colégio Fernão Dias Paes, que já eram relacionadas à temática ambiental. Essa experiência foi essencial e motivadora para o trabalho que mais tarde desenvolveria como pesquisador.

Destaca também que, em 1979, ingressou no curso de Geografia da USP, dividindo-se entre as aulas que ministrava à noite no Colégio Fernão Dias Paes, as que frequentava à tarde na USP e as aulas do curso de Biologia, que fazia pela manhã na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras Farias Brito.

MÚSICA, ARTE E ECOLOGIA: O EDUCADOR AMBIENTAL EM DEVIR

O que deveria ser apenas um trabalho simplório de monitorar alunos, “*fazer chamada e esperar o semestre terminar*”, assim como lhe disseram: “*vá lá, entre na sala e segure os alunos*”, até o retorno da professora responsável pela disciplina, Marcos, ao contrário, fez daquele momento uma prática profundamente significativa para os estudantes e para ele mesmo.

De acordo com ele: “*Sugeri aos estudantes que fizessem trabalhos, seminários sobre ecologia na música, na arte, com os movimentos sociais, e os estudantes foram pegando o gosto, cada um apresentava uma coisa mais*

diferente do que a outra, e eu fui me empolgando com aquilo, tanto é que depois eu fui estudar com Paulo Freire. Eu estava decidido a trabalhar com educação”.

Em fragmentos registrados em seu livro “A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna” (2011), relata que:

Com essa metodologia participativa e criativa, não estava preocupado em transmitir conhecimento sobre a ecologia, nem com a memorização por parte dos meus alunos dos conceitos científicos, mas sim em procurar fazê-los entender a relação da ciência com o cotidiano; conscientizá-los para a problemática ecológica e a importância da participação política dos cidadãos para a solução desses e de outros problemas. Minha prática pedagógica buscou ser condizente com o que eu entendia ser a proposta de Paulo Freire (Reigota, 2011, p.77



Marcos, aos 25 anos, em viagem a Olinda/PE no ano de 1981. Fase final de sua graduação em Biologia. Fonte: LDGP).

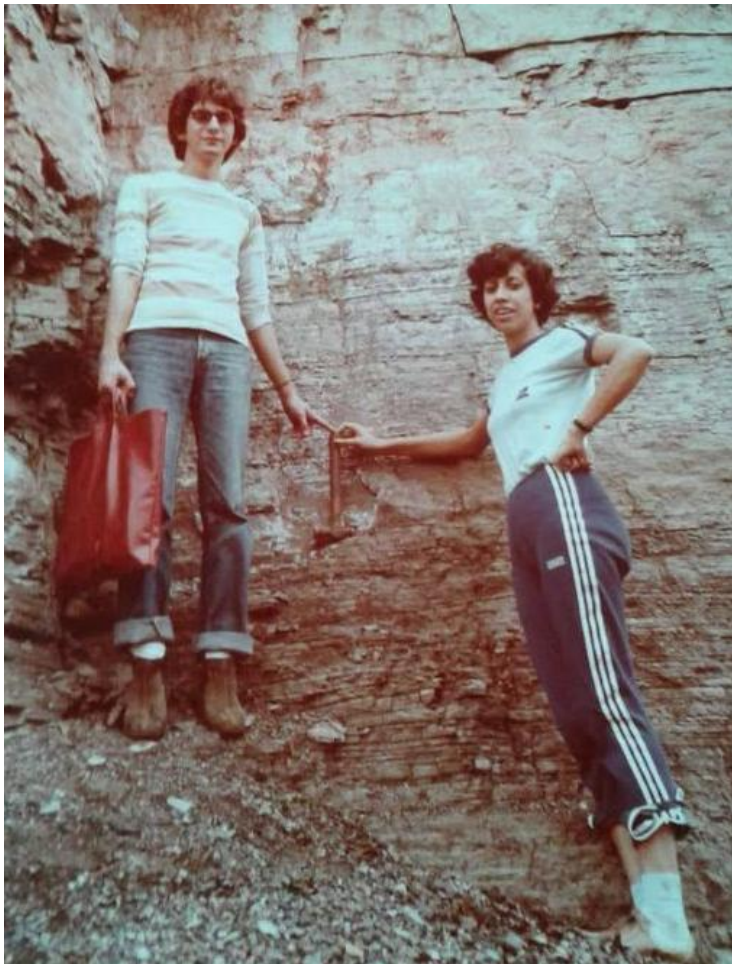
Vale esclarecer que o interesse de Marcos por questões ecológicas no campo da educação, muito se deve ao sucesso dessa experiência docente no colégio Fernão Dias Paes. No entanto, antes disso, já integrava o movimento ecologista, contracultural e estudantil de São Paulo. Com esse grupo, desenvolvia atividades de agroecologia que, nessa época, ainda não recebia essa nomenclatura. Cita como liderança desse movimento Miguel Avelar, ecologista de Catalão (Barcelona), que saía as ruas militando contra a poluição. Considerava esse ativismo incrível e registrou vários desses momentos no livro *“Corra, magrelinho, corra”* escrito em 1982, publicado recentemente (Reigota, 2023).

Observa que embora a Conferência de Tbilisi tenha sido realizada em 1977 pela UNESCO, não teve acesso a qualquer tipo de material do referido evento, mesmo em 1979, quando iniciou suas primeiras experiências docentes. Em seu curso de graduação um ou outro professor comentava sobre a importância dessa conferência. No entanto, mesmo sem qualquer documento teórico, havia a sensibilidade e a convicção de que se tratava de um evento que abordava questões sumamente importantes para a constituição e o fortalecimento da educação ambiental em cenário mundial.

Arremata que sua experiência como professor, juntamente com seus colegas que se opunham ao regime civil-militar e eram leitores de Paulo Freire, “me fizeram desistir da Trilobitoidea e me levaram à educação ambiental” (Reigota, 2013, p.44, Tradução Nossa).

Desde então, seja pelo incentivo de sua participação nos movimentos sociais ou pela promoção da educação ambiental impulsionada pela UNESCO, passou a dedicar-se intensamente aos estudos da temática

ambiental dentro de uma perspectiva política, pedagógica e social (Reigota, 1991).



Aula de paleontologia ministrada pela professora Vilma Alves Campanha nas imediações de Itu (SP). 1980. Fotografia cedida por Celia Regina Figliolino Corniani (colega na faculdade Farias Brito). Segundo Marcos: *“Eu pensava na extinção das trilobitas até que apareceu o Paulo Freire”*. Fonte: Arquivo Pessoal de M.R.

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO NO MESTRADO: O ENCONTRO COM PAULO FREIRE

Marcos explica que sua formação não seguiu um percurso linear assim como ocorre comumente. Em vez disso, foi construída de maneira fragmentada, absorvendo influências diversas de movimentos sociais, experiências práticas, referências acadêmicas e contextos políticos.

Após concluir o curso de biologia, ingressou imediatamente no mestrado do programa de Pós-graduação em Filosofia e História da Educação da PUC onde teve a oportunidade de ser aluno de uma disciplina optativa administrada por Paulo Freire. — Segundo Reigota (2012, p.35) sua opção “por cursar o mestrado na PUC-SP foi justamente por ter a oportunidade de estudar com Paulo Freire”.

No entanto, relata que aproximar-se de Paulo Freire nessa época não era fácil, mesmo sendo seu aluno. Sua turma tinha aproximadamente 40 estudantes e mesmo na hora do intervalo, conversar diretamente com o professor era algo muito disputado, uma vez que ficava rodeado por “*uma avalanche de pessoas*”. — “*Quem chegava primeiro tomava café com ele*”.

Na época a disciplina ministrada por Paulo Freire fundamentava-se basicamente em sua experiência pedagógica na África/Guiné-Bissau. Recorda-se de um trabalho acadêmico a partir do qual Freire forneceu a turma um ditado popular para que refletissem e discursassem criticamente sobre o mesmo. Diante da solicitação de Freire sentiu-se intrinsecamente desafiado a oferecer o seu melhor.

Na ocasião, para ilustrar e fundamentar suas reflexões utilizou a letra da música “O Sal da Terra” de

Beto Guedes em parceria com Ronaldo Bastos, há pouco lançada (Guedes; Bastos, 1981).

Freire buscava com essa atividade, explorar o pensamento popular. Com isso, Marcos pensou em utilizar a referida música, advinda da expressão artística e cultural, como forma de resposta. Além disso, discorre que essa música era para ele, pessoalmente muito significativa. Em um misto de humor e orgulho revela que ainda hoje guarda o trabalho com nota 9, atribuída pelo pedagogo Paulo Freire.

DIVERGÊNCIAS E RESISTÊNCIA: QUANDO FICAR É PRECISO

No decurso do mestrado teve aulas com Dermeval Saviani, que ministrava as disciplinas obrigatórias: “*Filosofia da educação 1*” e “*Filosofia da educação 2*”. Lembra que “*Dermeval Saviani era um crítico de Paulo Freire, um crítico bastante severo e foi nesse período que publicou o livro Escola e democracia que ficou muito conhecido*” (Saviani, 1983).

Ainda recentemente Saviani (2021) aborda em seus estudos convergências e divergências entre sua pedagogia histórico-crítica e libertadora de Paulo Freire. Para o autor ambas as pedagogias compartilham o interesse pela emancipação da educação em relação à sociedade capitalista, criticando a educação dominante. No entanto, apesar das convergências, Saviani afirma que Freire insere em sua visão de mundo elementos de personalismo, especialmente cristão, ligada à Teologia da Libertação. Enquanto a pedagogia histórico-crítica se fundamenta integralmente no materialismo histórico-dialético. Destaca que Freire valoriza a autonomia dos

movimentos populares e privilegia métodos não escolares, como os círculos de cultura/debates, enquanto ele defende a centralidade da educação escolar e o acesso ao conhecimento sistematizado como caminho para a emancipação.

Embora Saviani (2021, p.176) afirme reconhecer e valorizar as contribuições de Freire, critica a concepção de autonomia pedagógica popular como algo realizável, pois a vê como distante da realidade concreta. Segundo ele, apesar de a obra *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1970) ter tido destaque mundial “suas ideias pedagógicas não chegaram a se incorporar na organização educativa de nenhum dos países em que sua obra foi difundida, nem mesmo naqueles, como os países lusófonos da África, aos quais prestou assessoria educacional”.

Para alguns críticos, “*Paulo Freire era um pedagogo dos movimentos sociais e sua perspectiva de educação popular não podia ser aplicada à escola*”. Marcos acredita que havia nessa época dentro da PUC, uma disputa, não declarada de quem era o principal intelectual do momento. Descreve que:

Chegando ao mestrado, desconhecia as profundas diferenças existentes entre a "educação popular" de Paulo Freire e a "pedagogia histórico-crítica dos conteúdos" de Demerval Saviani, mas logo percebeu que naquele departamento predominava uma perspectiva que enfatizava a importância da transmissão de conhecimentos de conteúdos científicos "universais". Ficou claro que, nessa proposta pedagógica, o papel político do professor se dá através de sua competência técnica, traduzida pelo domínio dos conteúdos científicos e sua transmissão adequada. Embora nenhum bom professor possa desconsiderar a importância de sua competência técnica, seu papel político limitado a essa perspectiva era muito pouco para mim. Pela minha

prática cotidiana pedagógica e pela perspectiva política e ecológica que trazia subjacente, teve dificuldade em adotar o ideário predominante na época no Departamento de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da PUC-SP (Reigota, 2011, p.77)

Com isso, Marcos confessa que não se afinava ao pensamento de Saviani e sua orientadora de mestrado, a professora Mirian Jorge Warde, era aos seus dizeres “tão anti-freire” quando ele. — Essa era uma contradição, já que uma de suas motivações para ingressar naquele mestrado havia sido justamente a oportunidade de ter aulas com Paulo Freire.

Descontente com o mestrado, e com fatos de sua vida profissional — havia recentemente perdido seu trabalho como professor — pensou em abandonar a pós-graduação. Dividiu suas *“inquietações com a coordenadora do mestrado, a professora Maria Luisa Santos Ribeiro”*, que sugeriu que ele fosse *“para o Rio de Janeiro, fazer um semestre na UFF”*, antes de tomar sua decisão. Segundo ela, na UFF havia um excelente grupo de professores, entre eles, o Luiz Antonio Cunha, a Vanilda Paiva, a Regina Leite Garcia e a professora Nilda Alves, que ele iria gostar muito de conhecer (Reigota, 2012, p.36).

Marcos então foi para Niterói/RJ. Desde as primeiras aulas, selou com Nilda Alves profunda amizade. Conversavam “sobre cinema, literatura, artes plásticas, música e artistas” que tinham em comum (Reigota, 2012, p.38).

Em meio a essas conversas, contou seus desafios e angustias no mestrado da PUC-SP, especialmente relacionados ao cenário ideológico e hegemônico que se formava naquela instituição. Nilda se inteirou do que

estava acontecendo e interveio em sua decisão, ponderando a favor de sua permanência. Ela disse “ *você vai voltar, não vai abandonar o curso.*”

Além de retornar à PUCSP, Nilda também o motivou a fazer seu doutorado fora do Brasil, pois a temática que ele desejava desenvolver — educação ambiental e práticas pedagógicas cotidianas — ele encontraria resistência no território brasileiro, dominado, na época, por perspectivas que desconsideravam sua relevância, enquanto as práticas pedagógicas cotidianas deviam estar submetidas aos planos curriculares oficiais, definidos pelos especialistas, sem a participação dos movimentos sociais — que era por onde a pedagogia freireana transitava.

Em razão disso, reconsiderou a sua decisão de deixar o mestrado. Segundo ele: “*encerrado o período na UFF e com o estímulo da Nilda eu voltei para a PUC-SP em 1984 e fui fazer as disciplinas obrigatórias com o Demerval Saviani. Além disso, também encontrei trabalho como professor substituto em duas escolas públicas de São Paulo.*”

Analisa que sua *vida poderia ter tomado um rumo completamente diferente sem a presença e intervenção de Nilda Alves*” — professora, militante e pesquisadora dos cotidianos escolares. Foi sem dúvida uma das personalidades intelectuais que mais influenciou o pensamento de Marcos e com quem manteve laços duradouros de amizade (Reigota, 2012).

No entanto, logo após seu retorno, recorda-se que, no primeiro semestre de 1984, durante uma aula ministrada por Dermeval Saviani, abandonou a sala no meio de um seminário. Na ocasião, alguns colegas manifestaram publicamente apoio ao comportamento

homofóbico adotado pelo regime cubano, que perseguia e oprimia homossexuais por considerá-los, com base em valores tradicionais, incompatíveis com as ideias revolucionárias.

Diante dessa situação de intolerância cobrou de Dermeval uma atitude de ponderação e bom senso, pois seus colegas estavam afirmando coisas absurdas. Dermeval, no entanto, manifestou-se negativamente e Marcos revidou: “*Então não tenho mais nada a fazer aqui*”. Levantou-se e retirou-se da sala de aula. Relata: “*fui embora disposto a abandonar o mestrado definitivamente, na última disciplina*”.

Durante esse período de afastamento, ocorria em São Paulo um congresso do qual participava a professora Nilda Alves como palestrante. Marcos foi ao seu encontro para informá-la de que havia interrompido — há mais ou menos duas semanas — sua pós-graduação na PUC-SP. No entanto, ela já estava ciente do ocorrido, pois havia sido informada por Maria Luiza, coordenadora do curso. E mais uma vez, exerceu papel fundamental em sua trajetória, convencendo-o a retornar ao mestrado. Mesmo intrinsecamente contrariado, atendeu à recomendação.

Pouco tempo depois, foi publicado um edital de seleção para bolsas de doutorado no exterior. Marcos preenchia todos os requisitos exigidos para assumi-la: possuía formação prévia tanto na área de Ciências (Biologia) quanto na de Humanidades (Filosofia da Educação). Foi aprovado e obteve a bolsa, financiada pelo Banco Mundial e administrada pela CAPES.

Nessa nova etapa, em busca de uma formação acadêmica que de fato fizesse sentido, partiu para a Bélgica...

O DOUTORAMENTO E O ENCONTRO COM A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Antes mesmo de concluir o mestrado, Marcos foi admitido no programa de doutorado em Educação da Universidade Católica de Louvain, Bélgica, onde realizou seu doutoramento sob a supervisão de Jean Marie de Ketele e Paul Berthet, entre os anos de 1985 e 1990.

Embora ainda não tivesse defendido sua dissertação na PUC, já havia cumprido adequadamente todos os créditos exigidos pelo programa de pós-graduação. Para ingressar no doutorado, foi preciso submeter um projeto de pesquisa. Nessa ocasião, apresentou o que seria sua dissertação na PUC. O tema do projeto se relacionava às suas práticas pedagógicas sobre o meio ambiente, desenvolvidas em duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

Foi nesse período que utilizou pela primeira vez a teoria das representações sociais de Moscovici (1978), como fundamento epistemológico e metodológico em suas pesquisas. Quando questionado sobre o papel dessa teoria para sua perspectiva ecologista de educação e como essa metodologia transicionou para o uso das narrativas (ficcionais) e bio:gráficas de anônimos e marginalizados, informou que ao chegar em Louvain, ainda não havia tido contato com a referida teoria — que mais tarde se tornaria um dos pilares teóricos e metodológicos de sua perspectiva (Reigota, 2010a). — Segundo ele: *“nunca tinha ouvido falar nessa teoria, mesmo porque tinha feito mestrado na PUC e o pensamento predominante era o materialismo dialético”*.

Em certa ocasião seu orientador, Jean Marie de Ketele, solicitou-lhe uma definição de meio ambiente. A

partir desse estímulo, passou dias pesquisando em bibliotecas e em diversas fontes (dicionários, enciclopédias e livros) diferentes definições. Fez um fichamento de tudo que encontrou e chegou à conclusão de que não havia uma definição consensual de meio ambiente e nenhuma delas considerava que podia contribuir com seu trabalho. Foi quando disse ao seu orientador: “*não tem uma definição, mas uma diversidade*” ao passo que este o provocou a elaborar sua própria definição de meio ambiente. E assim, formulou sua própria definição com base em suas percepções e na assimilação de outros referenciais (Reigota, 2010a; 2016).

No entanto, argumentava criticamente que assim como ele tinha uma definição e uma compreensão de meio ambiente, de quem estava vindo de uma cidade esvaziada de paisagens naturais como São Paulo, outras pessoas também teriam a sua definição e compreensão a depender do contexto ao qual elas pertencem ou se originam (Reigota, 2010a).

Nesse momento que seu orientador disse: “*então você está falando de representações sociais*” e em seguida complementou “*a teoria se encaixa perfeitamente com o que você está falando; você vai estudá-la e depois voltaremos a conversar*”.

Na biblioteca da Universidade Católica de Louvain tinha diversos livros sobre representações sociais. A partir da leitura de cada um deles, sentiu-se identificado com a proposta teórica e metodológica do Psicólogo Social Serge Moscovici.

Para além da referida teoria, interessou-se profundamente pela própria trajetória acadêmica (interdisciplinar) do autor, uma vez que este transitou por diversas áreas do conhecimento, especialmente ao

dialogar com a filosofia, antropologia, sociologia, ecologia e psicologia.

Nessa jornada de estudos e aprofundamento sobre a obra de Moscovici (1978), Marcos finalmente retornou ao seu orientador e arrematou que as representações sociais de meio ambiente que cada indivíduo elabora ou expressa, resgata elementos simbólico-culturais de suas origens, referências, trajetórias e vivências. Fato este que resulta em uma multiplicidade de representações, que variam de acordo com o contexto social e subjetivo de cada pessoa.

A partir daí, seguiu utilizando a teoria e metodologia de pesquisa das representações sociais para fundamentar sua tese: “Les représentations sociales de l'environnement et les pratiques pédagogiques quotidiennes de professeurs de sciences à São Paulo-Brésil” defendida no ano de 1990.



Universidade Católica de Louvain. 16/03/1990. Com os professores Jean-Marie De Ketele e G. Meuris, assinando o diploma de doutor. Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

O RETORNO AO BRASIL E A RESSIGNIFICAÇÃO DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Marcos relata que, ao retornar ao Brasil, foi contemplado com uma bolsa de recém-doutor (1992-1993), concedida pelo CNPq, sem ainda estar vinculado a nenhuma universidade. Foi nesse período que ingressou na UNICAMP, onde conheceu Roseli Pacheco Schnetzler. Sua recepção inicialmente seria feita pela professora Corinta Maria Grisolia Geraldini, que trabalhava no mesmo departamento que Roseli. Mas quando sua bolsa foi aprovada, a professora Corinta já havia assumido o cargo de Secretária da Educação de Campinas, licenciando-se da UNICAMP. Diante dessa nomeação, Corinta indicou Roseli para acolhê-lo, o que ocorreu de forma muito generosa. Lembra que, à época, a teoria das representações sociais, apesar de algumas aproximações com outras disciplinas, ainda não tinha presença significativa na Universidade de Campinas, com isso, Roseli o colocava para discorrer sobre esse tema.

Em sequência relata sobre sua chegada à PUC, onde encontrou um grupo de pesquisadores, liderado por Mary Jane Paris Spink, que já trabalhavam com a teoria das representações sociais (Spink, 1993). Menciona que esse grupo também o acolheu de maneira muito estreita; aliás, com uma receptividade que pessoalmente, até então, nunca havia encontrado na área da educação, devido à resistência de alguns colegas diante do desconhecimento da teoria das representações sociais.

Porém, com o tempo, a teoria das representações sociais começou a assumir um movimento de caráter neopositivista, que envolvia análises de discurso baseadas em programas tecnológicos que davam pesos às palavras e

análises quantitativas que exigiam leituras estatísticas. Essa tendência, qualificada por ele como “fria”, fez com que ele perdesse o interesse pela teoria das representações sociais. Segundo ele “conversava bastante com a Mery Jane sobre esse caminho que a teoria das representações estava tomando” e que não estava se “sentindo mais nela”. Em consequência, deixou gradativamente de utilizá-la, assumindo cada vez mais as narrativas como metodologia de pesquisa, embora ainda não utilizasse o termo “narrativas ficcionais”.

NARRATIVAS (FICCIONAIS E BIO:GRÁFICAS): UMA PROPOSTA EM CONSTRUÇÃO

Mary Jane Paris Spink, professora da disciplina de psicologia social, concordava com Marcos sobre a tendência positivista/cartesiana que seguia as representações sociais. Frequentemente, o convidava para seminários, momentos nos quais falava sobre seu trabalho com as narrativas. Foi em um desses seminários de psicologia social que “*Mary Jane Paris Spink e Pedrinho Guareschi batizaram seu trabalho de narrativas ficcionais*”.

No entanto, é importante esclarecer que o primeiro autor a utilizar esse termo foi Pierre Macherey, no ano de 1966, em uma análise crítica de textos de Jorge Luís Borges, publicada na revista “Les Temps Modernes” (Macherey, 1987; Reigota, 1999a).

Mediante a sugestão, voltou-se bem humorado aos seus interlocutores e exclamou: “*Bom, se vocês estão batizando assim, então está batizado!*”. Dali em diante, foi aprofundando e fundamentando o conceito de narrativas ficcionais sob a perspectiva ecologista de educação (Reigota, 1999a), “*que não deixa de ser, de algum modo,*

um trabalho de representações sociais". Porém, com outra metodologia, livre de leituras quantitativas em programas que se propõem a analisar o discurso do outro. — *"Eu não estava interessado nisso"*.

Seu interesse se concentrava na produção de sentido contida na originalidade das narrativas, dos contos, das histórias e das falas. Também lhe interessava o contexto ambiental, político, social e temporal em que tais discursos se localizavam.

A relevância das narrativas estava, em seu modo de pensar, no reconhecimento do protagonismo de quem as narrava. Segundo ele, *"pessoas que consideravam sua trajetória sem importância passavam a se reconhecer como sujeitos da própria história"*.

Em seu entendimento, há na diversidade dessas pessoas invisibilizadas do cotidiano, contribuições políticas e existenciais mais relevantes do que as estruturas hegemônicas, incluindo a própria academia, estão dispostas a reconhecer. É nesse cotidiano marginalizado, que eles, elas e eles, operam sobre a realidade, transformando-a com seus saberes e práticas; adaptando-se às imposições históricas de seu contexto



Com Mary Jane Paris Spink – Sorocaba/SP no dia 17/05/2019.

Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

político/social, conseqüentemente, ressignificando os sentidos e os modos de estar no mundo (Reigota, 2010b).

Ilustra que uma de suas orientandas da pós-graduação, na Universidade de Sorocaba (Uniso), mulher negra, primeira filha que estudou, de pais e avós negros, sentia-se, antes de sua formação *Stricto Sensu*, apenas mais um CPF. Quando ela traz essa questão social e estrutural para sua tese, em forma de uma narrativa de si mesma, foi tomando consciência dos mecanismos de silenciamento e apagamento que sua geração foi submetida. E, no dia da defesa de sua tese, sua família se fez presente.

Recorda-se especialmente de ter se aproximado de sua avó, muito idosa, e questionado: “*A senhora está cansada?*” — disse, preocupado, uma vez que defesas de tese/dissertações podem ser cansativas para quem não tem o hábito de acompanhar. Ao passo que ela contestou veementemente: — “*De jeito nenhum! Não estou nem um pouco cansada. Vou ficar aqui até o fim!*” — disse radiante de orgulho ao ver a neta em sua defesa de doutorado.

Diante disso, ressalta que o trabalho pedagógico é, acima de tudo, um ato político, quando este possibilita “*que o outro se reconheça como sujeito e como cidadão*”. Enfatiza, ao mesmo tempo, que este processo não aconteceria sem afetividade e sem o que Marta Catunda chamava de escuta sensível do outro.

Contudo, esclarece que o trabalho com as narrativas não se qualifica como psicológico, assim como também não é literário (embora, indiretamente, possa ser tanto um como o outro). A utilização de narrativas pessoais/bio:gráficas/ ficcionais, “*tem uma perspectiva política de reconhecimento do indivíduo como sujeito digno de direitos*”.

ENTRE A CIÊNCIA E A LITERATURA: O PROTAGONISMO DOS MARGINALIZADOS

Acerca das narrativas ficcionais, interpelamos Marcos se depois de toda sua trajetória e observando os construtos e frutos produzidos, se rebatizaria o conceito por outra denominação. Justificamos a pergunta afirmando que no viés da literatura, há críticos que defendem que toda narrativa é ficcional. Relatamos que tais questionamentos já foram inclusive mencionados em bancas de mestrado e doutorado, onde especialistas da área questionam: “O que você chama de narrativa ficcional, se toda narrativa é ficcional?”.

Na mesma direção, Paiva (2008, p.6) salienta que “quem faz pesquisa narrativa é sempre confrontado com a indagação se o narrador está sendo verdadeiro. Isso nos leva, inevitavelmente, a outra pergunta. Existe realidade ou ela é também uma construção?”.

Marcos, imediatamente volveu, enfático: “não rebatizaria, porque não é literatura”. — Reigota (1999a, p.84) esclarece que, de maneira geral, “a narrativa tem sempre um componente verdadeiro, histórico, coletivo ou particular. A partir do momento em que ela passa a ser relatada, a ficção vai se tornando presente”. Por mais próxima que a narrativa seja da realidade “cada pessoa conta a história de sua maneira, enfatizando ou eliminando elementos, deixando implícitas ou explícitas as suas representações sobre o fato concreto”.

Para ele, as narrativas na perspectiva ecologista de educação, usadas como método de pesquisa, não têm um objetivo literário. Se tivessem, o rigor seria outro, muito diferente. Então, o argumento é esse: “*nós não estamos falando de literatura, mas de usar a literatura como uma*

possibilidade política do sujeito se fazer no mundo. É a escrita de pessoas silenciadas”.

Elucida ainda que as narrativas ficcionais do ponto de vista literário, muitas vezes podem ser vistas como um produto cultural, passível de comercialização, enquanto as narrativas ficcionais do ponto de vista de sua perspectiva ecologista, *“podem até se tornar tudo isso, mas esse não é o objetivo”*. Em sua análise, o *“objetivo é que o sujeito, ao escrever sobre sua história, possa construir uma consciência de si e torná-la, política e pedagogicamente, pública como ato de resistência”*.

Sobre a qualidade literária de algumas narrativas, menciona que seu livro *“Trajetórias e narrativas através da Educação Ambiental”* (Reigota; Possas; Ribeiro, 2003), antes de ser publicado era considerado apenas um conjunto de narrativas, atividade de final de semestre, de seus alunos do Amapá.

No entanto, diante da qualidade do material que revelava aspectos profundos e detalhados de como é viver na Amazônia, considerou a possibilidade de publicar na forma de livro. Enviou os textos para Milton Hatoum, com quem mantinha contato na época, para que ele avaliasse o material.

O referido autor realizou sua análise e considerou *“olha, Marcos, há pelo menos dois textos neste trabalho que apresenta qualidade literária”*, sugerindo que, embora as narrativas ficcionais na pesquisa ecologista de educação não tenham uma finalidade literária, ocasionalmente alguns textos podem apresentar essa qualidade de escrita. Em consequência, sentiu-se mais ainda motivado a submeter o trabalho à publicação, juntamente com seus estudantes do Mestrado em

Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal do Amapá (UNIFA).

NARRATIVAS E OS LIMITES DA ANÁLISE DO DISCURSO

Em sequência, perguntamos a Marcos sobre a diferença entre as narrativas do ponto de vista da perspectiva ecologista de educação e demais metodologias de pesquisa narrativa. Prontamente, explicou que a maioria das propostas metodológicas que se utiliza as narrativas, há uma interpretação das informações coletadas. — *“No que eu proponho não tem qualquer forma de análise”*. — Ao contrário, há uma especial preocupação em como o discurso dos sujeitos ganha visibilidade no espaço público e quais impactos políticos e sociais ele pode protagonizar em sua originalidade.

Além disso, ressalta que havia deixado de utilizar, como antes, a teoria das representações sociais, justamente quando o modelo de interpretação por análise de discurso estruturalista se tornou hegemônico.

Revela que em seu livro *“Educação Ambiental: Utopia e Práxis”* (Reigota; Prado, 2008), trabalho que se destaca pela escrita coletiva de diferentes narrativas de seus participantes, não houve um processo de análise dos dados coletados, houve somente uma organização dos capítulos, conservando desse modo, o valor e o objetivo de produzir uma obra de autoria democraticamente compartilhada.

Neste estudo, é ressaltado o valor e o protagonismo dos anônimos e anônimas que atuam com seus saberes e práticas no cotidiano. Entretanto, reflete criticamente: “até

onde podemos e conseguimos analisar o discurso do outro?".

EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DO SABER LATINO-AMERICANO: ANTROPOFAGISMO EPISTEMOLÓGICO

Sobre os conhecimentos produzidos por aqueles e aquelas que vem das margens, pondera em favor da cultura e da ciência latino-americana, ressaltando que, frequentemente, estudamos autores europeus e estadunidenses, porém o inverso geralmente não ocorre.

Chama a atenção para importância de valorizar o patrimônio intelectual de nossas origens, assumindo um posicionamento decolonial e protagonista perante a construção do próprio saber (Reigota, 1999b). Para ele:

No Brasil são empregados muitos conceitos que foram produzidos fora daqui. Quando você se atreve a criar conceitos, a criar noções, tem sempre alguém te olhando assim, meio de lado, desconfiando de você, como se não tivesse a capacidade, nem o direito de fazer isso. Como que se elaborar e criar conceitos e noções não fosse para nós, brasileiros (...) Mas no livro *O que é filosofia?* Deleuze e Guattari argumentam que o papel da filosofia é criar conceitos (Belinaso; Codes, 2020, p.128-129).

Nesse sentido, defende que as narrativas ficcionais, sob sua perspectiva, desde 1996/1997, já passaram por avaliações e têm pertinência científica reconhecida por diversos pesquisadores eminentes da academia brasileira.

Dentre esses autores e autoras, salientamos Mary Jane Paris Spink, psicóloga social, pesquisadora A1 do CNPq e Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, segundo ela:

Marcos é um colecionador de histórias. Como tal, poderia nos brindar simplesmente com as biografias de seus múltiplos personagens. Mas não é como personagens de história que Marcos os vê. São amigos, companheiros de jornada, ombros para chorar, amores compartilhados; são histórias contadas ao léu, ou confidências decorrentes de pactos de confiança. Contá-las é preciso, pois são elas que possibilitam entender a concretude da prática. Contá-las como narrativas biográficas seria burlar a confiança, trair a amizade. Marcos inova, transmutando se de coletor de histórias em autor de ficção. Como se fosse um fazedor de quebra-cabeças, corta cada história em múltiplos fragmentos e, embaralhando-os, cria novas histórias: as narrativas ficcionais. (...) brinda-nos, assim, com uma ficção politicamente comprometida que nos faz questionar a possibilidade de compreensão do outro: raça, nacionalidade, língua, gênero. Mas... seria mesmo ficção? Se ficção, por que a preocupação com a fundamentação teórica? Mas, se trabalho acadêmico, qual o *status* científico de personagens fictícias? (...) E o que vem a ser ficção? Não seria ela o resultado de um processo criativo de digestão e recombinação de dados da realidade? Abrindo mão do debate sobre ficção e realidade resta-nos um caminho alternativo: pensar as narrativas ficcionais como metáforas; como ilustrações de possibilidades e, sobretudo, como ilustrações dos problemas enfrentados quando estendemos nossas biografias para além dos marcos territoriais: quando a definimos em função de problemas e atividades que são, por definição, globais e, sobretudo, quando elegemos, como linha narrativa para nossas biografias, os imponderáveis dos riscos ambientais na sociedade globalizada (Spink, 1999, p.11-12).

Marcos, lembra-nos criticamente que confrontar as forças estruturais antagônicas, que nos querem apagar,

silenciar e excluir do campo epistemológico, é também, um ato político de resistência e existência.

O PROJETO “A VOZ DAS CRIANÇAS SOBRE O FUTURO DO PLANETA”

Ainda, no espaço temporal de quando retornou da Bélgica a São Paulo, após seu doutoramento, Luiza Erundina era prefeita (1989-1993) e Paulo Freire havia sido nomeado Secretário de Educação (1989-1991). Nessa época, especificamente no início de 1991, recebeu um convite de Moema Viezzer (escritora, socióloga e militante feminista brasileira) para atuar como consultor do ICAE (*International Council for Adult Education*)⁷ em São Paulo. Esse trabalho de consultoria o levou a alguns países europeus, entre eles a Noruega.

O clima político nesse país estava tenso, pois era o período da Guerra do Golfo, e temia-se, na Europa, ações terroristas. Quando chegou em Oslo, relata que fazia um frio glacial. Ao descer na estação de trem, dois policiais lhe disseram algo que ele não entendeu.

Com isso, ignorou e continuou caminhando. Imediatamente, os policiais o abordaram; um deles o segurou pelo braço esquerdo e o outro pelo braço direito. Então, ele foi conduzido a uma sala, onde o despiram e revistaram sua mala.

Uma pessoa havia sido incumbida de buscá-lo na estação de Oslo; no entanto, sem saber o que havia acontecido e devido à demora, foi embora. Passadas duas

⁷ O ICAE (*International Council for Adult Education*), ou Conselho Internacional para Educação de Adultos, é uma organização global que promove a educação de adultos como um direito humano fundamental e um componente essencial para o desenvolvimento social e sustentável.

horas, os policiais o liberaram. Já era muito tarde, e Oslo estava deserta (sem táxis, ônibus ou metrô). Os policiais o levaram, no camburão, até o hotel.

No outro dia, Marcos tinha uma reunião com Kristin Eskeland — Ex-conselheira internacional para juventude na Norsk Folkehjelp (Ajuda Popular Norueguesa). — Ela e a equipe fizeram de tudo para que ele desconsiderasse o equívoco dos policiais.

Para além desse transtorno inicial, Kristin Eskeland apresentou a Marcos o projeto *Children Speaking to Power*, que ela coordenava e que tinha a Eco-92 como objetivo. Ela o convidou para organizar e coordenar o projeto no Brasil, e ele imediatamente aceitou.

Quando voltou ao Brasil, começou suas atividades como pesquisador recém-doutor no Nepam (Núcleo de Estudos Ambientais da Unicamp) e como professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Nesse contexto acadêmico, desenvolveu o referido projeto.

No mesmo intervalo, participou da organização do II Fórum de Educação Ambiental na USP, evento no qual conheceu vários colegas que, posteriormente, foram convidados para participar do projeto “a voz das crianças sobre o futuro do planeta”.

Entre esses, estiveram na coordenação, juntamente com Marcos, Moema Viezzer, Fábio Cascino (autor e conferencista, especialista em Educação Ambiental, Ecopedagogia, Ecoturismo, interdisciplinaridade e formação de professores) e Irineu Tamaio (Professor Associado do curso de Gestão Ambiental e do Programa de Pós-graduação em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos da Universidade de Brasília - UnB). Por sua vez, esses educadores ambientais

o apresentaram a Nadine S. Trzmielina (escritora de livros infanto-juvenis, artista plástica, atriz, cenógrafa, figurinista e diretora) e Adriana Costa (psicóloga, historiadora, protagonista de projetos envolvendo arte-educação, educação ambiental e treinamento de creches), que atuavam no Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC). Divulgaram o projeto por todo Brasil, sendo inclusive cogitada a participação da cantora brasileira Rita Lee.

Marcos recebeu na Unicamp materiais vindos de várias regiões do Brasil, e esse grupo fez a seleção daqueles que mais se destacavam. A equipe então elegeu uma representante, uma jovem de Fortaleza — nesse estado tiveram o apoio do jornal *Diário do Nordeste* —. A jovem esteve no Rio de Janeiro e, depois, participou da Conferência da ONU sobre Direitos Humanos, na Áustria.

Pela prefeitura de São Paulo, atuava Maria Lúcia Leonardi (falecida). Foram os profissionais da prefeitura, convidados por Marcos, que colocaram Luiza Erundina no projeto que, segundo nosso interlocutor, deu especial apoio e enfoque à essa proposta que reverberou em todo país.

Relata que várias reuniões da equipe eram realizadas na prefeitura da cidade, no Parque Ibirapuera ou em outros espaços municipais. Durante uma dessas reuniões, Kristin Eskeland veio de Oslo e ficou profundamente encantada com o trabalho que a equipe estava desenvolvendo no Brasil.

Nesse período também teve momentos de contato com Paulo Freire, sobretudo com seus assessores. Mais tarde, reencontrou o educador no lançamento do livro *Pedagogia da Autonomia* (1997). Dias depois Freire faleceu. Declara que este livro em especial muito

influenciou seu pensamento e era frequentemente indicado aos seus alunos.

Com a chegada da Eco-92, foram organizadas várias atividades com a presença de crianças (representantes de vários países). Numa dessas atividades, as crianças conversaram com Luiza Erundina e Al Gore (político, empresário e ambientalista americano que se tornou vice-presidente dos EUA). Marcos assistiu a essa atividade, do público, ao lado de Vitor Buaiz (primeiro governador eleito pelo PT no Brasil).

Em Sorocaba, o projeto foi realizado por Gabriel Bittencourt (professor e ambientalista), que foi seu aluno na Unicamp. Gabriel também esteve com Marcos na Eco-92.

ENCONTROS COM NITA FREIRE

Relembra que conheceu Ana Maria Araujo Freire (Nita), a esposa de Paulo Freire, logo após o falecimento de seu esposo. Com ela estabeleceu vínculos de amizade.

Descreve que a primeira vez que a viu foi em uma sala reservada aos participantes de uma mesa-redonda durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), realizada no Rio de Janeiro. O evento, organizado por Márcio D’Oliveira Campos, contou com a participação de Paulo Freire, do poeta Patativa de Assaré, do ecologista José Lutzenberger e dele próprio, que na época atuava como coordenador no Brasil do projeto internacional “A Voz das Crianças”. Para ele, foi uma grande honra integrar aquela mesa-redonda juntamente com pessoas que sempre admirou e que tiveram significativa influência em sua trajetória e ativismo (Reigota, 2013).



Mesa redonda durante a Eco-92, Rio de Janeiro, organizada por Márcio D'Oliveira Campos (Unicamp), que cedeu essa fotografia. Marcos Reigota ao microfone e Paulo Freire à mesa. Também esteve presente nesse evento: Patativa do Assaré, Valdeck de Garanhuns, Davi Kopenawa e José Lutzenberger. Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

Nessa ocasião, não houve a chance de conversar com Nita ou de ser apresentado a ela. A segunda vez em que a encontrou foi no lançamento do livro *Pedagogia da Autonomia*, em São Paulo. Marcos estava na companhia de Vera Regina Rodrigues, que estava organizando um livro sobre educação ambiental e tinha a expectativa de ter seu livro prefaciado pelo renomado pedagogo. Paulo Freire os acolheu com cordialidade e atenção, no entanto, mencionou que em breve viajaria para lecionar na Universidade de Harvard/Estados Unidos, e que, se não houvesse urgência, poderia escrever o prefácio. Poucos dias depois, ele faleceu, e o livro acabou sendo dedicado

à sua memória e quem escreveu o prefácio foi o cantor e compositor Gilberto Gil (Rodrigues, 1997). Mais uma vez, ele não teve a oportunidade de conversar com Nita nem de ser apresentado a ela (Reigota, 2013; Catunda, 2022).

Em 1998, Nita e Marcos se encontraram novamente, durante um dos seminários organizados por Vera Regina Rodrigues no Rio de Janeiro, voltado à equipe que colaborou na escrita do livro *Muda o Mundo Raimundo! Educação ambiental no ensino básico do Brasil* (Rodrigues, 1997). Na ocasião, Marcos comentou com Nita que, embora compartilhassem de amigos em comum, era a primeira vez que tinha a oportunidade de conversar com ela. Aproveitou e expressou seu interesse em compreender os motivos que levaram Paulo Freire a deixar o cargo de Secretário de Educação de São Paulo. Nita esclareceu que Freire desejava mais tempo para se dedicar à escrita, algo que seu trabalho como secretário estava limitando. Ela citou algumas das obras que Freire publicou após sua saída, incluindo *Pedagogia da Autonomia*. — Sobre este livro, relata que sempre destacava em suas aulas, a influência de Nita nessa publicação, além de seu importante papel na organização das obras póstumas de Paulo Freire (Reigota, 2013).

Desde então, os encontros de Marcos e Nita se tornaram cada vez mais frequentes. Nita por várias vezes esteve em Sorocaba/SP. Relata com orgulho: “Um afeto mútuo nos une e, em muitas ocasiões, ela me presenteou com um novo livro ou edição de um de seus livros ou de Paulo Freire, contendo dedicatórias em que nossa amizade é mencionada” (Reigota, 2013, p.47, Tradução Nossa).

Segundo ele, essa relação também impactava seus alunos. Um exemplo disso é a entrevista que Nita

concedeu a uma de suas orientandas do mestrado que pesquisava sobre alfabetização de adultos (Germano, 2006).



Bienal de São Paulo de 2016. Nessa foto estão: Marta Catunda, Cinthia Pacheco Guacamaya (uma estudante mexicana que estava fazendo estágio com Marcos), Éder Proença (orientando no Mestrado e Doutorado) e Tetê Espindola (cantora, muito amiga e parceira de composições de Marta Catunda). Em pé: Sandra Ferraz (doutoranda na Uniso), Adriana Teixeira Lima (orientanda de mestrado) André Yang (orientando de iniciação científica), Alda Romaguera, Marcos Reigota (de camisa preta), Nita Freire (ao lado direito de Marcos), Carmem Machado (orientanda no mestrado e no doutorado), Cristiane Sousa (orientanda no mestrado) e o Bene Fonteles (artista que estava expondo na Bienal e que motivou a ida desse grupo ao evento). Fonte: Arquivo pessoal M.R.

Acredita que, nesse tempo, compuseram na Uniso, um núcleo de pesquisa freireAna, focado na interlocução e influência do pensamento de Nita sobre o pensamento de Paulo Freire. Por essa razão, justifica que ao “falarmos de Pedagogia FreireAna, não estamos nos referindo só ao Paulo Freire, mas também a Nita Freire e a relação

profissional, política e afetiva que tiveram (continuam tendo)”. Isso explica a ênfase no “Ana” em “Pedagogia FreireAna”, uma vez que, o nome completo de Nita é Ana Maria Araújo Freire (Catunda, 2022, p.107).

Nita o convidou para várias publicações e eventos, sendo que no livro que ela organizou “A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire” (2021), Marcos fez referência à noção de boniteza com a amizade. Nesse artigo ele apresenta a noção de “marginalidade de produção de ausência de sentidos”.

ACEPÇÕES FREIRIANAS DA PERSPECTIVA ECOLOGISTA DE EDUCAÇÃO: MUITO ALÉM DO MARXISMO

Ao longo de sua trajetória acadêmica bem como na maior parte de suas obras, sempre deixou claro como o pensamento freiriano influenciou a constituição de sua perspectiva de educação. — Por outro lado, em outras passagens de seus escritos e entrevistas, muitas vezes manifestou não ter qualquer vínculo ou influência epistemológica da corrente marxista (Pereira, 2017).

Quando arguido sobre como lidava com o fato de Paulo Freire ter fortes influências marxistas e se ele não teria herdado essas influências de maneira indireta, esclareceu que o pensamento marxista marcou alguma das múltiplas faces do pensamento freiriano, sobretudo, em suas primeiras produções a época da obra “Pedagogia do Oprimido” (1970). Com isso, a obra freiriana vai além do marxismo e é exatamente com essa pluralidade que se identifica. — Quanto a isso, enfatiza: “O Paulo Freire que leio não é um Paulo Freire engessado, reverenciado a qualquer custo” (Belinaso; Codes, 2020, p.151).

Confessa nunca ter sido um grande estudioso do marxismo e que, embora evidentemente o tenha estudado, não pode ser considerado um crítico dessa corrente e nem mesmo da pedagogia marxista. Em sua concepção, a grande expressão da pedagogia marxista foi Dermeval Saviani (2021), com quem não teve o melhor dos encontros. Assim como, com outros estudiosos que mais tarde chamaram essa perspectiva de pedagogia histórico-crítica.

Recorda-se de ter estudado a teoria marxista com o professor Octavio Ianni, em seu mestrado na PUC, a partir do qual teve contato mais aprofundado com a obra “*O Capital*”. “*Em cada aula era um capítulo desse livro e ao final do semestre tinha que apresentar um trabalho*”.

Em certa ocasião, encontrou o professor Octavio Ianni na cantina da PUC e expôs com sinceridade “*professor não estou conseguindo fazer o trabalho pautado em ‘O Capital’*”. E explicou que até onde havia estudado não havia encontrado qualquer correlação com a ecologia ou com a educação ambiental. Octavio Ianni, na sequência, respondeu: “*you tem razão*” e recomendou que lesse a “*Dialética da Natureza*” de Frederich Engels. Recebeu o desafio com surpresa, já que havia passado a maior parte do semestre estudando Marx. O trabalho deveria ser entregue no final do semestre, porém o professor Octavio Ianni estendeu o prazo permitindo que ele usasse o período de férias para ler o livro sugerido e concluísse o seu trabalho.

Arremata com essa história para justificar que nunca foi um estudioso profundo de Marx e que por isso não deve ser visto como um crítico. No entanto mais recentemente declara que tem separado em sua biblioteca tudo que se refere a Marx porque ainda conserva o desejo

de conhecer melhor sua teoria. De modo geral, agora em sua maturidade destaca: “*eu estou em uma fase em que quero pegar alguns autores e me aprofundar, e o Marx é um desses*”.

FLORES A MARX E AO EXISTENCIALISMO

Fazendo jus ao título de um bom contador de histórias vividas, revela com humor, que a primeira vez que foi em Londres, pediu a um amigo que o levasse ao cemitério onde Karl Marx encontra-se enterrado e sobre a lápide de seu sepulcro deixou flores. A partir dessa história assegura que, embora não tenha se aprofundado no marxismo, até mesmo porque muitas pessoas já tinham se dedicado à disseminação desse pensamento, não tem qualquer aversão pessoal em relação a sua epistemologia.

Em seu entendimento, o marxismo é interessante principalmente por sua análise do capitalismo e dos impactos da Revolução Industrial, aspectos que não eram o foco principal de sua perspectiva.

Seu ponto de reflexão estava em autores contemporâneos como: André Gorz (que era uma referência na ecologia para ele); Hans Jonas que foi parceiro intelectual de Hannah Arendt; Ilya Prigogine e Isabelle Stengers (Nova Aliança); Serge Moscovici da psicologia social, entre outros. E quanto a Paulo Freire, sublinha que o seu livro *Pedagogia da Autonomia*, escrito logo após a sua saída da Secretaria de Educação de São Paulo, é profundamente existencialista e não mais evidentemente marcado pelo marxismo.

Enfatiza que essa obra em especial, marcou significativamente a sua trajetória e o seu pensamento, e por muito tempo a recomendou como leitura obrigatória

aos seus orientandos. — Quiçá, encontra-se nessa produção, as raízes existencialistas da perspectiva ecologista reigotiana de educação.

DIMENSÃO POLÍTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Marcos esclarece que em sua perspectiva de educação, a política é um elemento basilar, porém não uma política partidária — como ocorre no marxismo-partidário⁸ que sugere uma normatividade. — Ao contrário, a dimensão política que se refere na educação ambiental é aquela que defende *“a construção da cidadania, da Participação Popular, da livre escolha, da possibilidade de existência e pertinência dos discursos calados, caluniados”*. Sobre esse partidarismo, relembra ter tido muitas divergências com colegas da Educação Ambiental.

Complementa que a dimensão política *“é como as pessoas respondem ou não àquilo que estão em desacordo”* ou em outros casos àquilo que estão de acordo. No caso do marxismo ortodoxo, deve haver uma plena concordância com seus valores. Relembra que: *“uma freira foi em minha casa falar que eu não servia para a igreja, porque eu era contra os dogmas religiosos. Eu tinha apenas 10 anos de idade, não vai ser como profissional que eu vou ser obediente a determinados dogmas ou reproduzi-los”*.

Salienta que, falar sobre isso em um ambiente

⁸ O **marxismo-partidário** é uma corrente do marxismo que enfatiza a necessidade da organização política através de um **partido revolucionário** para a conquista do poder e a transformação da sociedade. A ideia central do marxismo-partidário é que a revolução social, para ser bem-sucedida, deve ser liderada por um **partido político organizado**, que represente os interesses da classe trabalhadora (proletariado) e orquestre a derrubada das estruturas de poder da burguesia.

protegido, como em sua casa, durante uma entrevista, é fácil. Porém tem vivo na memória como foi difícil defender o que pensava, em vários momentos do passado, quando muitas vezes foi acusado de ser um uma pessoa de direita, inclusive em momentos e espaços públicos. Essas pessoas que o acusavam frequentemente não eram de direita, mas os próprios colegas de esquerda que não aceitavam ser questionados e que sabiam pelo convívio que ele nunca se posicionou politicamente como tal.

Em conformidade com seus próprios dizeres: *“eu me posiciono como um cara de esquerda. Mas uma esquerda ligada aos direitos humanos, à justiça social e à democracia”*.

O PREÇO DA CRÍTICA: RUPTURAS (DES)NECESSÁRIAS

Revela que, ao publicar o artigo “Cidadania e Educação Ambiental” no ano de 2008, na revista *Psicologia e Sociedade*, enfrentou uma repercussão inesperada. O artigo, oriundo de um texto mais extenso com cerca de 50 páginas, havia sido resumido para a publicação, mas a versão completa foi incluída posteriormente em um livro organizado por Ribeiro, Bernardes e Lang (2007) da Universidade Federal de Alagoas. Esse texto era uma crítica contundente às políticas ambientais do primeiro governo Lula, especialmente durante a gestão de Marina Silva no Ministério do Meio Ambiente.

Nessa época houve a liberação da safra de soja transgênica, a retomada do discurso das usinas nucleares e o projeto de transposição do Rio São Francisco. Temas esses que não enfrentaram oposição pública significativa

na época, especialmente daqueles que se posicionam de esquerda, o que considerava alarmante. Nesse mesmo intervalo, relata que criaram em Brasília um documento de educação ambiental que era para ser distribuído nas escolas, contendo referências desatualizadas que considerava inadequadas (Reigota, 2008).

No referido artigo, questionava “*por que a educação ambiental crítica não criticava o modelo capitalista de um governo de esquerda*”. Quando o artigo foi publicado, enfrentou reações intensas. — “*Vocês não têm ideia como foi! Para que fui escrever aquele texto?!*”

No entanto, ressalta que era mais forte que si mesmo, e que o ato de não escrever poderia lhe trazer o sentimento de convivência e passividade com o que estava sendo decidido. Percebeu que sua crítica tocava em uma ferida profunda: a contradição entre o discurso ambiental progressista e as práticas governamentais que, sob sua ótica, sustentavam interesses econômicos tradicionais. — Inclusive por parte de muitas ONGS que estavam “atuando como organizações do aparelho ideológico de Estado”, enquanto a denominação ‘não governamental’, perdia completamente o sentido (Reigota, 2008, p.66).

Revela que o artigo se tornou um dos textos mais lidos de sua produção acadêmica. Assim que concluiu a redação, enviou-o diretamente a colegas que atuavam no Ministério do Meio Ambiente e no Ministério da Educação, para que tomassem ciência do conteúdo. Posteriormente, o texto começou a circular amplamente pelas redes e com isso, percebeu que várias pessoas se afastaram após a publicação.

Sem argumentos para refutar suas críticas, colegas novamente o rotularam como alguém de direita. Ressalta que sua intenção ao escrever o artigo era justamente

colaborar com o fortalecimento da esquerda, oferecendo uma análise crítica que apontava incoerências e propunha ajustes. Porém não foi bem recebido ou compreendido, especialmente nas universidades.

De acordo com ele, as pessoas o chamavam para discutir o mencionado texto em auditórios lotados. No entanto, ao longo da palestra, geralmente em universidades federais, as pessoas se retiravam, mostrando nítido protesto e boicote. Especialmente na Universidade de São Paulo, em São Carlos, foi convidado para um evento onde deveria apresentar e discutir o referido texto. Colegas da UFSCar estavam presentes e prepararam estrategicamente quem iria questioná-lo. Inclusive afirma que foi informado por uma colega que isso iria acontecer e que seria pressionado por um determinado grupo.

Minutos após o início da palestra, a informação se consumou quando uma jovem começou a questioná-lo de maneira acintosa e Marcos percebeu que ela falava por outra pessoa. Ao responder deixou claro que a sua resposta não se direcionava exatamente a ela, mas a quem supostamente estava por trás dela.

INTOLERÂNCIA NO MEIO POLÍTICO E ACADÊMICO

Em outra situação, foi convidado para discutir o artigo supracitado no 1º Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países Lusófonos e Galiza que ocorreu em setembro de 2007, em Santiago de Compostela, Espanha. Nessa ocasião devia participar de uma mesa-redonda que tinha por temática “*o que acontece com o meio ambiente quando a esquerda chega ao poder*”. Aceitou participar desde que a Universidade de

Santiago de Compostela custeasse a sua estadia no país, uma vez que se recusava, por razões de incompatibilidade, a ir com o dinheiro do governo brasileiro.

Assim ocorreu, no entanto, ao chegar no país deparou-se com um grupo de brasileiros, inclusive com um representante do Ministério do Meio Ambiente, que conhecia desde o tempo do movimento estudantil. Depois que encerrou a exposição de seu texto, lembra-se da pesquisadora Isabel Carvalho, da Universidade Luterana de Porto Alegre, lhe fazer algumas perguntas, em seguida o referido representante do Ministério do Meio Ambiente, que inclusive ainda se encontra atuante (2024), disse em público que não sabia porque o haviam convidado e que ele não era um representante do movimento ambientalista, que fazia parte de uma universidade de segunda categoria, e que, portanto, não tinha o que fazer naquele evento.

Em seguida essa pessoa foi, conforme seu relato, aplaudida por brasileiros que estavam no evento. Não por todos, mas especialmente, por aqueles que estavam ali com estadia paga pelo governo brasileiro.

Acredita que este representante do governo, que não estava presente no início da mesa-redonda, teria sido chamado, no hotel em que estavam hospedados dentro da Universidade, por um terceiro que supostamente o informou sobre suas críticas. Quando o representante do governo brasileiro fez os seus comentários agressivos, Marcos recusou-se a responder a investida, uma vez que *“não se tratava de uma crítica, mas de um ato de desrespeito”* e definitivamente não estava naquele local para ser publicamente desqualificado.

Por este motivo, foi embora de Santiago de Compostela para a cidade do Porto, Portugal sem esperar o término do evento, onde aguardou três dias para pegar um voo de volta ao Brasil. Esse fato lamentável implicou em rupturas com diversos colegas da área de educação ambiental. Atualmente, a oitava edição desse congresso será sediado na cidade de Manaus, Amazonas no ano de 2025 e Marcos espera por uma retratação oficial, já que a situação ocorreu no espaço público e político desse evento.

UM RAPAZ LATINO-AMERICANO VIAJANTE PELO MUNDO

Ao ser lembrado de seu antigo sonho de infância de “*viajar pelo mundo*”, destacamos o quanto é perceptível, ao estudar sua obra, que ele realizou muitas viagens ao longo de sua carreira. Com isso, interpelamos por onde ele havia passado e como essas experiências contribuíram para sua visão de mundo na condição de um rapaz latino-americano.

Com um sorriso cheio de gracejo respondeu “*eu sou apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes*”, em referência à canção de um de seus cantores e compositores brasileiros favoritos, Belchior. Depois dessa alusão, lembrou, com entusiasmo, que teve a oportunidade de viajar pelos cinco continentes, muitas vezes retornando a alguns lugares a trabalho. Entre as várias experiências marcantes, destacou sua ida a Moscou em 1987 para participar do Congresso Internacional sobre Educação e Formação Relativas ao Meio Ambiente, realizado em Moscou, Rússia, em plena era da União Soviética.

Relata que durante uma de suas visitas à biblioteca da UNESCO — na França —, foi convidado a participar do congresso por um colega russo, um dos responsáveis pela temática de Educação Ambiental na UNESCO, que sempre o recebeu muito bem. Demonstrando imediato interesse, contou com o apoio desse colega para obter o visto de entrada no país, o que possibilitou sua participação. Rememora ter ficado hospedado na Universidade Patrice Lumumba e qualifica a experiência de participar do evento como profundamente enriquecedora.

Quando ainda cursava o doutorado, em 1989, colaborou com a queda do muro físico de Berlim. De acordo com ele: *“Os estudantes de Louvain organizaram uma viagem de fim de semana até lá. Viajamos a noite toda de ônibus. E eu ajudei na derrubada do muro e tenho*



Muro de Berlim. 1989.
Fonte: Arquivo Pessoal de M.R.

um pedaço dele comigo. A foto não está muito boa, mas é muito importante para mim”.



Fragmento do muro de Berlim. 1989. Fonte: Arquivo Pessoal de M.R.

O muro físico de Berlim foi literalmente derrubado por cidadãos comuns. Depois que os guardas da Alemanha Oriental abriram os postos de controle, multidões de berlinenses, tanto do lado oriental quanto do ocidental, começaram a destruir o muro em um ato simbólico. Para tanto as pessoas utilizaram ferramentas simples, como marretas, picaretas, martelos e até as próprias mãos, ao longo de vários dias após a abertura

das fronteiras em 9 de novembro de 1989.

Em outro contexto, relembra que se encontrou com Edgar Morin, em um seminário realizado na Universidade Livre de Bruxelas, Bélgica. Destaca que, na época, Morin estava em estreito diálogo com Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, nomes importantes na ciência e na filosofia que marcaram o seu período de estudos na Bélgica.

Em Moscou, menciona ter encontrado André Giordan, um professor com quem já havia tido contato anteriormente em outros lugares. Giordan, era docente da Universidade de Genebra e um dos responsáveis pela elaboração de documentos sobre Educação Ambiental na UNESCO e tinha uma perspectiva de trabalho muito próxima daquilo que gostaria de desenvolver. Esse alinhamento o levou a realizar seu pós-doutorado (1993-1994) sob a supervisão do referido professor, uma

experiência que considera extremamente importante para sua formação.

Dentre as diversas viagens que realizou pelo mundo, descreve ter visitado o Japão por quatro vezes. Em sua passagem pelo país, em agosto do ano de 2000, participou da Celebração Pela Paz em Hiroshima e em Nagasaki. Orgulha-se de ter sido um dos convidados oficiais da prefeitura da cidade para participar do evento, juntamente com sua amiga, a professora Kiyomi Sakamoto — Pedagoga pela Universidade Federal do Paraná e teóloga pela Universidade Metodista de Rudge Ramos.

Os convidados oficiais da prefeitura eram identificados por meio de uma fita roxa de cetim, fixada à lapela de suas camisas. Foi o professor Masato Morita da Josai International University que providenciou essa acolhida (Reigota, 2015).

Em todas as suas idas e vindas ao Japão, relata que visitou, em Kyoto, o Jardim Zen do templo Ryoan-ji. — O nome "Ryoan-ji" significa "Templo do Dragão Pacífico". Fundado em 1450, o templo é conhecido por seu jardim zen (kare-sansui), considerado uma referência desse tipo



Celebração Pela Paz em Hiroshima, ago/2000. Ao lado da professora Kiyomi Sakamoto que teve participação especial em seu livro "Hiroshima e Nagasaki" (2015).
Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

de paisagismo no Japão. O monumento é parte do Patrimônio Mundial da UNESCO e atrai visitantes do mundo inteiro interessados em seu simbolismo e estética natural. — Marcos, curiosamente, confia que em todas as ocasiões em que visitou o templo, logo ao abrir dos portões, foi sempre o primeiro a entrar, sem a presença de outros turistas.



Japão, Kyoto: Jardim Zen do templo Ryoan-ji, julho de 2017.
Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

PERSPECTIVA ECOLÓGICA DE EDUCAÇÃO: A NOMENCLATURA DE UM LEGADO EPISTEMOLÓGICO

Para finalizar o segundo tomo da presente entrevista, nosso interlocutor recorda-se, com bom humor, de como nomeou sua abordagem de “Perspectiva Ecológica de Educação”, provavelmente por volta de 1998, ano de ingresso como professor na Universidade de Sorocaba, a 2000, ano de fundação do grupo de Pesquisa Perspectiva Ecológica de Educação.

Em conformidade com sua narrativa, na Universidade de Sorocaba (Uniso) havia um grupo de professores que sentia que não se afinava com ele e, inclusive, mostrava comportamento visivelmente excludente em relação a sua pessoa. Confessa que até tentava se aproximar, no entanto, sem resultados.

Em certa ocasião, numa reunião de colegiado, esses professores, em sua maioria declaradamente marxistas, que se referiam às suas práticas pedagógicas de maneira pejorativa, o interpelaram ironicamente: — *“Mas, afinal, o que é que você faz?” Como se eu ainda tivesse que defender uma tese*. — Nesse momento, pensou indignado: *“agora tenho que batizar o que faço”* e respondeu rapidamente, em um movimento de improviso: — *“Eu faço a Perspectiva Ecológica de Educação”*. Desde então, passou a utilizar a nomenclatura em pesquisas, disciplinas e para denominar seu grupo de pesquisa no CNPq.

Muitos desses colegas, *“com quem tomava café”*, frequentemente, tinham esse comportamento invasivo e indiscreto de questionar: *“O que você faz?”* ou ainda: *“Mas por que você foi para o Japão... para a Alemanha? Como é que você consegue?”*. Sentia-se incomodado com esses

comentários, porque nada em sua vida vinha de maneira fácil.

Ressalta que conseguiu bolsa pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), assim como teve bolsa pela Fundação Japão. No entanto, isso somente foi possível por acreditar na pertinência de seus projetos, que passavam por avaliações rigorosas antes dessas bolsas serem concedidas.

Conclui que a nomenclatura de sua perspectiva adveio do embate entre colegas e da necessidade de sintetizar, em poucas palavras, para aqueles que não queriam entender, qual era a centralidade do seu campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BELCHIOR. **Alucinação**. São Paulo: Philips, 1976.

BELINASO, Leandro; CODES, Davi. **Na pele do mundo: Educação Ambiental**. Florianópolis: Casatrês, 2020.

CATUNDA, Marta. Depois da chuva, o sol se pôs: entrevista com Marcos Reigota. **Skholé**, São Paulo, v. 1, n. esp., p. 100-120, jul./dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes**

necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

GERMANO, Marcia Aparecida Luna Rodrigues. **Narrativas de idosos sobre a escola**: uma leitura freireana. 2006. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Uniso, Sorocaba, SP, 2006.

GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. O sal da terra. Intérprete: Beto Guedes. In: GUEDES, Beto. **Contos da lua vaga** [LP]. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1981.

MACHEREY, Pierre. Borges and the Fictive Narrative. In: ALAZRAKI, Jaime. **Critical Essays on Jorge Luis**. Boston: G. K. Hall, 1987. p.77-83.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.8, n.1, p.267-284, 2008.

PEREIRA, Elenita Malta. Entrevista com Prof. Dr. Marcos Reigota (UNISO). **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, v.4, n.6, p.255-266, jan./dez. 2017.

REIGOTA, Marcos. Fundamentos teóricos para a realização da educação ambiental popular. **Em aberto**, Brasília, v.10, n.49, jan./mar., 1991.

REIGOTA, Marcos; POSSAS, Raquel; RIBEIRO, Adalberto. (Orgs.). **Trajetórias e narrativas através da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999a.

REIGOTA, Marcos. **Ecologia, elite e *intelligentsia* na América Latina**: um estudo de suas representações sociais. São Paulo: Annablumme, 1999b.

REIGOTA, Marcos. Cidadania e educação ambiental. **Psicologia & Sociedade**, v.20, n.1, p.61–69, 2008.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares (Orgs). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 2010a.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.1-6, jan./ abr. 2010b.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola**: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 2011.

REIGOTA, Marcos. Houve uma vez um verão: Releituras com a noção de rede de conhecimentos de Nilda Alves. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 29, p. 12 pgs., 2012.

REIGOTA, Marcos. Affection, environmental education and politics: Encounters with Nita and Paulo Freire. **The International Journal of Critical Pedagogy**, v.5, n.1, p.41-49, 2013.

REIGOTA, Marcos. **Hiroshima e Nagasaki**. Sorocaba, 2015.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2016.

REIGOTA, Marcos. **Corra, magrelinho, corra**. São Paulo: Casatrês, 2023.

RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira; BERNARDES, Jefferson de Souza; LANG, Charles Elias (orgs.). **A produção na diversidade**: compromissos éticos e políticos em psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

RODRIGUES, Vera Regina. **Muda o mundo, Raimundo! Educação ambiental no ensino básico do Brasil**. Brasília/Rio de Janeiro: WWF/MMA/Fundação Roberto Marinho, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 1983.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica e pedagogia da libertação: aproximações e distanciamentos. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v.13, n.3, p.170–176, 2021.

SPINK, Mary Jane Paris. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, v.9, n.3, p.300–308, jul.,1993.

SPINK, Mary Jane Paris. Prefácio. In: REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc,1999.

CAPÍTULO III

REFLEXÕES: REVIVENDO A TRAJETÓRIA

Alisson José Oliveira Duarte

*Então vou te dar a mão
Preste bem atenção
O que você dispara,
Não para mais...*

*Lá na frente, bem em frente
Você irá descobrir
É uma caudalosa fonte
É uma roupagem do devir*

(Marta Catunda, 2011)

No último tomo da entrevista, que a esse ponto já havia se tornado um amistoso e suave diálogo, motivamos nosso interlocutor, no auge de sua maturidade, a refletir sobre a sua trajetória de vida, como quem faz um balanço integrativo do passado, do presente e das expectativas futuras. Para além da esfera puramente profissional, era de nosso especial interesse conhecer os valores intrínsecos — axiológicos — de sua obra, bem como dos sentidos existenciais que a permeiam.

PONDERAÇÕES SOBRE O DESTINO PLANETÁRIO

Marcos, com olhar atento e palavras carregadas de sentimento, iniciou destacando as catástrofes e as guerras que vêm assolando o mundo, bem como as vias preocupantes que vem tomando o destino planetário e de

toda humanidade. Citou as queimadas, as enchentes devastadoras, como as ocorridas recentemente no Rio Grande do Sul e na Espanha, com cenas de carros amontoados, plantações arruinadas, pessoas desabrigadas e vitimadas pelas mudanças climáticas. Em tom saudoso, relembra que “*antes até o céu era mais azul*” e lamenta como tudo isso e até isso tem mudado, no contexto paulista de seu convívio e no mundo de modo geral.

Menciona que, ao longo de sua trajetória acadêmica, sempre conversou com colegas, estudantes e



Fotografia registrada por Marcos Reigota (2024)

leitores sobre a necessidade de uma mudança radical em nosso estilo de vida. Em sua leitura de mundo, essa transformação é essencial para garantir a sobrevivência coletiva.

Foi com o propósito de promover uma reforma pedagógica e política da educação ambiental, capaz de romper com seus moldes conservadores, que dedicou todos os seus esforços por mais de quatro décadas.

DIMENSÃO EXISTENCIAL E AXIOLÓGICA: O SENTIMENTO DE INQUIETAÇÃO DIANTE DO MUNDO

No processo reflexivo ao qual emergiu, avalia que seu trabalho e militância, “*sem dúvida*”, têm ganhado cada

vez mais um sentido existencial. Na sua autopercepção, esse aspecto existencialista que o motiva não reduziu com o passar do tempo, nem perdeu o pique com as dificuldades. Segundo seus dizeres, “*para dar conta dessa necessidade existencialista*”, a escrita é um instrumento fundamental. Aliás, a escrita, em seu entendimento, não é somente uma forma de registro, mas “*um espaço de reflexão*” onde pode se posicionar e demarcar as questões ecológicas, éticas e políticas vivenciadas em seu tempo. — “*Estou cada vez mais existencialista, e isso é perceptível até mesmo nas músicas que ouço e nas coisas que leio*” — atestou nosso interlocutor.

Para Marcos, a dimensão axiológica de seu pensamento, ao longo de mais de quarenta anos de pesquisa, docência e publicações, concentra-se no sentimento de “*inquietação diante do mundo*”; porém, não na busca por respostas definitivas ou certezas absolutas, mas na necessidade de desvelar seus desafios, “*que são cada vez mais complexos*”. Afirmar reconhecer-se em Hannah Arendt, segundo a qual escrevia e estudava para pensar o mundo.

Para ela o eu pensante assume que “as múltiplas e incessantes ocupações da existência humana no mundo, nunca encontra uma solução definitiva para os seus enigmas, mas está pronto para respostas sempre novas” sobre aquilo que está em questão (Arendt, 2020, p.211). — Na mesma direção Marcos afirma reflexivamente que: “*Há em mim certo inconformismo e indignação que se alimenta e que se fortifica*” diante das questões cotidianas apresentadas pela realidade vivida e compartilhada.

Ao falar desse tema, recorda-se do livro *Pedagogia da Indignação*, de Paulo Freire (2000), e reafirma seu compromisso ético e cidadão perante a história de seu

tempo. Assinala que ao longo das eras, esse inconformismo caracteriza a espécie humana, e: “*Se, por um lado, há tanta obediência, por outro lado, há pessoas que vão no sentido contrário*”. E por fim, declara enfaticamente: “*Eu sempre vivi na terceira margem do rio*”, em referência ao conto de Guimarães Rosa (1994), com o qual se posiciona em um lugar de reflexão e resistência, distante dos caminhos mais comuns.

Essa inquietação, essa postura de questionamento constante, é a base de sua trajetória intelectual e existencial.

DIMENSÃO SENSÍVEL NA PERSPECTIVA ECOLOGISTA DE EDUCAÇÃO

Destaca que a perspectiva ecologista de educação abre espaço para uma forma de 'pedagogia do sensível'. No entanto, esclarece que ao longo de sua carreira, essa sensibilidade não foi o foco principal de suas reflexões. De acordo com ele sua relação com o sensível, com a arte, ocorreu de maneira dispersa e pontual, sem um direcionamento claro. Aos seus dizeres “*estava mais voltado para a dimensão política, isso sim, isso foi estudado, foi aprofundado*”.

Apontando em direção à parede de sua sala, com olhar reminescente de saudade e amorosidade, apresentou uma pintura feita à óleo, presente de Marta Catunda. E com muita ternura explicou: *Esse quadro é da Marta Catunda, ela quem me deu de presente. Tem um monte de coisa dela aqui na minha casa, e foi ela quem colocou. Ela mandava aqui... (risos). A Marta falava muito da escuta sensível, através da arte, da música, da paisagem sonora. Ela sabia música, era compositora e pintora, tinha um*

conhecimento técnico profundo sobre essa dimensão artística. — Para essa pesquisadora, dentro de uma perspectiva ecologista, o desenvolvimento de um ouvir/escutar mais sensível, aliado a uma atmosfera criativa, constitui um elemento essencial na educação (Catunda, 2013).



Fotografia: Quadro de Marta Catunda. Fonte: M.R (2024).

É interessante pontuar que Marta Catunda, foi sua orientanda de doutorado (2009-2013) e pós-doutorado (2014-2018) na Universidade de Sorocaba (UNISO) e além dessa relação acadêmica, moravam no mesmo condomínio e mantinham estreita relação de amizade.

Marta colaborou nas disciplinas ministradas por Marcos, bem como, em seu grupo de pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação, por aproximadamente 10 anos. Menciona que ela realizou o doutorado e, posteriormente, seu pós-doutorado em um período em que havia um edital de quatro anos que permitia aos pós-doutorandos ingressarem nos programas de pós-graduação como professores. Contudo, lamenta que, na época, “*tudo fizeram para a Marta não entrar*”, uma lembrança que ela carregava com grande tristeza. Apesar das dificuldades, enfatiza que Marta produziu muito por

meio de sua escrita e contribuiu significativamente com essa dimensão pedagógica do sensível. Sobre essa temática admite que aprendeu muito com ela.

No entanto, alerta que ao se referir ao conceito de “*sensível*” o faz com muita cautela. Em seu ponto de vista, “*embora o termo seja empregado de maneira correta e expresse muito bem o seu propósito*”, acredita que ainda carece de mais definição teórica. — “*Quando você está falando do sensível, você está falando de quê?*”. — Para ele, esse conceito integra uma multiplicidade de áreas do conhecimento, como a arte, a psicologia, a filosofia, a antropologia, a sociologia, entre outras, cada qual com sua própria definição, indicando a complexidade e a amplitude desse conceito.

ESCREVIVENDO UMA EXPERIÊNCIA SENSÍVEL: A INSTALAÇÃO *THEM* DE DAN LIE

Ainda sobre a dimensão sensível, como possibilidade em sua Perspectiva Ecologista de Educação, informa sobre a recente publicação de seu artigo: “Escrevivendo e registros visuais e sonoros em torno da instalação *Them*, de Daniel Lie. — O artigo é uma narrativa profundamente reflexiva, escrita em primeira pessoa, na qual relata sua viagem a Genebra, em 2022. Na ocasião, teve a oportunidade de visitar a instalação *Them*, da artista brasileira Dan Lie, mulher transgênero. Nesse estudo, articula, ao mesmo tempo, suas reflexões e sensações provocadas pela referida obra com contextos sociais e pessoais, como a pandemia, o aquecimento global, guerras e mudanças em sua vida profissional.

Esclarece que, nesse período, estava em Genebra “para concluir uma longa pesquisa sobre a obra de Paulo

Freire, sem nenhum compromisso institucional ou contas a prestar a alguma agência financiadora, pública ou privada” (Reigota, 2024, p.2). Nessa época tinha pedido demissão da Universidade de Sorocaba (UNISO) e confessa que por razões diversas não estava emocionalmente bem. Até que, um dia, enquanto atravessava um parque que fazia parte do seu trajeto — *“embora sempre escolhesse um lado diferente para atravessá-lo”* — algo chamou a sua atenção. Era uma *“instalação artística simplesmente maravilhosa”*.

Situada entre sequoias centenárias, a obra tinha o propósito de transcender binarismos como humano e não humano, passado e presente, masculino e feminino, exposição e introspecção. Sua composição incluía elementos orgânicos, como vasos de cerâmica e tecidos ao vento, que evocavam temporalidades e ancestralidades. Marcos relaciona a referida instalação artística à Perspectiva Ecologista de Educação, que valoriza a exposição pública das experiências cotidianas e suas dimensões políticas e existenciais. Para tanto, utilizou o conceito de “escrevivendo”, empregado “por Walter Smetak, que procura captar e explicitar os instantes vividos e suas conexões artísticas, filosóficas e literárias, assim como a observação de si”, para expressar suas reflexões através da instalação de Dan Lie (Reigota, 2024, p.1).

Reflete como foi surpreendido pelo acaso — *“se é que o acaso exista”*. Segundo ele não conhecia nada sobre a artista responsável pela instalação no parque de sequoias em Genebra. — *“Passei por ali porque estava a caminho do alojamento onde eu estava hospedado”* — Explica. No entanto, quando se deparou com a obra deslumbrou-se porque *“era como um templo, um lugar*

para apreciar e ficar". Somente quando já estava indo embora, percebeu a presença de uma placa com o nome da artista e uma breve nota explicativa em inglês e francês sobre a obra, na qual dizia:

[...] Na prática artística de Daniel Lie, o tempo e os ecossistemas representam um papel essencial. O artista cria instalações nas quais os elementos orgânicos vivos e transformados, realizam assim sua própria temporalidade e suas próprias intenções. Para *Sculpture Garden*, Lie criou uma instalação *in situ* suspensa em sequoias monumentais. O artista aborda esses seres humanos, de mais de dois séculos de idade, com respeito e se inspira de sua disposição em meio círculo, criando uma forma de santuário no qual as e os visitantes podem se recolher por um tempo. Como indica o título *Them*, a instalação flutuando livremente perturba as estruturas do pensamento binário, tais como passado e presente, humano e não humano, exposição e introspecção (Reigota, 2024, p.5).

Descreve que na ocasião estava sem celular e sem internet, porém anotou o nome da artista, que até então, antes da transição, identificava-se como Daniel Lie. Assim que chegou em seu alojamento na universidade, fez minuciosa pesquisa de seu nome pelo Google e passou a noite toda lendo conteúdo online sobre ela. Foi assim que descobriu que ela é uma artista brasileira, nascida em São Paulo de mãe pernambucana e pai indonésio, bacharelada e licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Além disso, em sua busca pela internet encontrou uma entrevista com Wong Binghao e com Madeline Murphy na qual Dan Lie expõe o impacto que a leitura do livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, lhe causou, quando ainda estudava na UNESP. — “/sso

mudou tudo para mim” — Exclamou, sentindo-se identificado.

Assume que no período em que esteve em Genebra voltou por diversas vezes à instalação. Porém em cada volta, tinha mais informações sobre a artista e reflexões mais profundas. Por conseguinte, passou a observar a obra a partir do que tinha lido e do que percebia ao seu redor, especialmente naquele parque. Era maio, e Genebra estava com temperaturas de 30 graus, algo incomum para aquele período do ano, e assim estava, provavelmente em razão das mudanças climáticas. Havia refugiados da guerra da Ucrânia no parque, pessoas caminhando, fazendo piqueniques ou dançando, crianças, idosos, estudantes, casais heterossexuais e homossexuais. As ruas estavam repletas pela diversidade de anônimos e anônimas, “*todas e todos naquele ambiente*” pareciam se fundir à obra.

Inspirado pela obra de Dan Lie, pelo contexto social, pela realidade temporal/histórica e por suas próprias sensações vividas nessa fase de sua vida, buscou refúgio e expressão na escrita e assim foi “*escrevivendo*” ... Em suas palavras: “*Eu comecei a escrever, escrever e escrever, e acabei entrando em contato com ela via e-mail*”. Em sua mensagem questionou se ainda estava em Genebra, pois a instalação havia sido montada apenas um ou dois dias antes de localizá-la. Com isso, acreditou na possibilidade de um encontro com a artista, o que infelizmente não foi possível acontecer.

Sente-se orgulhoso de como essa experiência sensível lhe trouxe profundas reflexões e como rendeu-lhe a publicação de um artigo, que inclusive destaca ter muitas interpretações do ponto de vista de Marta Catunda e Gerd Alberto Bornheim (1929-2002), filósofo, professor, escritor

e crítico de teatro brasileiro, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). — Sobre este último autor enfatiza que: *“Ele foi um dos primeiros a escrever sobre a relação filosofia, arte e ecologia. Foi um autor que me influenciou bastante”*.

Por outro lado, com emoção, confessou que enquanto estava em Genebra, desfrutando daquela belíssima instalação, se perguntava *“o que Marta diria sobre isso, quais músicas ou textos ela usaria para comentar criticamente a obra”*.

Em função do que foi descrito, reflete como a arte pode nos afetar de diferentes formas e dimensões. Talvez, por essa razão, justifica que seus últimos textos têm cada vez mais recorrido às artes visuais. Em sua avaliação, essa recente transição comunicativa em seus textos, ocorreu, em parte, *“por um esgotamento da linguagem escrita. A palavra, a escrita, têm limites – você dá aulas, fala, escreve... E comecei a questionar: e se trabalhássemos com menos palavras?”*. Explica que seus textos atuais, como o artigo sobre Dan Lie, têm buscado uma forma de expressão diferente da maioria de seus trabalhos anteriores.

DIMENSÃO (ECO)ESPIRITUAL COMO POSSIBILIDADE NA PERSPECTIVA ECOLOGISTA DE EDUCAÇÃO

Por conseguinte, redirecionamos as reflexões de Marcos, saindo da dimensão artística, para a dimensão (eco)espiritual enquanto possibilidade em sua perspectiva ecológica de educação. Para tanto, afirmamos reflexivamente que: vivemos em um país marcado pela colonização onde, ao chegarem, os portugueses encontraram comunidades originárias preexistentes no

Brasil (território assim denominado após a invasão ocorrida no ano de 1500). Complementamos que essas comunidades desde antes do Brasil ser Brasil possuíam uma visão (eco)espiritual muito particular de interagir e interpretar o meio ambiente.

Nesse sentido, com curiosidade, perguntamos se a sua perspectiva ecologista de educação abre espaço para o aprofundamento da ecologia profunda e/ou ecoespiritualidade, percepção presente não somente nas tradições indígenas, mas também entre as manifestações espirituais afrodescendentes.

Com muito respeito, ele explica que, em sua concepção, espiritualidade está inserida em um campo mais amplo, o da subjetividade e da construção do sujeito de direitos. Embora tenha lido sobre o tema e acompanhado o trabalho de autores como Arne Naess e Leonardo Boff, que possivelmente pode ter influenciado a constituição da Encíclica do Papa Francisco, deixou claro que esse não foi um tema central em suas pesquisas. Seu foco sempre esteve mais voltado para a vertente política do meio ambiente, assim como há nos conceitos de André Gorz (um dos principais teóricos da ecologia política) e Félix Guattari (precursor da perspectiva ecosófica).

Reconhece o espaço democrático que o pensamento indígena deve ocupar, destacando as contribuições de Ailton Krenak e a riqueza das narrativas e cosmologias dos diferentes povos originários, como as apresentadas por Kopenawa e Albert (2015) em *A queda do céu*, obra que considera “primorosa”.

Sobre isso, recorda-se de experiências anteriores, quando coordenou a formação de profissionais em educação ambiental nos Estados do Amapá e Rio Grande do Sul, entre os anos de 2000 e 2002, ocasião em que teve

a oportunidade de se aproximar de bio:grafias de extensionistas, incluindo comunidades indígenas. Dessa experiência, resultou o livro “Educação ambiental: utopia e práxis”, publicado em 2008, em coautoria com Bárbara Heliodora (sua orientanda de mestrado).

Segundo consta nesta obra, as narrativas desse grupo buscam, entre outras coisas, a definição e construção da educação ambiental promovida no cotidiano de educadores e educadoras ambientais anônimos do estado do Amapá e Rio Grande do Sul. Logo, as narrativas “estavam distantes do tom oficial de relatórios e próximas da experiência inicial, ou seja, nas quais os sujeitos se mostram, enfatizam e testemunham a interação social e as experiências de intervenção vividas no cotidiano” (Reigota; Prado, 2008, p.39).

Dentre as diversas narrativas dessa publicação, sublinhamos a participação do professor Dorvalino Cardoso, da terra indígena Votouro, Rio Grande do Sul. Segundo o qual:

A visão de mundo do branco é um pouco diferente. (...) Nós, índios, observamos de outra forma, é diferente. (...) O homem quer ser o dono do Universo. Já não acredita em nada. Só acredita em si mesmo. Nós *kaingang*⁹, somos uma irmandade — árvore purifica o ar, não só as árvores purificam o ar, mas também os índios purificam o ar. (...) Para purificar o ambiente fazem fogo e queimam o mal e destinam o mal para o mundo das coisas ruins. Isso deixa o ambiente puro, conversando com os espíritos da natureza, dos mortos, estes contam para os pajés, indicam a solução, os remédios. (...) Da terra, eles tiram a sobrevivência de sua família e de seu povo. Também eles se comunicam com o espírito da terra,

⁹ Os *Kaingang* são um povo indígena brasileiro que vive em Terras Indígenas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

pedindo para ajudar a plantar, para dar uma boa produção e agradecendo na colheita pela benção que foi dada, da mesma forma agradecendo a Deus, o grande Tupã. Na comunicação que os pajés fazem com os espíritos da terra, eles falam que a terra está muito cansada com a produção, que com o passar do tempo não vai mais produzir, porque ninguém está tendo mais respeito com a terra. (...) Para permanecer com a sua vitalidade, o Pajé fala com o espírito da erva e também com a própria erva para permanecer com a sua vitalidade. Por isso, os *kaingang* preservam muito a mata (Reigota; Prado, 2008, p.44-47).

Por outro lado, a narrativa da extensionista Leonila Quartiero Ramos, do Rio Grande do Sul, argumenta a necessidade de a escola observar as “múltiplas dimensões da educação ambiental” (Reigota; Prado, p.50). Seria a dimensão ecoespíritual ressaltada por Dorvalino Cardoso uma dessas múltiplas dimensões que a escola deve se atentar? — Não evidentemente, no sentido de professar na escola uma visão religiosa/espíritual vinculada a um grupo específico, mas no sentido democrático de promover a visibilidade de saberes tradicionais tamponados pelas estruturas hegemônicas (Duarte, 2024).

Apesar de sua admiração e respeito, revelou que tem cuidado especial ao abordar espiritualidade em seus trabalhos, receoso de cair na superficialidade ou no campo da autoajuda. Para ele, estudar espiritualidade requer um aprofundamento rigoroso, algo que ainda não realizou objetivamente. — Em sua visão: “*Se bem conduzido, é possível*”. — Por fim, destaca que, embora a espiritualidade não seja foco de suas pesquisas, as cosmologias indígenas lhe despertam grande curiosidade.



Evento “Arvore-se”, promovido pelo SESC Ribeirão Preto/SP, em novembro de 2024, sobre multiculturalismo. Na fotografia, estão presentes: Perci Guzzo (ecólogo e poeta de Ribeirão Preto); Fernanda Keila Marinho da Silva (professora da UFScar/Sorocaba); Marcos Reigota; Ya Bia D’Osumare (Babalorixá das tradições espirituais de matriz africana, da cidade de Uberaba-MG); Clarice Sumi Kawasaki (professora da USP/Ribeirão Preto); estudantes indígenas da UFTM e da UFScar/Sorocaba; Txai Suruí (indígena e ativista brasileira). Fonte: Sesc (2024).

PROTAGONISMO E PRESENÇA NO MUNDO: A CONSCIÊNCIA DO SEU LUGAR

Depois de rever importantes momentos de sua biografia, através de sua narrativa, questionamos Marcos: qual o seu lugar no mundo e como se posiciona diante de tudo que já viveu em sua trajetória até o momento atual. Com sorriso nos lábios e com a sensibilidade que lhe é peculiar, olhou para todos que o rodeavam e falou, com a voz quase melódica: “*Conheço o meu lugar*”, em referência ao título da música de Belchior, lançada no ano de 1979.

Nessa música, o artista reafirma sua identidade e sua presença no mundo, mostrando-se resistente a estereótipos hegemônicos que minimizam o valor de sua existência e de suas origens. Em oposição a estas estruturas, o eu lírico defende a “voz ativa” dos marginalizados, como instrumento de autonomia, escolha e protagonismo diante do mundo. Em razão disto, enfatiza a importância de cada um conhecer e ocupar o seu próprio lugar, não apenas geográfico, mas cultural, simbólico, político e existencial (Belchior, 1979).

Nessa linha de pensamento, ilustrada pela citação da canção de Belchior, Marcos destaca que seu lugar no mundo é o lugar da inquietação e do sequioso desejo de entendê-lo. E, como quem mergulha no passado, afirma que “*nunca deixou de ser aquele menino de 8 anos*” que tinha por sonho conhecer o mundo. Ressalta que essa paixão permanece viva e é parte essencial de quem ele é.

Recorda-se que, quando jovem, o desejo de seu pai era que ele fizesse um concurso no Banco do Brasil, para que tivesse a estabilidade de um bom salário que o garantisse. Mesmo que esse fosse um conselho amoroso de seu pai, salienta que nunca se contentou com essa sugestão. Explica que não desconsidera o valor de quem alcançou um concurso público na referida instituição bancária, mas “*esse não era o meu lugar*”, exclamou enfaticamente. Em sequência, ponderou, com humildade, que, para este ofício, há no mundo pessoas mais preparadas e capacitadas do que ele para trabalhar com finanças. — Sua vida tomou outros rumos, e se fez existência na perspectiva ecologista de educação.

ALMOÇO PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Sente-se orgulhoso e privilegiado, por ser alguém que se tornou um ponto de encontro e integração de diferentes pessoas, com suas diferentes perspectivas e concepções de mundo. Sobre isso, recorda-se de uma festa memorável realizada em sua residência no ano de 2017, que durou 24 horas. Segundo ele, “o título da festa era *'almoço para adiar o fim do mundo'*”, em referência à obra de Ailton Krenak (2019) “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”¹⁰.

Nessa ocasião, Bené Fonteles — ativista, artista plástico, escritor, poeta, xamã e compositor brasileiro — que também já manteve relações próximas com Gilberto Gil e Ailton Krenak, estava em Sorocaba-SP, hospedado na casa de Marta Catunda, para uma conferência no Sesc, cuja temática era “Movimentos de pensar: dimensões estéticas, ecológicas e políticas da vida cotidiana”.

Nesse evento, ocorrido no dia 24 de maio de 2017, que também contou com a participação do pesquisador Leandro Belinaso Guimarães (UFSC), Marcos atuou como mediador.

No outro dia, após o evento, o grupo de amigos combinou um almoço em sua casa, que se iniciou às 10 horas da manhã e terminou no outro dia, no mesmo horário do início. Diversas pessoas compartilharam desse momento, pessoas maduras, crianças, pessoas veganas, o churrasqueiro, vizinhos; pessoas que entravam e saíam a todo tempo de sua residência.

¹⁰ Esse termo, ou suas variações, já era utilizado por Ailton Krenak antes do lançamento de sua obra “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, no ano de 2019. Inclusive, em 2016, Ailton Krenak e Bené Fonteles apresentaram, na 32ª Bienal de São Paulo, a obra de instalação intitulada: “Conversas para Adiar o Fim do Mundo”.

Recorda-se, com humor, que não tinha os recursos necessários para acomodar todas as pessoas com o devido conforto (travesseiros, cobertores ou colchões). Muitas pessoas dormiram pelo chão, enquanto outras, “quando queriam tirar uma sonequinha”, iam para a casa de Alda Romaguera ou de Marta Catunda, que, assim como já foi mencionado, moravam no mesmo condomínio.

Enfatiza que todos os espaços de sua casa foram ocupados, especialmente a varanda, onde cantavam e tocavam violão. Observa que esse “foi um encontro de muitas pessoas de diversos lugares, cada qual com diferentes concepções de vida”. Todos se sentiram à vontade, e cada um fazia alguma coisa para colaborar na cozinha.



“Almoço para adiar o fim do mundo”: na fotografia estão o André Yang (orientando de iniciação científica), o Soler Gonzalez (professor da UFES), Andreia Teixeira Ramos (orientanda de doutorado), Marcos Reigota, Leandro Belinaso (professor na UFSC), em sequência Antônio Almeida da Silva professor na Universidade Estadual de Feira de Santana (orientando de mestrado) e o Éder Proença (orientando de mestrado e doutorado).
Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

Qualifica que este encontro foi incrível, marcado pela espontaneidade, colaboração e diversidade, que ele considera único e irreplicável. Com este relato, expressa, com emoção e orgulho, que se vê como alguém que integra pessoas e promove a possibilidade de encontros significativos, mesmo sem saber exatamente o que esses podem gerar. — Assim como o encontro desta entrevista.



Nesta fotografia, estão presentes: Kátia Regina Pereira (orientanda no mestrado); Nilson Giraldi (veterinário, que também cumpriu o papel de cozinheiro responsável pelo almoço); Alda Romaguera; Rafael Tassinari (médico psiquiatra e amigo de Marcos desde os anos 1970, quando moraram juntos em uma república de estudantes em SP); Azarias Macedo Junior, o “Juninho” (engenheiro e amigo de infância; moraram na mesma rua em Promissão quando tinham 8 anos); Lucas Francisco Scalco (músico e filósofo pela Unesp); Laura de Aro (que era estudante de psicologia na Uniso) e André Yang (que era estudante de psicologia na Uniso). No trabalho de pesquisa que ele realizou com Marcos, foi elaborada a noção de “a aventura de desnudar-se”. Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

MEDALHA DE HONRA E MÉRITO: SESSÃO SOLENE NA CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA/SP

Nesse processo de revisão e balanço de sua vida pessoal e profissional, é relevante registrar um momento de especial simbolismo, que trouxe a Marcos, reflexões profundas acerca de sua trajetória: a Sessão Solene para entrega da Medalha de Mérito em Educação, por iniciativa do vereador João Donizeti Silvestre (PSDB), realizada na manhã de 4 de fevereiro de 2023, na Câmara Municipal de Sorocaba¹¹.

A solenidade foi conduzida pelo cerimonialista Marcelo Araújo e presidida pelo então vereador João Donizeti Silvestre. Compuseram a mesa de honra desse evento o Professor Aldo Vannucchi, ex-reitor da UNISO; a Professora aposentada da USP, Maria Cecília Focesi Pelicioni; a ex-orientanda e colega de trabalho, Cristiane dos Santos de Souza Vitória.

Na mesa estendida estiveram presentes vários amigos de Marcos, como o ex-vereador Gabriel Bittencourt, Izilda Bittencourt, Alda Romaguera, Eder Proença, Kátia Regina Pereira, Maurício Massari, Rodrigo Barchi e Ana Paula Rached, Tânia Aversí, Thiago Henrique Barnabé Corrêa e Bianca Corrêa; e, na plateia, também se contava com a presença de diversos educadores, pesquisadores, autoridades políticas, amigos e ex-alunos, que vieram prestigiar e expressar sua admiração.

A cerimônia seguiu com homenagens individuais: primeiramente, o Vereador João Donizeti, que ressaltou

¹¹ A gravação da Sessão Solene de entrega da Medalha de Mérito em Educação à Marcos encontra-se disponível no canal oficial da Câmara Municipal de Sorocaba e pode ser acessada pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=QuLm1YnX1oo>

elementos da vasta trajetória de Marcos; em seguida, o público contou com a apresentação da peça sonora de Mauro Tanaka, que reuniu vozes de diversos amigos e amigas em uma gravação mixada para homenagear o impacto de Marcos em suas vidas e em sua formação. Esse momento, em especial, foi de grande emoção para Marcos, sobretudo ao ouvir, em meio a tantas vozes, o canto de Marta Catunda em sua homenagem.

Na sequência, o público acompanhou o discurso de Maria Hermogenia de Oliveira (Momo de Oliveira, falecida em abril de 2024), que destacou sua profunda amizade com Marcos, iniciada quando ambos ainda eram crianças, aos 7 anos de idade, na cidade de Promissão-SP. Em sua fala, ela apresentou Marcos como “o menino que voa” e revelou ao público que ele, uma vez, ganhou um avião de brinquedo de uma pessoa querida, já falecida, conhecida como “Fiota”. Nessa ocasião, essa personagem da vida real teria dito a ele: “você vive mais no ar do que no chão”, referindo-se ao potencial criativo que enxergava em Marcos desde criança.

Depois de Momo de Oliveira, o cerimonialista convidou o ex-reitor da Uniso, Aldo Vannucchi, para tecer suas considerações. Em seu discurso, ressaltou sua amizade com Marcos por mais de 20 anos. Em um novo momento de descontração, Mauro Tanaka voltou acompanhado de Daniela Alarcon, e, juntos, fizeram uma apresentação musical, utilizando um instrumento de origem africana. O público aplaudiu a apresentação dos artistas, e o cerimonialista anunciou a leitura, pelo vereador João Donizeti Silvestre, do Decreto Legislativo que outorga a Comenda de Mérito em Educação ao professor Marcos Reigota:



CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA

ESTADO DE SÃO PAULO

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº

"Dispõe sobre a concessão da Comenda de Mérito em Educação ao Ilustríssimo Professor Dr. 'Marcos Antonio dos Santos Reigota' e dá outras providências."

A Câmara Municipal de Sorocaba decreta:

Art. 1º Fica concedida a Comenda de Mérito em Educação ao Ilustríssimo Professor Dr. "Marcos Antonio dos Santos Reigota", por dedicar a vida ao magistério, prestando relevantes serviços à população de Sorocaba com um grande legado de luta e compromisso com a educação.

Art. 2º As despesas decorrentes da aprovação deste Decreto Legislativo correrão à conta de verba orçamentária própria.

Art. 3º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

S/S., 07 de junho de 2022

João Donizeti Silvestre
Vereador

CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA 29/06/2022 11:09 225296 1/1

Após os discursos individuais, procedeu-se a entrega da honraria (medalha e diploma) ao homenageado. Sorrisos se entrelaçaram aos *flash's* das fotografias, e os abraços trocados selaram, com afeto, a celebração de sua brilhante trajetória como educador-ecologista. Marcos recebeu a honraria emocionado e, logo em seguida, foi convidado pelo cerimonialista a tecer suas considerações:

Bom dia. Gostaria de agradecer a presença de todos e todas. Vocês sabem que esse agradecimento não é apenas uma formalidade. Agradeço imensamente a iniciativa do Vereador João Donizete em me conceder essa honraria, e também às pessoas que, sem me conhecerem, apoiaram a sua proposta.

Agradeço à equipe do Vereador João, que, com muita atenção, organizou tudo, e particularmente à Gabriela. Essa iniciativa, senhor Vereador João Donizete, caros e caras presentes, consegue, nessa manhã de sábado, reunir pessoas dos mais diversos horizontes políticos, especialistas de diversas áreas do conhecimento, distintas classes sociais e pessoas vindas de lugares longínquos, assim como, num tempo longínquo, reúne aqui pessoas que também se expõem, assim como o senhor Vereador.

A homenagem que vocês estão fazendo é a homenagem a um cidadão brasileiro que tem a sua trajetória pessoal e profissional marcada pelo inconformismo e pela desobediência a valores conservadores e práticas sociais indiferentes à ética e ao respeito a toda espécie de vida. Vocês colocam em evidência uma pessoa que lutou e luta, cotidianamente, para que sejamos reconhecidos como sujeitos de direitos, um homem, um professor, um pesquisador que aliou a sua luta à luta pelos Direitos Humanos universais, pela cidadania, pelo fortalecimento da sociedade civil e pelo bem comum.

Esta homenagem, que aquece meu “Coração Selvagem” — e aqui é uma homenagem a Belchior e a Clarice Lispector — é também uma homenagem ao coletivo que compartilha os mesmos objetivos. É uma homenagem também aos meus colegas, amigos e amigas, e a familiares que aqui estão, de uma forma ou de outra.

Esse coletivo ultrapassa fronteiras nessa luta incessante contra a indiferença, contra os poderes indignos e o abuso econômico, político, religioso e cultural de pessoas e grupos bem conhecidos — que não precisamos citá-los — frente aos desvalidos e desvalidas, enfraquecidos, enfraquecidas, oprimidos e oprimidas de todo tipo. Coletivo esse que, atuando em rede, para lembrar a professora Nilda Alves, que não pôde estar presente, produz e oferece conhecimento e alternativas políticas, pedagógicas, culturais, sociais e ecológicas, tendo a vida cotidiana e os desafios do tempo presente como foco. Somos uma imensidão, somos esporos.

Quando estive em Sorocaba, em 1991, convidado pelo professor Gabriel Bittencourt, jamais poderia imaginar que, 32 anos depois, estaria aqui recebendo essa honraria, em um momento político e ecológico planetário tão ameaçador; e um momento pessoal e profissional em que tenho tido a oportunidade de reforçar minhas convicções, meus posicionamentos e meu compromisso político, assumindo, com isso, todos os riscos que isso possa acarretar.

Bebi na fonte de Paulo Freire, fui aconselhado por Milton Santos, no início da minha carreira, a ter muito cuidado com os tecnocratas. Ele me disse isso numa ocasião na Universidade de São Paulo, alguns meses depois que eu tinha defendido a minha tese de doutorado em Louvain. Ele me disse: “O seu pensamento é muito interessante, mas os tecnocratas não vão te dar folga.” Quando vim trabalhar em Sorocaba, em 1998, convidado pela professora Roseli Pacheco Schnetzler, encontrei aqui uma acolhida que me surpreendeu: o professor Marcos

Afonso Marins, o professor Aldo, aqui presente, o professor Newton Aquiles Von Zuben, a irreverência da professora Maria Lúcia, as e os funcionários tão gentis comigo, e os meus primeiros estudantes, que, alguns deles e delas, estão aqui, que organizavam jantares deliciosos; o professor José Luiz Toledo de Camargo, que me levava para almoçar na casa dele, e as nossas reuniões com muitos salgadinhos e arroz doce.

Fui ficando, não por falta de convites e de propostas para ir para outros lugares ou para universidades mais renomadas. Fui ficando... conhecendo melhor as estruturas sociais da cidade, as narrativas ufanistas sobre a sua história, a história dos movimentos sociais, do movimento operário, do movimento ecologista antinuclear, da teologia da libertação e da presença de Paulo Freire na cidade.

Fui ficando... deliciando-me com os arquivos da professora Sônia Scheibel, com a literatura do Modesto Carone, com a arte do Marangoni, com o movimento Hardcore que o Rodrigo Barchi me apresentou e atento à nova apresentação do coral das mulheres negras. Fui ficando... consolidando estudos e pesquisas sobre o cotidiano escolar e a perspectiva ecologista da educação que deram projeção acadêmica nacional e internacional ao que fizemos.

Fui ficando... em algumas ocasiões pensei em partir de vez, pensamento este que logo desaparecia quando folheava as raras e preciosas edições que encontrava na biblioteca. Quando chegava em casa, encontrava um bilhete, um livro, um desenho, um pudim de pão feito pela Marta Catunda. Quando observava as seriemas, os ipês floridos, as primaveras e a Árvore Grande da Avenida São Paulo. Fui ficando... minha casa em Sorocaba era bem animada, a professora Alda veio morar em frente, as visitas dela e as visitas da Marta se confundiam com as minhas.

Quem esteve no “almoço para adiar o fim do mundo”, ocorrido em maio de 2017 e que durou 24 horas, sabe do que se trata. Quem perdeu, perdeu. Mas eis que “chega a Roda Viva” (Buarque, 1967): o obscurantismo e a pandemia chegaram, e todos sabemos o estrago que causaram. Tivemos que nos posicionar, a cada instante, diante da má-fé, dos negacionismos, da prepotência, das mentiras e do descaso. Tivemos que ampliar nossos abraços, agora virtuais, e nossos braços se multiplicaram, nossos dedos se multiplicaram para melhor acolher quem podíamos acolher, porque já não podíamos acolher a todos.

Os esgotamentos se multiplicaram, a tecnocracia — e Milton Santos já havia me alertado lá no início da minha carreira — não era para eu estar desprevenido, no entanto, eu estava. A tecnocracia mostrava suas garras e sua cumplicidade com a ignorância e com a maldade; mostrava também a sua capacidade de construir inverdades e artimanhas e, com elas, cooptar poderosos apressados e subalternos submissos e coniventes.

Mas ainda fiquei mais um pouco, até que praticamente todos e todas com os quais eu tinha compromisso de orientação concluíssem seus trabalhos. Pedi demissão depois de 24 anos de trabalho.

No mesmo dia em que entreguei a minha carta de demissão, recebi um e-mail do Vereador João Donizete dizendo que precisava falar comigo. Fiquei um pouco assustado, mas liguei para ele. Foi quando soube da intenção que ele tinha, que culmina nessa manhã, e eu lhe avisei: não quero causar nenhum problema político para você.

E, com sentimentos bastante controversos — eu tinha acabado de entregar minha carta de demissão e receber uma proposta de ser homenageado aqui na Câmara — vocês podem imaginar.

Acho que não tive noção do que ele estava me oferecendo, e peço desculpas públicas por isso. Então, espero que essa conversa, que culmina nessa manhã, não termine aqui, e que essa comenda seja oferecida a outros colegas, professores e professoras, que carregam consigo a mesma dignidade. Muito obrigado.

Mais do que uma cerimônia protocolar, aquele sábado foi um gesto coletivo de reconhecimento a uma vida dedicada à educação, à pesquisa e à constituição do pensamento ecologista. Cada palavra dita, cada expressão e olhar compunha um mosaico humano de gratidão.



Na fotografia, da esquerda para a direita, estão presentes: Laura de Aro Galera (psicóloga, mestre em Psicologia Social); o vereador João Donizeti Silvestre (ex-aluno do mestrado da Uniso); Marcos Reigota, e; a professora Setiuko (colega desde a época do colégio Fernão Dias Paes). Fonte: Câmara Municipal de Sorocaba, 2023.

REFLEXÕES SOBRE O MEIO AMBIENTE ACADÊMICO

Especificamente sobre o universo acadêmico, do qual se aposentou e gradativamente se afastou, Marcos reflete sobre os diversos desafios enfrentados durante sua trajetória, principalmente aqueles relacionados à competitividade dos colegas e ao produtivismo exigido pelas instituições universitárias.

Iniciou ressaltando como o ambiente acadêmico pode ser potencialmente adoecedor, por muitas vezes carecer de respeito e tolerância entre os colegas de profissão. Essa intolerância e competitividade se exacerba quando cada um isola-se em suas próprias verdades. Sob seu ponto de vista, “*as pessoas não precisam fazer o que você sabe*”, sendo ao contrário, desejável a coexistência de diversas perspectivas de trabalho; e não é por que não fazemos o mesmo que o colega faz, que a sua pesquisa deve ser banalizada. Sob seu ponto de vista, essa ausência de reconhecimento mútuo e as frequentes disputas transformaram alguns espaços acadêmicos em ambientes áridos e frios, do qual, atualmente, sente um certo alívio por ter se afastado.

No entanto, isso não sugere uma desvalorização de tudo aquilo que a academia representa. Em seus próprios termos: “*não estou cusindo no prato que comi*”. Esclarece que atualmente não tem mais a capacidade de antes para suportar as pressões e as disputas do ambiente acadêmico. Reconhece que cumpriu seu papel nesse espaço e que atualmente precisa priorizar outras dimensões de sua vida.

Acredita que a pandemia da Covid-19 foi um divisor de águas nesse processo. Confessou ter enfrentado nessa época uma depressão profunda, desencadeada por

diversas perdas significativas e sucessivas de pessoas que eram parte de sua vida cotidiana.



Em um restaurante de Bruxelas/Bélgica, com sua amiga Maria Hermogenia de Oliveira, mais conhecida como Momô de Oliveira (de Promissão, falecida em abril/2024). Marcos conserva sobre a máquina de costura que era de sua mãe um tapete artesanal de retalhos feito e dado de presente por ela (vide fotografia na introdução da Unidade I). Além de amiga de Marcos, Momô Oliveira tinha formação em direito, atuou como atriz e dubladora. A pauta antirracista, os direitos dos idosos e a política eram temas que Momô tratava ativamente em seu canal do Youtube. Fonte: Arquivo pessoal de M.R. (2022).

Para ele, esse período evidenciou a necessidade de repensar suas relações e prioridades. Em virtude disso, ressalta a importância de encontrarmos sentido e satisfação no que fazemos, seja estudando, trabalhando ou pesquisando. *“Estar bem é essencial para realizarmos qualquer coisa”*.

Afirma, categoricamente, não participar mais de bancas de defesa de mestrado ou doutorado. Todavia, apesar dos limites que estabeleceu para manter outro

estilo de vida, continua a receber convites para participar de eventos e debates, geralmente vindos de amigos e colegas com quem mantém vínculos duradouros. Por outro lado, aceitar convites nesses últimos tempos tornou-se algo mais criterioso, uma vez que além de sua vontade de contribuir, tem a necessidade de preservar sua saúde física e emocional.

Outro ponto abordado por Marcos nos derradeiros momentos dessa entrevista, foi sobre sua produção acadêmica. Assinala que nunca se deixou guiar pela lógica produtivista predominante em muitos centros universitários. Destaca que sempre buscou uma contribuição política em suas publicações, e não apenas atender a exigências institucionais e trabalhistas. Esclarece que suas produções sempre foram fruto de um

trabalho cuidadoso e de uma necessidade real de comunicar algo relevante para a sociedade:

(...) os meus textos não são só textos. Eles são uma parte de mim, aquilo que eu ofereço, aquilo que sai das minhas entranhas, uns mais, outros menos, mas os meus textos refletem os compromissos que eu tenho comigo, com a vida e com o mundo (Belinaso; Codes, 2020, p.150).

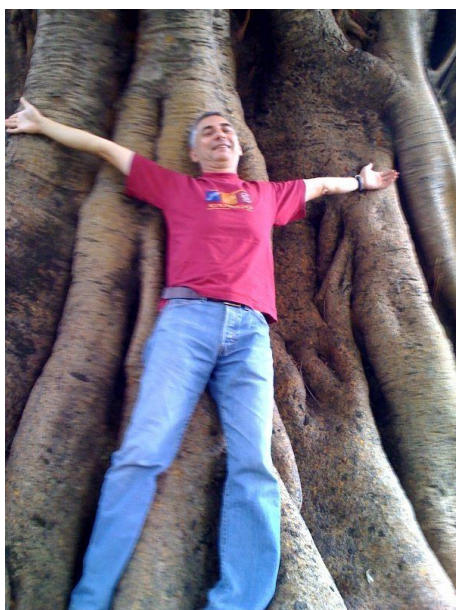


Alguns dos livros de Marcos Reigota.
Fonte: Alisson Duarte (2024).

Acrescenta ele: — “*Se meus trabalhos entraram no esquema de produção, foi apenas uma consequência. Mas teve ano que eu não consegui publicar nada, por que não tinha nada*”.

Mencionou, por exemplo, que o livro “Educação Ambiental: teoria e práxis” levou quatro anos para ser concluído. Embora tenha recebido críticas pela “*lentidão de sua finalização*”, defendeu que respeitar o tempo de cada projeto é fundamental para garantir a qualidade e pertinência do trabalho.

Pondera que as críticas ao seu trabalho sempre foram bem-vindas, desde que viessem acompanhadas de



Parque da Luz/SP. Fotografia de Luiz Lacerda (2011).

sugestões construtivas que pudessem aprimorá-lo. Em sua concepção essa é uma postura de solidariedade, algo que considera cada vez mais necessário e raro em um mundo onde a convivência é cada vez mais desafiadora.

Acredita que o cenário recente, marcado por múltiplas crises, exige reflexões aprofundadas sobre o tipo de sociedade que estamos construindo e a herança que nossos

filhos e netos irão receber.

Por fim, mesmo se distanciando cada vez mais das formalidades da academia, em suas reflexões, demonstra se manter comprometido com o que acredita ser fundamental para a existência humana, isto é: o respeito, a solidariedade, a educação, o meio ambiente, a ética e a busca por um mundo mais justo e sensível.

REFERÊNCIA

ARENDDT, Hannah. **A Vida do Espírito**: O pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BELCHIOR. Conheço meu lugar. In: BELCHIOR. **Era uma vez um homem e seu tempo**. LP. Warner Music, 1979.

BELINASSO, Leandro; CODES, Davi. **Na pele do mundo**: Educação Ambiental. Florianópolis: Casatrês, 2020.

BUARQUE, Chico. **Roda viva**. In: BUARQUE, Chico. Chico Buarque de Hollanda – Volume 3. São Paulo: RGE, 1967.

CATUNDA, Marta. **A, B, C de encontros sonoros**: entre cotidianos da educação ambiental. 2013. 294f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNISO, Sorocaba, 2013.

DUARTE, Alisson José Oliveira. **Educação Ambiental Quadridimensional**: Por uma Ecologia (mais) Humana. Paulo Afonso: SABEH, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros. São Paulo: UNESP, 2000.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REIGOTA, Marcos. Escrevivendo e registros visuais e sonoros em torno da instalação *Them*, de Daniel Lie. **Revista ClimaCom**, v.11, n.27, p.1-25, dez., 2024.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares (Orgs). **Educação ambiental**: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. *In*: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.409-413.

O RETORNO

Alisson José Oliveira Duarte

*Eu viajante em tua viagem
Fui partindo, fui chegando...
Caminheiro em teus caminhos,
Garimpeiro de alvoradas,
Busquei teus passos errantes
No segredo das estradas*

(Paulo Bomfim)

Quando encerramos a entrevista, que durou aproximadamente 3 horas e 20 minutos, Marcos, como um guia turístico, apresentou-nos a sua biblioteca, seus livros e discos favoritos.

Adentrar a biblioteca foi, de algum modo, como adentrar uma ala especial de seu coração, materializado nos saberes de tantos livros; na sensibilidade de cada uma das músicas guardadas em suas centenas de LPs; em suas memórias de viagem vívidas em cada escultura, utensílios e apetrechos trazidos de diferentes lugares do mundo; na presença



Biblioteca de Marcos Reigota.
Casa de Sorocaba/SP.
Fonte: Alisson Duarte (2024)

virtual de cada uma de suas referências, e; no amor exalante da antiga fotografia de sua mãe, de seu filho, de sua neta, de sua nora, e demais pessoas queridas que repousavam sobre as prateleiras.

Uma biblioteca? Uma discoteca? Um quarto de memórias? Um templo? — Talvez tudo isso simultaneamente: um lugar especial da interioridade de Marcos, objetificado na forma de coisas, mas não coisas quaisquer, elementos cujo valor se encontra na força simbólica e histórica que tais objetos representam em sua existência.



Fotografia com seu filho Alexandre. Bruxelas, fevereiro de 1986. Registro fotográfico feito pela professora Nilda Alves (UERJ) em uma de suas visitas a Marcos. Fonte: Arquivo pessoal de M.R.

Registramos fotografias individuais e coletivas. Trocamos abraços e promessas de reencontro. Apesar do

desejo de prolongar a magia daquele momento, aproximávamos das 17:00 horas e ainda tínhamos o percurso de uma longa viagem (470 km) de retorno à Uberaba-MG.

Marcos, sob a proteção de um guarda-chuva, nos acompanhou até a portaria de seu condomínio. O céu, levemente nublado, envolvia a paisagem de tonalidades acinzentadas, criando uma atmosfera um tanto melancólica, enquanto chovia. Era perceptível, em seu olhar acolhedor, sincero sentimento de gratidão por nossa visita. À medida que o veículo se distanciava, víamos sua marcante presença ainda acenando insistentemente com carinho.

Em nossos celulares, extensão virtual de nossas memórias, carregávamos tesouros e preciosidades: registros fotográficos e áudio-gravados, fragmentos de



Marcos e Thiago. 02/11/2024.
Fonte: Alisson Duarte (2024)

emoções e reflexões que, como ecos, preservavam a continuidade desse encontro. Cada imagem, cada som, cada palavra, carregava a marca coletiva e individual, das

tecituras subjetivas promovidas por aquele momento compartilhado.

O retorno foi povoado de reflexões, enquanto a escuridão da noite tomava conta da estrada. Já não havia paisagens visíveis, somente o brilho das luzes de veículos que cruzavam o caminho e das lâmpadas longínquas de cidade em cidade que deixávamos para trás.



O retorno. Fotografia da estrada.
Noite de 02/11/2024. Fonte: Alisson Duarte (2024).

Dentro do carro, as conversas oscilavam entre temáticas reflexivas, revivendo as ideias e impressões que ainda ecoavam em nossas mentes após o encontro com Marcos, e temáticas informais e bem-humoradas para manter o motorista acordado

naquela estrada escura e chuvosa. A cada quilômetro percorrido, o silêncio e a palavra se alternavam. Uns, mais descontraídos, conseguiram dormir durante o percurso, enquanto os ansiosos tagarelavam.

Chegamos em segurança a Uberaba-MG, especificamente em nosso ponto de partida, à porta do apartamento do professor Thiago, por volta da 1 hora da madrugada. Sob chuviscos suaves, despedimo-nos com abraços fraternos. E como se cada um carregasse consigo um pedaço da experiência vivida, voltamos para casa.

Em mim, havia cálido sentimento de realização, que marcava a conclusão parcial de meu trabalho de pesquisa — já que, após a entrevista, me aguardava o desafio da escrita.



Elegemos essa fotografia para registrar e representar nosso encontro. Vemos da esquerda para a direita, o professor Thiago Henrique Barnabé Corrêa; em seguida Marcos Reigota; ao seu lado, eu, Alisson Duarte e, na sequência, as professoras pesquisadoras Flaviane dos Santos Malaquias, Ana Cristina Borges Fiuza e Euripa Aparecida Ribeiro de Alcântara. A fotografia foi registrada na varanda da residência de M.R, logo após o término da entrevista. Sorocaba/SP, 02 de novembro de 2024. Fonte: Alisson Duarte (2024).

ECOS REFLEXIVOS

Antes de qualquer consideração, é importante salientar que Marcos Reigota, em sua

multidimensionalidade e complexidade existencial, não poderia caber, tampouco se esgotar, em uma entrevista, sendo esse material um breve e ínfimo recorte de sua jornada pedagógica, política e ativista no campo da educação ambiental.

Cientes dessa limitação natural, buscamos, por meio desta unidade, descrever os fundamentos históricos, especificamente pessoais e epistemológicos, que constituíram a sua perspectiva ecologista de educação. Para tanto, em face de todos os esforços empreendidos para alcançar o objetivo proposto, identificamos, a partir da contribuição direta do autor, que diferentes experiências de vida, consideradas desde a sua infância, foram determinantes para a consolidação e singularidade de sua proposta político-pedagógica.

Ao revisar suas **memórias** mais antigas, nos deparamos com um menino sonhador, curioso e sequioso por conhecer o mundo; um menino questionador, que não se limitou nem mesmo à dogmas religiosos; um garoto sensível, ao mesmo tempo inquieto, que, desde cedo, se interessou pela escrita e, conseqüentemente, pelo registro de suas ideias. A partir de suas memórias, vislumbramos que sua relação com o meio ambiente sempre foi de muito respeito, no âmbito de uma sociedade dos anos de 1960 e 1970. No contexto da ditadura civil-militar, sua infância e adolescência foram significativamente marcadas por diferentes testemunhos de abusos de poder e desumanidade, que contribuíram para a construção de sua visão crítica da realidade. Vivenciou, na infância, uma escola (em alguns momentos) inflexível, onde se sentiu injustiçado pela rigorosidade com que foi reprovado e, neste cenário, constituiu, inversamente, valores de

amorosidade. Atribui seu sucesso escolar à influência de seus pais, bem como de suas tias maternas, as primeiras de sua família a ingressarem no ensino superior. Com a efervescência artística e cultural dos anos de 1960 e 1970 no Brasil, sua sensibilidade e pensamento crítico foram nutridos e aguçados.

No aprofundamento de sua trajetória profissional e acadêmica, identificamos os principais **fundamentos** epistemológicos de sua práxis ecologista. Entre os expoentes que mais influenciaram sua perspectiva, está Paulo Freire, com sua vertente crítica e democrática da educação. Dentre as obras freirianas que mais o influenciou destacamos o livro *Pedagogia da Autonomia*. Ainda no decurso de sua graduação em biologia, quando convidado para ministrar aulas em um colégio, identificou-se profundamente com o exercício da docência, especificamente no campo da educação ambiental. A partir dessa experiência integrou ecologia, arte, política e movimentos sociais, promovendo uma prática pedagógica de educação ambiental significativa e produtora de sentido. Desde então, passou a dedicar-se intensamente aos estudos da temática ambiental dentro de uma perspectiva política, pedagógica e social. Após concluir o curso de biologia, ingressou imediatamente no mestrado em filosofia da educação na PUC. Herdou da professora Nilda Alves, fundamentos para sua visão dos cotidianos escolares e conhecimento em rede. No doutorado, realizado na Bélgica, entrou em contato com a teoria das representações sociais, fundamento epistemológico e metodológico que norteou durante muito tempo suas pesquisas. No intuito de distanciar-se dos métodos estruturalistas, para assumir recursos metodológicos mais

integrativos e democráticos, elaborou as narrativas ficcionais e bio:gráficas. Com elas, buscou colaborar com o protagonismo dos saberes cotidianos dos/as anônimos/as e marginalizados/as. A dimensão política cumpre papel fundamental em sua perspectiva ecologista, e nesse cenário, posiciona-se como uma pessoa de esquerda (não partidária). Ressalta, ainda, ter recebido influências de André Gorz, Hans Jonas, Hannah Arendt, Ilya Prigogine, Isabelle Stengers, Félix Guattari, Serge Moscovici, Jean Marie de Ketele e Paul Berthet, André Giordan, Roseli Pacheco Schnetzler, Mary Jane Paris Spink, Peter Kevin Spink, Nita Freire, Marta Catunda, Alda Romaguera, entre outros professores e professoras com as quais conviveu ou teve contato com suas obras.

Por fim, ao adentrar suas mais íntimas **reflexões**, reconhecemos os fundamentos axiológicos de sua perspectiva ecologista de educação, bem como os sentidos pessoais que a permeiam. Dentre esses diversos valores, reconhece que sua produção intelectual e seu ativismo estão profundamente enraizados em uma perspectiva existencialista, a partir da qual se desenvolvem e ganham significado. A política, a democracia, a participação social e a arte como dimensão sensível e possível de sua pedagogia, são elementos centrais de sua perspectiva ecologista. A dimensão axiológica de seu pensamento, encontra-se no sentimento de inquietação diante do mundo; no desejo de desvelar a realidade; na indignação perante o silenciamento dos marginalizados; no inconformismo de qualquer forma de injustiça social, econômica e ambiental. Essa resistência e postura questionadora, é a base de sua trajetória intelectual e existencial. Para a contemporaneidade,

acredita ser fundamental: o respeito à diversidade humana, a solidariedade, a educação, o meio ambiente e a construção de um mundo mais justo e sensível. Esses valores, profundamente enraizados em sua trajetória de vida, caracterizam um tipo de ética social e ambiental que lhe é muito própria. Tais aspectos se voltam para a compreensão da indivisível intersecção entre: sociedade, cultura, humanidade e meio ambiente, que transcende a perspectiva conservadora de educação (ambiental). Por meio da escrita, considera que pode expressar-se e fazer-se presença no mundo, refletindo, posicionando-se e, conseqüentemente, contribuindo para as questões ecológicas, pedagógicas e políticas de seu tempo.

Assim, não como quem conclui o inconclusivo, dada a sua amplitude e complexidade, mas como quem é criticamente reflexivo, ressaltamos o legado de Marcos Reigota, à posição de uma educação (ambiental) pós-moderna. Na potencialidade de seu discurso, acreditamos residir as sementeiras de uma pedagogia verde, disruptiva em relação à lógica hegemônica e transcendente dos modelos conservadores. Nela, ouvimos ressoar a voz e o protagonismo dos anônimos e marginalizados da realidade cotidiana.



UNIDADE II

BIO:GRAFIAS COMPARTILHADAS



CAPÍTULO IV

AVENTURAS COM MARCOS REIGOTA: A BÉLGICA NAS NOSSAS VIDAS E EM SEUS COTIDIANOS

Nilda Alves / Neila Guimarães Alves

Inicialmente a historiografia separa seu presente de um passado. Porém, repete sempre o gesto de dividir. Assim sendo, sua cronologia se compõe de "períodos" (por exemplo Idade Média, História Moderna, História Contemporânea) entre os quais se indica sempre a decisão de ser outro ou de não ser mais o que havia sido até então (o Renascimento, a Revolução). Por sua vez, cada tempo "novo" deu lugar a um discurso que considera "morto" aquilo que o precedeu, recebendo um "passado" já marcado pelas rupturas anteriores. Logo, o corte é o postulado da interpretação (que se constrói a partir de um presente) e seu objeto (as divisões organizam as representações a serem reinterpretadas). O trabalho determinado por este corte é voluntarista. No passado, do qual se distingue, ele faz uma triagem entre o que pode ser "compreendido" e o que deve ser esquecido para obter a representação de uma inteligibilidade presente. Porém, aquilo que esta nova compreensão do passado considera como não pertinente – dejetos criados pela seleção dos materiais, permanece negligenciado por uma explicação – apesar de tudo retorna nas franjas do discurso ou nas suas falhas: "resistências"; "sobrevivências" ou atrasos perturbam, discretamente, a perfeita ordenação de um "progresso" ou de um sistema de interpretação.

(Certeau, 1982, p.10)

Ao desenvolver seu texto, hoje clássico, sobre memória que teve o número 1 da Enciclopédia Einaudi, Le Goff (1984)¹² lembra em sua primeira frase que *o conceito de memória é crucial* (p.11). Nessa mesma direção, entendo que ao escrever este texto lembrando momentos da minha longa relação com Marcos Reigota, preciso fazê-lo, tecendo o que vamos entender ser memória.

Le Goff nos lembra que:

a memória, como propriedade de conservar certas informações, reenvia-nos, em primeiro lugar, para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas (p.11).

Para começar, portanto, podemos falar que ao buscar a memória de acontecimentos, de relações com pessoas e com ‘*espaçotempos*’¹³ o que temos, sempre, é a atualização de impressões e informações que existem em nós como tendo se fixado em momentos anteriores nos quais estamos lembrando. Ou seja, o que temos em nós

¹² Fui a este livro, propositalmente. Muitos outros textos mais atuais poderiam ter sido usados, mas queria algo clássico para escrever este texto.

¹³ Lembramos, mais uma vez, que trabalhando nas pesquisas com os cotidianos, percebemos que as dicotomias, necessárias à criação das ciências na Modernidade, significam limites ao que precisamos ‘*fazerpensarcriar*’ nas pesquisas que desenvolvemos hoje. Com isso e para disso nos lembrar, sempre, passamos a escrever os termos, antes dicotomizados, dessa forma – juntos, em itálico e entre aspas simples – Ex: ‘*prácticasteorias*’; ‘*dentrofora*’; ‘*espaçotempos*’; ‘*aprendizagensensinos*’. Muitas vezes, pluralizamos os termos e, mesmo, invertemos o modo hegemônico de escrevê-los. Percebemos, ainda, que ações, vistas como sucessivas, pelo pensar hegemônico, são sempre concomitantes (ex.: ‘*verouvirsentirpensarcriar*’ filmes) passamos a usar esse modo de escrever também com as ações que executamos em nossas pesquisas.

guardado está em permanente movimento de modificação pelas tantas redes de lembranças que vão, em nós, se trançando ao longo da vida. Nesse sentido, pois, não vamos encontrar uma ‘história verdadeira’ das aventuras Marcos Reigota e Nilda Alves, na Bélgica, mas sim histórias que vão se confirmando e negando, em processos de “atualizar impressões ou informações” representadas, por aqueles com quem vamos conversando, como acontecimentos que se passaram em algum momento anterior. Esses são lembrados porque foram guardados por possuírem algum aspecto relevante para aquela que lembra. Por outro lado, tem a característica de poder ser lembrado publicamente, já que nem tudo pode ser assim lembrado.

Ao mesmo tempo, no texto acima citado, Le Goff nos alerta de que não, necessariamente, são lembranças de algo que realmente se passou, mas sim algo que nós, os seres humanos, *entendemos* como tendo se passado, no exercício desta tão humana condição que é a capacidade de criar sempre, em nossas tantas relações com outros seres humanos e com as coisas que nos cercam. A atualização permanente da memória se faz assim, pelos tantos encontros que vamos sempre tendo nas múltiplas redes a que pertencemos.

Nessa direção, Le Goff lembra, então, Changeux¹⁴ quando este diz que *o processo de memória no homem¹⁵ faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios.*

Passando do campo da psicologia para o das chamadas ‘ciências sociais e humanas’, Le Goff

¹⁴ Cf CHANGEUX, 1972, p.356.

¹⁵ Nesse tempo – não tão longe – se usava assim. Mas hoje colocaríamos, provavelmente, “nos seres humanos”

transcreve - através indicação de Florès¹⁶ (1972) - Pierre Janet que diz que o ato mnemônico fundamental é o *comportamento narrativo* que se caracteriza, antes de mais nada, pela sua ‘função social’, pois que é informação a outrem, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo (Florès, 1972, p.12). Esse último lembra, então, que é nesse processo que intervém a *linguagem, ela própria produto da sociedade*.

Para continuar nesse caminho a sua explanação, Le Goff (p.12) pede ajuda a Atlan (1972)¹⁷ quando este aproxima “linguagens e memórias”, dizendo:

a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar entreposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações da nossa memória (p.461).

Quando desenvolvemos uma pesquisa sobre memória é para fazer aparecer sob a forma oral – e em seguida escrita – *essa linguagem sob forma de armazenamento de informações da memória*, fazendo falar, em nosso caso concreto, os encontros com Marcos Reigota na Bélgica¹⁸ que tivemos ao longo dos anos, aparecendo neles outros encontros com as pessoas que conosco se relacionavam, tanto quanto os ‘*espaçotempos*’ por onde circulávamos.

¹⁶ Cf FLORÈS, 1972, p.12.

¹⁷ Cf ATLAN, 1972

¹⁸ Muitos foram nossos encontros antes e depois – até hoje – mas decidi, por limite de tempo e páginas, limitar as lembranças aos encontros na Bélgica.

Fazer aparecer as lembranças desses tantos encontros em palavras e fotografias permite evitar aquilo sobre o que Le Goff acredita ser importante falar que é *a falta ou perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações*, mas também de instituições e pessoas que tanto significaram/significam em nossas vidas, acrescentamos nós.

A PRIMEIRA IDA A BRUXELAS, SEM MARCOS REIGOTA

A primeira vez que fui a Bruxelas, capital da Bélgica, Marcos Reigota não existia na minha vida. Estava vivendo meu exílio em Paris, na França, entre 1977 e 1981, quando aproveitei e fiz meu doutorado, com Vivianne Isambert-Jamati, na Paris V.

Dessa primeira vez, nessa viagem, fui com minha filha – Maja Vargas -, Sonia Pinto de Carvalho - mineira que fazia seu doutorado em Matemática e vivia com um carioca, e por isso a conheci e se fez minha amiga, e hoje é professora na UFMG e continua minha amiga – e com Paulão, carioca que conheci em Paris e que era a pessoa que mais sabia sobre informática, o que era raro naquela época.

Tenho lembranças episódicas desta viagem com o pouco dinheiro que tínhamos para realizá-la. A primeira: ao fim da curta viagem de ida em trem – são mais ou menos duas horas, entre Paris e Bruxelas – chegamos na estação na hora do almoço e decidimos comer um sanduíche lá mesmo, antes de procurar hospedagem, no serviço de turismo da estação ferroviária. O garçom que nos serviu se recusou a falar francês conosco e nos deu o cardápio em flamengo. A Bélgica tem duas regiões bem

demarcadas, numa se fala francês e na outra flamengo. Desse modo, no cardápio escrito em flamengo, escolhemos os sanduíches com nome mais engraçado aos nossos ouvidos. Lembro também da pensão na qual passamos três noites: um café da manhã pouco e horrível que a velha senhora dona da pensão nos serviu e da cama de casal com colchão de mola onde dormimos – minha filha e eu – na qual o centro mais fundo nos atraía à noite toda.

Por fim, do primeiro jantar que fizemos: escolhemos comer bife com fritas para garantir que sabíamos o que estávamos comendo. Mas, o melhor, era uma grande mesa ao lado, com homens que pareciam executivos de uma firma acompanhados de mulheres, todas muito louras, que pareciam suas secretárias, pelo jeito como eram tratadas – machismo puro, um horror! Como nós quatro éramos leitores de Asterix¹⁹ e existe, deste personagem, uma história que fala de contatos dos gauleses com os belgas - sempre em crítica aos costumes dos povos que eram contados - resolvemos que iam pedir “*moules et frites*” – mexilhões com batatas inglesas fritas – prato que nos parecia bizarro, naquele então, e que os belgas comiam na história de Asterix. Todos, na mesa ao lado pediram... “*moules et frites*”, de entrada! Hoje, sinto enorme saudades das “*moules et frites*” que cheguei a comer na França e na Bélgica. No inverno carioca – 20º -

¹⁹ Asterix era/é o principal herói de uma história em quadrinhos que contava a história da França na época primitiva dos gauleses, aproximando-a dos tempos atuais. Esses livros, de autoria de René Goscinny e Albert Uderzo, foram traduzidos no Brasil e muitos outros países – em 83 línguas e 29 dialetos, segundo a Wikipédia. Nosso personagem preferido era e é o “Idée fixe” – ideia fixa – cachorrinho do Asterix, que serve bem para apelidar alguns colegas nossos acerca de certas ideias das quais não saem.

vou sempre com uma amiga comê-las num restaurante de menu “francês” em Botafogo.

Mas, quando Marcos fazia seu doutorado na Bélgica, fui visitá-lo três vezes – não me peçam datas, agora. Talvez apareçam na escrita do texto. Não lembro sequer a ordem dessas visitas – mas vou dar uma ordem a elas, seguindo uma lógica das lembranças que tenho delas. Uma vez fui com uma amiga (Iracy), outra vez com a minha irmã (Neila) e outra, ainda, sozinha. Esta é a ordem delas que sigo neste artigo. É preciso dizer, ainda, que as três viagens foram no inverno, com suas consequências, e que Marcos Reigota fazia seu doutorado com de Ketele, em Louvain la Neuve.

De cada uma delas, tenho algumas aventuras cotidianas para contar, com encontros com pessoas e ‘*espaçostempos*’. Acontecimentos que precisam ser narrados porque darão conta de como nossa relação se dava e como, com elas, aprendíamos nossos cotidianos, no estrangeiro, ‘*vendoouvindosentindopensandocriando*’ com o que estava a nossa volta.

AVENTURAS COM MARCOS REIGOTA E IRACY – DESCOBRINDO FORMAS DE VIVER COM O FRIO E OS OPERÁRIOS E TRABALHADORES DO SÉCULO XIX

Nesse momento, Marcos estava aprendendo a ser pai do Alexandre²⁰ que tinha um aninho e meio e era lindo.

Logo que nós duas chegamos – Iracy e eu – em Bruxelas, no inverno de 1986-1987, encontramos Marcos que veio nos buscar na estação de trem, pois estávamos antes em Paris. Levamos um susto com nosso amigo em

²⁰ Alexandre nasceu em 10.05.1984 em Charleroi, Bélgica. Sua mãe é Véronique Born, artista visual (pintora).

um casaco leve e um lindo lencinho de seda amarrado no pescoço. Nós duas estávamos com casaco de pele e grossas écharpes de lã no pescoço.

A neve pesada daquele ano fez Iracy escorregar e cair duas vezes, nos dando muito susto. É preciso saber andar na escorregadia neve, transformada em gelo, no chão!!! Mas o grande acontecimento desta estadia foi descobrir os trabalhadores e as trabalhadoras pintados/as em quadros. Explico: na França, onde fiz meu doutorado e vivi em Paris, entre 1977 e 1981, com minha filha no 5, rue Flatters, no 5º arrondissement, no seu limite com o 13º, tinha ido muitas vezes a muitos museus da cidade. Nessas idas, nunca tinha encontrado um quadro ou estátua que mostrasse operário ou camponês, num claro apagamento dessas classes no que era mostrado aos visitantes. Isso me espantava imensamente pois afinal acreditava que a França era a terra da *“Liberté, Égalité, Fraternité”*.

Pois em Bruxelas encontrei vários. Nos Museus Reais de Belas Artes encontrei operários enfrentando a forja do aço, camponeses ativos, retratos pintados de todas as classes trabalhadoras. Gostei do que vi e penso agora que esses quadros não devem estar mais onde estavam, pois, a Europa do euro que se formava naquele então, era bem mais livre do que a que temos agora de submissão a OTAN e se dobrando à venda de armas, como lugar de lucros fantásticos baseado na participação em guerras em que se tem até genocídios terríveis. E naquela época, os migrantes eram recebidos solidariamente, enquanto hoje são perseguidos e expulsos.

Muitas conversas tive com Marcos acerca da descoberta destes quadros. Pergunto-me se ele se lembra disso.

Percorremos, também, feiras de artesanatos e velharias – tão comuns na Europa – e comprei três cálices de licor, que tenho até hoje. Numa delas comemos uma sopa de caramujinhos do mar deliciosa que nos ajudou a esquentar um pouco, naquele muito frio inverno. Com Marcos sempre com o tal lençinho de seda no pescoço...

Uma última lembrança dessa ida: fomos conhecer um bar de cerveja, importante em Bruxelas. Uma lindeza de se ver: centenas de cervejas no cardápio, servidas em copos/taças de todos os feitios e tamanhos. Como não gosto, nem bebo cerveja, lá fomos mais pelo espetáculo. Pedimos uma cerveja, cada um. Eu lembro que a minha foi uma inglesa, preta, bem amarga²¹.

AVENTURAS COM MARCOS REIGOTA E NEILA - DESCOBRINDO O CAFEZINHO NA FORMA BELGA DE SERVI-LO, COM ALGUMAS FOTOGRAFIAS E CONVERSANDO ACERCA DO SALÁRIO DOCENTE NO BRASIL E NA BÉLGICA

Para este trecho do texto tive boa ajuda de minha irmã Neila que me acompanhou nesta viagem, tendo ficado comigo em Paris, alguns dias antes.

Ela fora colega de Marcos Reigota no mestrado da UFF (Universidade Federal Fluminense), onde ambos foram meus alunos. E sempre eram muito solidários nas idas a congressos nacionais, como a CBE, em Brasília – a última, em 1985 – na qual, andando com Marcos Barreto - então colega dos dois, no mestrado em Educação na UFF

²¹ Esse acontecimento foi lembrado – e escrito antes – na ida seguinte com Neila. Mas depois de escrito, vi que isso pertencia à ida com Tracy. Ah! Memória...

- acabaram caindo em zona perigosa da cidade. Aventura que Neila lembra sempre e que nos faz rir muito.

Era também inverno – pois são as férias grandes de verão no Brasil, quando Neila podia viajar. Por uma das fotografias podemos ver que era dezembro. Marcos já estava então bem mais agasalhado, e não havia neve, ainda. Neve que na ida anterior fizera Iracy escorregar nessa mesma escada:



Escada em Bruxelas e nosso *lord* inglês Marcos Reigota – nesta foto aparece Dominique, namorada do Marcos naquele então. (Fotografia de Nilda Alves, mas guardada pela Neila).

Para além de Bruxelas, nesta ida à Bélgica fomos também a Leuven²²:

²² Leuven é, hoje, a oitava maior cidade da Bélgica, mas nela está a mais antiga e maior universidade da região, fundada em 1425.



Pelas ruas de Leuven, que em francês se escreve Louvain. (Fotografia de Nilda Alves, mas guardada pela Neila).

Nessa ida a Leuven conhecemos a sua prestigiosa universidade:



Universidade de Leuven²³, como a visitamos (foto de Nilda Alves, mas guardada pela Neila).

²³ Com a entrada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, a cidade foi severamente danificada por soldados saqueadores. A biblioteca

De volta a Bruxelas, visitamos um dos pontos obrigatórios de visita - Manneken Pis²⁴, chamado por nós de “Manequinho”:

universitária foi destruída em 25 de agosto de 1914, com o uso de gasolina e pastilhas incendiárias. Aproximadamente 230.000 volumes foram perdidos na destruição, incluindo manuscritos góticos e renascentistas, uma coleção de 750 manuscritos medievais e mais de 1.000 incunábulo (livros impressos antes de 1501). As atrocidades alemãs e a destruição cultural causaram indignação mundial. O incêndio da cidade foi realizado como represália, o que na época era legal sob o direito internacional, já que os alemães alegavam que civis belgas haviam participado dos combates e matado tropas alemãs. Na Segunda Guerra Mundial, após o início da ofensiva alemã, Leuven fez parte da linha de frente da Força Expedicionária Britânica e foi defendida por unidades da 3ª Divisão e tropas belgas. De 14 a 16 de maio de 1940, o Grupo de Exércitos B alemão atacou a cidade com forte apoio aéreo e de artilharia. Os britânicos retiraram suas forças para o rio Senne na noite de 16 de maio e a cidade foi ocupada no dia seguinte. O novo prédio da biblioteca universitária foi incendiado por bombardeios em 16 de maio e quase um milhão de livros foram perdidos. (<https://en.wikipedia.org/wiki/Leuven>). A universidade foi reconstruída com doações internacionais e Neila lembrou que muito nos impressionaram as placas que lemos dentro dela indicativas dessas múltiplas doações.

²⁴ Manneken Pis (traduzido da língua flamenga, "garoto a urinar") é um monumento, com 61 cm, localizado no Centro de Bruxelas, na Bélgica. É uma pequena fonte em bronze de um menino a urinar para a bacia da fonte. É o mais conhecido símbolo do povo de Bruxelas, bem como de seu bom humor e de sua liberdade de pensamento (https://pt.wikipedia.org/wiki/Manneken_Pis).



Parada obrigatória diante do “Manequinho” vestido de Papai Noel – era dezembro, portanto. (Fotografia de Nilda Alves, mas guardada pela Neila).

Apesar do frio, muitos foram os passeios a pé e as irmãzinhas tiveram foto tirada por Marcos Reigota:



Sentadas numa praça, em Bruxelas (Fotografia guardada pela Neila).

Como Neila sempre foi muito enjoada para comer, as paradas eram em geral nos cafés. Neila adorava o modo de servi-lo – com creme, um chocolate, água. Mereceu uma fotografia por causa disso. Mas preciso dizer que o café, propriamente dito, sempre era meio ruim, para brasileiras tomadoras de café, até hoje.



Café belga, com os acompanhamentos que o faziam parecer melhor
(Fotografia de Nilda Alves, guardada pela Neila)

Naturalmente, tivemos idas a museus e a esculturas espalhadas pelas ruas, com o sempre excelente guia, Marcos Reigota, e com Neila passando a mão em tudo que podia, usando o lindo chapéu que Maja, minha filha, tinha emprestado junto com o casaco de pele de coelho, que usou toda a viagem:



Neila com o lindo chapéu e o casaco de pele, passando a mão em algo que não conseguimos lembrar o quê e onde. (foto de Nilda Alves, mas guardada pela Neila)

AVENTURAS COM MARCOS REIGOTA NO FINAL DE SEU DOUTORADO

A minha última ida a Bruxelas se deu quando fazia meu pós-doc em Paris e Marcos Reigota terminava seu doutorado, em Louvain-la-Neuve²⁵.

²⁵ Lovaina-a-Nova (em língua francesa: *Louvain-la-Neuve*) é uma cidade planejada na Valônia, Bélgica, situada a 30 km a sudeste de Bruxelas. A

Assim, a ida foi, de fato, a Louvain la Neuve e não a Bruxelas, pois fiquei hospedada no quarto que Marcos tinha na Universidade. Como nele tinha uma só cama e era de mola, embora Marcos quisesse que eu dormisse nela enquanto ele dormia no chão, troquei com ele. Mas...como o chão não era aquecido, arranjei uma dor muscular que me obrigou a ir ao médico, onde tive uma experiência incrível, dentro do que era o chamado Estado de Bem Estar Social, termo criado depois da 2ª Guerra Mundial, com todos os direitos sociais criados no período, em Saúde, Educação e Direitos Trabalhistas, especialmente.

Fiz a consulta, fui medicada e na hora de pagar, o médico me disse que receberia minha conta na minha casa (que era em Paris), o que aconteceu: recebi uma conta baratinha, um mês depois que paguei, então.

Isso podia acontecer, quando ainda não tínhamos a Europa com o euro²⁶, o que facilitaria o pagamento entre os países. Mas a Saúde era, então, europeia.

Mas nesta ida, o mais importante foi o entusiasmo de Marcos pela sua tese e seu orientador incrível Prof Dr

cidade foi construída para abrigar a Universidade Católica de Lovaina (UCLouvain); após as disputas linguísticas que ocorreram na Bélgica durante a década de 1960, e de discriminação contra os linguisticamente flamengos na Universidade Católica de Lovaina, a instituição foi dividida na instituição de língua neerlandesa Universidade Católica de Lovaina (KU Leuven), que permaneceu em Leuven e a Universidade Católica de Lovaina (UCLouvain), erguida em Louvain-la-Neuve, em 1970. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lovaina-a-Nova>).

²⁶ Após uma década de preparativos, o euro foi lançado em 1 de janeiro de 1999: durante os três primeiros anos, tratou-se de uma moeda «invisível», utilizada apenas para efeitos contabilísticos e para pagamentos eletrônicos. A entrada em circulação das moedas e notas de euro só se deu em 1 de janeiro de 2002 em doze países da UE.

de Ketele²⁷. Falamos muito acerca dela e dele. Marcos teve como orientadores Jean-Marie De Ketele (Pedagogia) e Paul Berthet (Biociências). Gostava/gosta muito dos dois, mas nossas conversas foram sobre o pensamento e as propostas metodológicas de De Ketele que eram bem inovadoras. Pensamos até, em certa ocasião, trazê-lo ao Brasil, para conversar com o grupo de pesquisa que eu coordenava. Mas isso nunca se deu.

CONCLUINDO

Os encontros com Marcos continuaram depois disso, nas minhas idas a São Paulo – sempre indo a restaurante árabes – ou nas vindas de Marcos ao Rio, desde 1992, quando veio para a grande reunião no Rio de Janeiro sobre ecologia, a “Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento” (CNUMAD), mais conhecida como Eco-92 ou Rio-92.

Lembro, ainda, que ele fez a palestra inicial da primeira edição do I Seminário dos Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação & Imagens & Sons²⁸, em 2003, cuja temática foi “Educação e Imagem”. Este Seminário já vai para a sua 11ª edição, em maio de 2026 e em sua 10ª edição, em maio de 2024 - com a presença de Rodrigo Barcchi que foi orientando de Marcos na UNISO - criamos a REISA (Rede de Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens, Sons e Afetos) – com grande inspiração no pensamento ecológico de Marcos Reigota –

²⁷ Marcos teve como orientadores Jean- Marie De Ketele (Pedagogia) e Paul Berthet (Biociências). Gostava/gosta muito dos dois, mas nossas conversas foram sobre o pensamento e as propostas metodológicas de De Ketele.

²⁸ O título era bem diferente no começo e incluía, naquele então, só a imagem.

e que pode ser encontrada, com seus tantos grupos articulados em <<http://www.reisa.uerj.br>>.

Academicamente, também, a vinda de Marcos ao grupo que coordeno – sua presença com suas ideias inovadoras – é algo frequente.

Neste ano que acabamos – 2025 – no seu primeiro semestre, Marcos veio conversar com o grupo – via Zoom – com o seu texto “Escrevivendo e registros visuais e sonoros em torno da instalação *Them*, de Daniel Lie” (Reigota, 2024).

Mas esses encontros e conversas não param. Já estamos combinados: vamos nos encontrar – o GrPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons e Marcos – outra vez pelo Zoom, em uma terça de março de 2026 para conversarmos com seu livro *Veredas freireanas: arte, ecologia e pandemia* (Reigota, 2025).

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHANGEUX, J-P; DANCHIN, A Apprendre par Stabilisation sélective de synapses em cour de développement. In: MORIN, Edgard; PIATTELLI PALMARINI, M. (orgs). **L’unité de l’homme** – invariants biologique et universaux culturels. Paris: Seuil, 1974.

FLORES, C. **La mémoire**. Paris: PUF, 1972.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. 1. **Memória** – História. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

REIGOTA, Marcos. Escrevivendo e registros visuais e sonoros em torno da instalação *Them*, de Daniel Lie. **Revista ClimaCom**, v.11, n.27, p.1-25, dez., 2024.

REIGOTA, Marcos. **Veredas freireanas**: arte, ecologia e pandemia. Florianópolis: Casatrês, 2025.

CAPÍTULO V

BIO:GEO:ECO:DEMO:EDUCO:ANARCO:GRAFIAS E FALAR DO MESMO, MAS EM OUTRAS POTÊNCIAS...

Rodrigo Barchi

*Da maneira em que fiquei parado junto ao muro,
eu, pela roupa e pelo aspecto, normalmente
deveria ter chamado a atenção das pessoas.
Mas nessa multidão, curiosamente, ninguém
olhava para mim. Será que ninguém reparava ou
será que este homem totalmente perdido nessa
rua tomada pelo calor e pelo canto,
em que havia me transformado cada vez mais,
parecia pertencer a eles?*

(Walter Benjamin - "Inscrito na Poeira Movediça")

CELEBRIDADES E BOMBAS

Em meados de 2015, faltava menos de um ano para eu concluir o doutorado em Educação na Unicamp, e, entre outros cargos que acumulava, era coordenador tanto do curso de Geografia da Universidade de Sorocaba, como do subprojeto de Geografia do PIBID-Capes. Além das aulas picadas em outras instituições (nós, professores/as, nas/das/às margens, com docência e trabalho espalhado aqui e ali...). Em parceria com a notória professora Maria Aparecida de Aquino, que então era coordenadora do curso de Relações Internacionais da mesma instituição, organizamos, em abril desse mesmo

ano, uma semana integrativa entre os dois cursos – pequenos, que juntos tinham pouco mais de 40 alunos – para debater o mundo contemporâneo.

A semana causou enorme alvoroço em toda a Universidade, pois a professora Aquino havia convidado, para o terceiro dia, o jornalista Caco Barcellos para conversar com os cursos. Os estudantes teriam preferência para participar, e se sobrassem lugares, obviamente que a comunidade seria contemplada. Mas como não houve nenhuma inscrição prévia, o Salão Vermelho do Campus Trujillo da Universidade de Sorocaba foi tomado de gente, sendo que muitas e muitos reclamaram dos motivos pelos quais não haviam sido as graduações em Comunicação Social, e sim os “pequenos cursos políticos do Trujillo”, que tiveram o privilégio de receber tal celebridade.

Fotos tiradas, autógrafos tomados e posição devidamente demarcada, nossa preocupação como colegiado era a manutenção, diante do então avanço indiscriminado das formações à distância – que nos anos seguintes, tomaram proporções devastadoras – e a vinda de uma personalidade como Caco Barcellos nos parecia uma possibilidade de sobrevivência. A qual também era “ameaçada” com o recém-criado curso de Geografia da UFSCar Sorocaba, além da queda brutal que a procura por licenciaturas vinha sofrendo nos últimos tempos.

Afinal de contas, quem queria ser professor diante por exemplo, das imagens vindas do Estado do Paraná, no dia seguinte, à brutal opressão promovida pelo então governador Beto Richa e sua polícia, que despejaram cassetetes e bombas de gás lacrimogênio sobre o professorado paranaense, que então lutava pela manutenção dos seus direitos? Ou em face, como nos

meses seguintes, da denúncia feita por estudantes de escolas públicas paulistas, que tomaram as instituições como forma de alertar à sociedade sobre o sucateamento da educação?

A questão é que nossa graduação em Geografia duraria somente mais três anos, assim como dezenas de outros, Brasil afora, que acabaram ou sendo substituídos pela formação à distância, ou não conseguiram se sustentar devido à ausência de interessadas e interessados. Aquela havia sido a segunda e última Semana de Geografia daquele curso, reaberto em 2013 após 11 anos de hiato, visto que já havia fechado suas portas em 2002, quando a turma, na qual havia me formado, martelou os últimos pregos...

PROFECIAS E MILITÂNCIAS

Todavia, tanto meus/minhas colegas de graduação, quanto os/as estudantes de licenciatura sob nossa batuta, tiveram o prazer de ver, nas semanas de Geografia, a presença e a fala de Marcos Reigota. Uma dia antes do Caco Barcellos, ele nos alertava, em sua abordagem sobre a Ecologia no mundo contemporâneo – para lembrar, era 2015 – que as instituições internacionais como a Unesco, a Unicef e a OMS, entre outras, já não conseguiriam garantir a totalidade de suas funções dali em diante, devido à perda de legitimidade ante o avanço do neoliberalismo selvagem global, dos fascismos totalitários em ascensão, da própria burocratização e, especialmente, da excessiva dependência dos governos nacionais para seu funcionamento.

Ninguém melhor que Marcos para nos falar sobre essas questões. Há décadas ele roda o mundo (e muda o

mundo, Raimundo...), sendo participante ativo de dezenas de conferências promovidas ou apoiadas por essas instituições internacionais, observador atento de minúcias nas conversas, gestos, sinais e aparelhamentos, além de nunca ter se rendido às pompas que figurões maravilhados costumam ter ao serem chamados para falar nos grandes salões de tais reuniões.

Nos falava da necessidade que as organizações tinham em dispender rios de recursos com constantes atualizações de maquinários, computadores e outras quinquilharias, numa manutenção constante da própria ostentação. Para isso, mantendo um jogo de atendimentos a gregos e troianos, de modo a não perder os fundos ou suporte dado pelos estados membros. No entanto, Marcos nos avisava que a situação já era insustentável, não somente pelo fato dessas organizações gastarem mais com a sua própria existência do que com o objetivo estabelecido em suas criações. Mas também devido à fragilidade cada vez maior na argumentação da existência dessas instituições – perante suas ausências – que faria, cedo ou tarde, com que todos os totalitarismos que foram expurgados depois da segunda grande guerra, ou aquele que foram, de um modo ou outro, desqualificados, deslegitimados e combatidos por elas, viessem a questioná-las e desestruturá-las.

Hoje, sexta-feira treze, junho de 2025, dia em que envio esse texto para revisão, Israel bombardeia o Irã, na continuação da escalada tenebrosa da violência no Oriente Médio...

Marcos, naquele 28 de abril de 2015, não estava sendo profético, apesar da revelação que hoje vem à tona. Estava relatando uma situação em andamento, e até com certo atraso. Não dele, mas da falta de atualizações do

lado do sul do Equador. A eleição de Trump em 2016, o esfacelamento e violência final contra a presidenta Dilma Rousseff – cujo governo já atendia à selvageria neoliberal, mas cujas políticas estruturais precisavam ser exterminadas pela extrema direita que tomou o poder em 2016 e desfilou sua putrefata bestialidade em carro aberto após 2018 – e a destruição de garantias sociais de lá para cá, são parte do resultado da deslegitimação de noções que até então pareciam “garantidas pela Constituição, pelas Leis e pelas Políticas Públicas”.

ANARQUIAS DE ANTONIO, DE FREIRE(E)ANAS...

Aliás, um dos motes que Marcos sempre enfatizou - e eu também, seguindo sua toada a partir da perspectiva libertária – foi a necessidade da manutenção das lutas e das militâncias para além, nas margens e na insubmissão do poder constituído. Foi Marcos quem me apresentou Antonio Negri – na parceria com Michael Hardt, no clássico “Império” –, de quem eu li, logo em seguida, “O poder constituinte”. Do qual, após minha enésima revisita, décadas depois da primeira leitura, em 2002, fui perceber do quanto anárquico-libertário se tratava o posicionamento do político italiano, em seu spinozismo-marxista.

Não só. De todos aqueles com quem ele dialogava, e em especial, a trinca Foucault-Guattari-Deleuze, sobre quem me debrucei (entre outros) na tese de doutorado. Foi com Marcos, nesse sentido – e no polo inverso da perspectiva “crítica” da educação ambiental brasileira, que se tornou institucional entre 2003 e 2015 – que entendemos a necessidade pressurosa do caráter destituente, constituinte e indisciplinar das perspectivas ecologistas de/em/com a educação (e cada vez que

escrevo sobre isso, amplo e perverso deleuzianamente, ainda mais, o conceito...).

Um cunho alinhado às sociedades contra o Estado, de Pierre Clastres, mesclado a um posicionamento, sim, também próximo aos marxismos heterodoxos e das lutas de classes – pois alguém que escreve o texto que escreveu sobre a contribuição dos que vêm das margens, jamais se desvincularia da preocupação com os oprimidos –, associados ao que mais radical e dialógico vem do freireanismo, numa verve de recusa aos alinhamentos institucionais. Lembro-me das críticas intensas que Marcos fazia, lá nos anos 2000, quando, sentados para assistir a Conferência de abertura da Semana de Educação Indígena no Amapá, ele, com os jornais institucionais do Governo Amapaense em mãos, me escrevia bilhetes:

“Percebeu que na mesa de abertura, não há nenhum indígena, somente as pessoas brancas do governo...”

E olhe que ele mesmo era um entusiasta das perspectivas do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá (sobre o qual já escrevi outras vezes), devido ao ineditismo, importância e radicalidade ecológica, perante o que estava criando. Autonomias de produtores extrativistas, pescadores e artesãos, manutenção da floresta em pé, a Escola-Bosque do Bailique tendo um currículo completamente voltado à cultura, economia, ecologia, política e sociedade da floresta, e o próprio posicionamento político dessa construção de tendência autogestionária, que sempre, sempre e sempre foi apagada da história pela própria esquerda brasileira.

Nesse sentido, o meu encontro com Marcos em agosto/setembro de 1999, e a parceria que estabelecemos, sempre me foi muito alinhada, confiável e cúmplice. Marcos percebeu isso ao me sugerir trabalhar com a Música Extrema, com a pichação e com as artes-culturas da mais intensa marginalidade.

Vira e mexe, Marcos flertava – e ainda flerta – nas aulas, nas conversas, nas reuniões, nas conferências, e nos mais diversos espaços onde se manifesta, com o que chamamos de um anarco-ecologismo, ou um eco-anarquismo, ou qualquer coisa que se possa enunciar como recusa ao barbárico e violento institucional. Seja ele estatal, seja ele capital. Mas sempre que me sugeriu leituras, filmes, sonoridades e artes, era um movimento voltado à recusa, à resistência, à amotinação.

E, conectando Marcos e Clastres, não é um mero “não estar aí”, ou somente “fazer coisas outras”. Era revolta, era combate, era política. Pacífica, mas não passiva. Do incômodo que – inclusive a mim, no começo – fazia Marcos insistir, no cerne e enfrentamento às eunucas infâmias, em levar John e Yoko para filosofar. Que muitas crianças crescidas, alinhadas às eloquências vis e decrépitas dos inícios daquilo do pior que certa modernidade cartesiana construiu, tentaram ridicularizar e admoestar.

Mas o espírito frio e cruel da imanência de Spinoza sempre assombrará essa gente... Valei-me, Baruch!

E “ONDE ESTÃO AS ECOLOGIAS, RODRIGO?”

A questão é que mesmo perante o caos e o horror, que vão e voltam, ao insistir num pacifismo irascível, Marcos propõe um esperar ecologista típico de um

ébrio se equilibrando numa corda sobre um penhasco. Do olhar para o abismo sem deixar que ele te perceba, de manter uma embriagada sobriedade sob o involuntário entorpecimento cotidiano de gás tóxico, e de olhar adiante sem esquecer o passo a passo, leve e sólido, constantemente milimétrico e inabalável.

Mas com Marcos me permiti ser zombeteiro e parresiástico, como um bom discípulo de Diógenes de Sínope, pois não há autoridade que, perante cultos à personalidade e banalizações do mal, mereçam falsas lisonjas e gentilezas, somente intencionando a fantasia de bobo da corte nunca ser passada aos concorrentes, ou para que joelheiras se tornem a mais importante peça de indumentária. Valei-me, Emiliano!

A verdade é que a denúncia de Marcos à banalidade da Ecologia, da Educação Ambiental, da Ciência, da educação, da produção de textos acadêmicos, de eventos grandiosos de couraça rachada, e da mera quantificação daquilo que se produz, tornando o que é visceral com o mesmo sentido daquilo que é somente “pro forma” – quando não, inferior – é o fato de que quanto mais negativamente ordinário se torna aquilo que deveria ser levado em consideração, mais dimensionadas as coisas sem importância se tornam, justamente pelo reino da trivialidade ter se imposto.

Ao converter o sentido em algo vulgar, e os elementos mais intrínsecos à formação coletiva, individual, do mundo, das relações e do pensar terem se tornado meros códigos de prateleiras mercantis, o contexto contemporâneo – que podemos chamar de neoliberalismo, neofascismo, totalitarismo, ou qualquer outra terminologia que também se encaixa bem ao horror – exala o enxofre entorpecedor e inebriante, que busca incessantemente

levar à escolha pela desesperança zumbificadora da espera pela morte, ou da histérica e eufórica corrida ao coelho.

“Onde estão as ecologias, Rodrigo?” Não estarão no micro, como Marcos sempre insistiu? Sim. Na abertura que as cartas dialógicas dão ao corpo no mundo. Nas maravilhas das pequenas economias, culturas, políticas, socializações. Nas flores ao vento, nas borboletas de asas comidas, de lutas de espécies de formigas, nas lagartas que estorvam as samambaias. Nos manifestos de pequenas minorias, nas falas de mães que lutam pelos direitos à inclusão de suas crianças, nos grupos que não querem, de forma alguma, estarem imersos no jogo virulento. Nas aves de Marta que se esbaldam nas frutas que oferecemos toda manhã, nos festivais alternativos onde o que vale são as trocas sem valor – de troca – e nos cafés e chás degustados todas as tardes.

ORGULHOSAS E SOBERBAS GRAFIAS

Foi uma árdua tarefa começar esse texto, pois tudo o que eu queria e deveria externar publicamente sobre o Marcos, já fiz em outros espaços e tempos. Mas recusar um convite do Thiago, é que não iria.

A dificuldade se instaurou talvez porque eu não conseguisse decidir sobre o ponto de partida. Poderia partir da aventura joinvillesca em 2006, no V Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental – cujas noites chuvosas me renderam uma pré-pneumonia, que me acompanhou na qualificação de mestrado – e das tensões que a partir dali passaram a se recrudescer, perante a fascistização institucional do campo. Ou de meus vexames enquanto jovem estudante de Geografia, quando

apresentava o Marcos nos eventos organizados por nós do Centro Acadêmico ou outras solenidades, confundindo microfones e telefones.

Poderia falar de minhas idas, enquanto colaborador já como doutor, a Berlim, Chiapas e Oaxaca, graças a Marcos, de parcerias internacionais, hoje em espera. De reuniões outras da Anped, de EPEAS, e demais encontros acadêmicos, em Macapá, em Caxambu, em Ribeirão Preto, em Itajaí. Poderia falar das dezenas de amizades feitas por mim, nos últimos 15 ou 20 anos, com colegas de Sorocaba e região (graças ao Mestrado), e do país afora, graças a carreira acadêmica.

De Rio Grande, de Florianópolis, de Maringá, de Rio Claro, de Campinas, do Rio de Janeiro, de Vitória, de Belo Horizonte, de João Pessoa, de Belém, e demais outros espaços que não cabem aqui. Mundo afora, com Alda, Paula, Soler, Andréia, Marlécio, Nilda, Inês, Silvio, Marlécio, Johannes, Letícia, Miguel, Lorena, Abraham, Thiago...

Poderia partir das diversas vezes em que Marcos sugeriu meu nome em lugar do dele, para a produção de pareceres, falas em eventos, cursos, conferências, seminários, aulas. Ou poderia reportar das outras ocasiões, nas quais algumas pessoas insistiam em duvidar que eu fosse “chegar a algum lugar” tendo em Marcos mentor, conselheiro, professor e orientador. E quando eu sempre respondia que eu não queria chegar a lugar nenhum, pois eu havia já chegado, já que a própria confiança e amizade que tínhamos era o horizonte. E nele, eu podia ser Diógenes: zombeteiro, parresiasta, resistente e convencido.

Porque, aí sim, se teve um pecado que Marcos cometeu foi de ter me deixado presunçoso e pretensioso.

Não por dolo, mas pela potência que somente as fortes amizades podem fazer emanar.

E por isso escolhi partir do evento de abril de 2015 para escrever de/sobre/com Marcos, neste libelo de Thiago. Ali, ele foi nos presentear com sua arguição por pura amizade.



Foi conversar com os/as alunos/alunas dos seus alunos/alunas, aquilo que confiava que os teus alunos/alunas já poderiam ter falado, de outras formas, com outras ferramentas, em outras perspectivas. Talvez até, de modo que não lhe sobrassem palavras para depor sobre o mesmo tema.

Mas ele foi. E como não poderia de ser, tratou melhor do que ninguém, justamente sobre aquilo que ninguém poderia ter mais pertinentemente abordado...

E as minhas expressões neste dia, sorridentes, convencidas e insolentes, abaixo expostas, dizem tudo! Pois é também disso que se trata...



CAPÍTULO VI

NOS ENCONTROS SONOROS E DA EDUCAÇÃO COM OS ECOLOGISTAS REIGOTIANOS

Alan Silus / [com a participação sonora de Tetê Espíndola]

SOROCABA

(Para Marcos Reigota)

*O sol tem linda luz
deixar brilhar, amanhecer
A lua, mansinho, chega
deixar no ar luar também*



Aponte a câmera do celular
para ouvir a canção

*E os sinos batem
e os sinos batem
Já vem o trem
já vem, já vem, já vem, já vem
Rasgando a mata
lança de prata
bandeiras do Brasil
aventurando*

*Gosto de pitanga tem
jabuticaba tem
uma vida doce
pra quem há que vem*

*Quero-quero, colibris
Sorocaba
Quero-quero, bem-te-vis
Sorocaba
Quero-quero ser feliz
em Sorocaba*

(Marta Catunda, 2013)

Escrever um texto que narra/afigura/rememora momentos com esse amigo-mestre-referência é uma honra e prazer inenarrável. Conheço o Professor Marcos Antônio dos Santos Reigota, ou o querido Marcos, desde a primeira década dos anos 2000 quando, ainda aluno da Graduação em Letras, tive contato com o aclamado *O que é Educação Ambiental* (1994) em uma disciplina de formação pedagógica.

Na mesma época, meus laços fraternos se estreitaram com uma outra personagem que será muito citada nessa escritura: *Marta Bastos Catunda*, Pedagoga com Especialização em Metodologia da Pesquisa pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e Mestra em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/ USP).

Estes dois nomes são as grandes leituras que fundamentam minha concepção sobre o que é a Educação Ambiental e como ela se desdobra nas *Perspectivas Ecologistas de Educação*. Marcos é a leitura fundamental e o aprofundamento do conhecimento sobre as relações humanas e suas interfaces com o meio ambiente; Marta é a visão transcultural, interdisciplinar e pluralista do como essas relações transcendem os limites da Educação e aliam-se ao cotidiano da vida.

Sorte a nossa que esses dois se encontraram no final da primeira década dos anos 2000 e estreitaram dois laços fundamentais: o de amigos e o de orientação de pesquisa. Marta, saiu de Cuiabá (MT) onde era Pesquisadora e Assessora do Museu de Arte e Cultura Popular (MACP) da UFMT para cursar Doutorado em Educação na Universidade de Sorocaba (UNISO) sob a orientação de Marcos.

A tese foi escrita sob um universo mágico e comprometido com a pesquisa em Educação a partir da ótica que até então era pouco explorada pelos estudiosos. O trabalho (cuja autoria atribuo aos dois) foi pioneiro no país e merece uma maior divulgação entre a comunidade científica.



Figura 1: Um abraço afetuoso e cheio de amorosidade entre Marcos Reigota e Marta Catunda em sua defesa de doutorado no ano de 2013. Fonte: Acervo pessoal

ABC de Encontros Sonoros: entre cotidianos da Educação Ambiental (2013) foi uma pesquisa defendida sob a aclamação do público, ao som das notas das craviolas de Marta e Tetê Espíndola que apresentaram

canções escritas por Marta e musicadas pela cantora “dos pássaros na garganta” sob muita emoção do orientador e do público que, assim como eu, sorriamos para a recém-doutora com os olhos marejados de lágrimas e com o coração emocionado.

Que os demais orientandos não fiquem bravos com a minha colocação, mas apesar de todas as orientações (que li) serem perfeitas e brilhantes, a de Marta Catunda foi a que mais dialoga com as ambiências da vida e da pesquisa de Marcos Reigota em toda sua produção biobibliográfica. Ambos não escrevem/escreviam apenas com o senso acadêmico, seus textos são cheios de vida e reflexões sobre/para além da ciência e da concretude do ser humano.

Mas... voltemos aos encontros...

Há alguns anos planejei um encontro com Marcos Reigota enviando um e-mail-convite para que ele participasse da minha banca de qualificação e defesa pois era aluno de um Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente. Rapidamente, recebi uma resposta afirmativa, acompanhada de uma mensagem expressando seu desejo de voltar à Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, para sentir “os ares do Pantanal”

Infelizmente, esse encontro não aconteceu. Na semana anterior à vinda dele recebi uma mensagem com o cancelamento de sua presença, devido a um compromisso de última hora. Junto da mensagem, um outro longo texto agradecendo o convite, com a estima de um encontro próximo.

O encontro só aconteceu em 2013 com a defesa da tese de Marta Catunda na UNISO, e posso dizer, que encontro! Recebi um abraço demorado, e uma cópia de uma edição da obra *Meio Ambiente e Representação*

Social (1994) como um singelo pedido de desculpas pela ausência em Campo Grande. A meu ver, esse foi um ato de grande amorosidade e carinho.

O encontro sonoro com Marta foi quem abriu esse caminho para os novos encontros e para a amizade da qual considero um presente. Em 2014 me reencontrei com os queridos amigos, em um evento organizado por eles na UNISO. Fui recebido por Marta e, numa tarde, pude conhecer o Grupo de Estudos e Pesquisas “Perspectivas Ecologistas em Educação” liderado por Reigota na Universidade.

O coletivo era composto por profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, mas que tinham um propósito em comum: continuar/ aprofundar as ideias do Mestre sob a perspectiva do desenvolvimento humano e social. Pautados por um sentimento de pertença e reflexão ao desenvolvimento planetário, estar entre eles me fez ponderar sobre o quanto o ecossistema acadêmico é importante para a ampliação dos pensares sobre como contribuir para a redução das desigualdades humanas e como pensar em formas de intervenção consciente para dirimi-las.

Os Ecologistas - como sempre me recordo deles - era um grupo sempre muito participativo nos eventos científicos e culturais. Durante alguns anos, assessoriei minha querida amiga-mãe Tetê Espíndola em seus shows e, todas as vezes que havia algum em São Paulo, o grupo estava lá!

Uma dessas participações foi em 2016 na **32ª Bienal Internacional de São Paulo** na instalação organizada pelo artista Bené Fonteles cujo título foi: **Ágora: Oca-Tapera-Terreiro** e, o espaço foi concebido

para receber palestras, encontros, rituais, debates e performances voltados às tradições ancestrais brasileiras.

Construído com uma técnica tradicional de barro, abrigava uma pequena exposição de objetos de diferentes regiões e períodos do Brasil. No centro, bancos feitos por artesãos indígenas compõem o ambiente, enquanto redes de pesca, antes utilizadas por pescadores, estão dispostas nas paredes, integrando um conjunto de elementos que remetem ao imaginário popular.

Dentro da *Oca-Tapera-Terreiro*, Bené recebeu artistas engajados com a ecologia e com o desenvolvimento social como Lucina Carvalho, Marluí Miranda, Chico César, Ailton Krenak e, no dia 19 de setembro, o espaço foi palco para atividade “Conversas para Adiar o Fim do Mundo” com Tetê Espíndola e Marta Catunda sob o tema: **Canções de Pássaros do Cerrado e da Amazônia**.

Como um morador do bioma do cerrado, me senti convidado a estar nessa conversa e saí de Campo Grande rumo à São Paulo para participar da *Ágora* de Fonteles. Chegando no espaço, encontrei as minhas amigas cantoras e, em seguida, adentraram os queridos Marcos, Alda Romaguera --- a mais recente membro do grupo na época ---, Ana Maria Freire (Dona Nita) e os demais Ecologistas.

Foi um (re)encontro sonoro memorável!

Enquanto Marcos conversava com o anfitrião e as “conversantes” da tarde se ajustavam em seus espaços, fui apresentado à Alda por Cristiane, uma orientanda de Marcos e co-orientanda de Marta. Alda é um outro nome-amigo a ser mensurado nessa escritura. Nascida em Corumbá (MS), é Pedagoga com Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

(UNICAMP), integrava o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UNISO, era membro dos Ecologistas e tornou-se rapidamente uma grande e querida amiga.

Pronto para ouvir as minhas cantoras/compositoras prediletas, sentei-me em frente a um totem da *Oca-Tapera-Terreiro* e logo os Ecologistas foram ocupando os demais lugares. Ao fundo, no meu lado direito, Dona Nita sentou-se. Virei para trás e disse a ela que podíamos trocar de lugar, assim veria melhor o evento. Ela aceitou de prontidão, tomou o meu assento e ali traçamos uma conversa sobre Paulo Freire, seu esposo.

Há um belo registro desse momento:



Figura 2: Dona Nita Freire e Alda Romaguera em frente ao Totem. Eu ao lado dele e entre as duas, ladeado dos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas Perspectivas Ecologistas da Educação. Fonte: Acervo pessoal

Quando o evento começou, Marcos tomou um lugar perto de nós e assistimos ao magnífico trabalho sonoro de Tetê Espíndola que apresentou algumas canções em parceria com Marta que, por sua vez, falou da questão dos pássaros enquanto promotores de uma ambiência sonora livre e contributiva à geofonia. Além disso, Marta trouxe a nós, sua mais bela invenção-pesquisa-ação: o tarô dos pássaros, nos mostrando o que seria seu trabalho que perduraria até o fim dos seus dias.

As “irmãs de som” cantaram e encantaram ao público, conversaram sobre as questões pontuadas por Bené, responderam a plateia e tivemos uma tarde memorável em que nos deleitamos de cultura, música e aprendizagens. Enquanto o evento acontecia e, inebriado pela riqueza do que tinha visto em toda Bienal, escrevi um poema para aquele momento, nunca publicado. Lembro que mostrei ele apenas para Marta via e-mail, que foi respondido com alguns elogios. Transcrevo-o na intenção de relatar o quão emocionante foi aquela tarde de 2016:

ÁGORA: OCA-TAPERA-TERREIRO

É Bené que convida
Pra conversa que adiará o fim
O fim do mundo,
O fim das pessoas
O fim de tudo.

Ágora
É praça que reúne
Oca
É casa de índio que ensina
Tapera
É lar de pobre trabalhador
Terreiro
É lar dos orixás

É Bené que convida
Tetê, Marta, Lucina
Vamos conversar
Vamos adiar
Compromissos, Destruição, Poluição

Oca: espaço que ensina
Terreiro: espaço que ilumina
Tapera: espaço aconchego
Ágora: espaço de sossego

É Bené que convida
Pra conversa que adiará o fim
O fim do mundo,
O fim das pessoas
O fim de tudo.

É Bené que convida
É Bené que instrui
É Bené oportunizando
Reler o mundo
Nosso mundo (B.I.E.N.A.L.)

(Alan Silus, 2016)

Findado o evento, enquanto Tetê reunia seus instrumentos e apetrechos para que pudéssemos retornar para casa, os Ecologistas se reuniram para uma foto junto a Bené Fonteles, Dona Nita Freire e os pesquisadores Marcos Reigota, Marta Catunda e Alda Romaguera. Lembro que fiquei ao lado esperando o fim do clique para poder falar com algumas pessoas, quando Marcos olhou e disse:

— *Alan, venha para a foto!*

Eu respondi negando não poder participar, pois era um registro dos membros do grupo. Ele respondeu de forma carinhosa dizendo:

— *Você é amigo do grupo, amigo do grupo faz parte do grupo. Venha!*

E assim, saiu um único registro que tenho junto a essas pessoas maravilhosas que encontrei e as levo para vida toda:



Figura 3: Junto dos membros do Grupo Perspectivas Ecologistas em Educação. Fonte: Acervo pessoal.

Depois desse encontro sonoro, pude acompanhar o grupo e os amigos via redes sociais. Reencontrei Marcos e Marta no fim do mesmo ano e conversamos sobre a música de Tetê Espíndola em especial de um disco intitulado *Água dos Matos* (2013). A obra partiu de uma expedição entre ela, os irmãos Alzira e Jerry, a cantora

Lucina e uma equipe de estudiosos e pesquisadores sobre Cultura e Ambiente. Marta Catunda não pode ir a esse evento e, sob recomendação de Reigota, fomos provocados a escrever um texto sobre essa expedição.

Assim fizemos!

No ano seguinte, foi publicado um artigo, o nosso único texto escrito em parceria, intitulado *Água dos Matos: a ecosofia atravessando o Pantanal Mato-Grossense (Norte e Sul)*²⁹ onde buscamos apresentar reflexões sobre as experiências culturais e ambientais desses artistas quando participaram da expedição, além de discutir algumas questões sobre a importância e a relevância da atividade para os moradores e para os artistas numa perspectiva da ecosofia proposta por Félix Guattari, além de apresentarmos os produtos gerados com a expedição *Água dos Matos* bem como a visão ambiental gerada por essa atividade na perspectiva das três ecologias (Silus; Catunda, 2017).

A escrita do texto, a partir das bênçãos de Marcos Reigota, nos provocou a escrever outras tessituras, mas não houve tempo de continuidade ou término. Esboçamos uma segunda edição de *Ensaio do Quadro Negro: conexões sensíveis, possíveis da educação* (2016), a partir das reflexões escritas por ela e Ivan Fortunato, pesquisador do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). O texto nunca foi concluído, há alguns esboços a terminar e artigos que tenho desejo em publicá-los, mas essa é outra história.

Nesse período, me reencontrei duas vezes com Marcos Reigota, mas em vez de estarmos em Sorocaba ou São Paulo, tive o privilégio de ouvi-lo em duas

²⁹ O texto pode ser lido na íntegra por meio do link:
<https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1278/961>

conferências promovidas pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande. Nossos reencontros foram regados a conhecimento, almoços deliciosos e visitas ao Museu das Culturas Dom Bosco e a Casa do Artesão. Nessas vindas, recebi de presente uma nova edição de *Meio Ambiente e Representação Social* (2010) e *A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna* (2011), obras em que passei a adotar como bibliografia básica anos depois no Curso de Pedagogia.

No ano de 2019 voltei a estreitar laços com os Ecologistas, pois vinha desenvolvendo uma pesquisa sobre a vida e obra de Tetê Espíndola, além de ter voltado a estudar Educação Ambiental devido ao fato de ter assumido a disciplina em uma instituição de ensino superior que lecionava.

Neste ano, foi também meu último encontro oficial com Marta Catunda e com os líderes do Grupo Ecologistas, pois em 2020 seríamos guardados em casa via isolamento social da pandemia da COVID-19 e minhas comunicações com Marta eram via ligações de vídeo, já Marcos e Alda, recebia as notícias de ambos via redes sociais ou WhatsApp.

Em 04 de agosto de 2021 recebi logo cedo a triste notícia do falecimento de Marta Catunda. Passei o dia todo arrasado e chorando pela partida de uma amiga, professora e inspiradora tão querida. Marcos fez comunicação comigo no fim do dia para contar sobre o ocorrido pensando que não estava ciente. Foi uma fala curta, porém de acolhimento e abraço virtual:

Marcos: Olá Alan. Tenho uma triste notícia. Nossa amiga Marta Catunda partiu hoje. Acidente de carro em SP. Receba meu abraço.

Alan Silus: Oi meu amigo, eu estou sabendo desde a manhã do fatídico acontecimento. Estou exausto de tanto chorar. Achei que Tetê tivesse lhe avisado mais cedo. Ela ficou encarregada disso. Receba também o meu abraço.

A partida de Marta Catunda ainda nos arrasa até o dia de hoje. Cada um, vive de certa forma o seu luto: Tetê que perdeu uma irmã de som, Marcos e Alda que perderam uma aluna, amiga, colega de trabalho e cotidiano e eu que perdi uma amiga e como sempre digo “professora de passarinho” que muito me ensinou para a docência e para a vida.

Marta é o elo que nos une na ciência, na arte e nas relações humanas. Graças a ela tive o prazer de estar perto desses gigantes da Educação.

Em 2022 fiquei sabendo da saída de Marcos e Alda da UNISO, não pude rever os Ecologistas em algum evento científico ou banca de defesa de Mestrado e Doutorado. O carinho e a admiração seguem os mesmos. A comunicação com os dois mestres ainda acontece via redes sociais, espero reencontrá-los em breve para um abraço de quem perdeu uma grande amiga, para outro de quem sobreviveu a uma pandemia sanitária e social e, também um terceiro abraço como um brinde à vida e a nossa amizade.

Soube recentemente que o Grupo dos Ecologistas mudou de casa, está sob a coordenação do professor Thiago Corrêa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) a quem recebeu de Marcos Reigota o compromisso de ser o guardião e multiplicador dos

saberes já empreendidos por seus estudantes e pesquisadores desde a sua fundação em 1998.

Por fim, concluo essa escritura afirmando que é impossível não vincular os nomes de Marta Catunda e Alda Romaguera ao nome de Marcos Reigota. São três educadores e pesquisadores referências em meus estudos e alguns dos escritos já feitos. Esse encontro sonoro gerado por eles ainda pulsa em meu coração e, escrever sobre esse encontro com os Ecologistas me trouxe memórias que levo por toda a minha vida.

Em 2022 escrevi um poema, depois de rever algumas fotos que reuni para algum projeto que não foi concluído. Ao escrever o poema (que faz parte do meu primeiro livro de poesia) fez-se necessária a presença da memória com os três:

(Para Alda e Marcos - na vida)

(Para Marta - na memória)

Finda o dia

Apreciando o sabor da leitura

Nos encontros educriativos escritos por Alda.

Em breves pausas

Rememoro os amigos

Que me ensinaram a ver/ouvir.

Saudades de: MartaALDAMarcos

meus ecologistas mais-que-perfeitos!

(Alan Silus, 2022)

Antes de encerrar essas memórias, quero convidar uma pessoa muito especial para este texto que (tenta) homenagear o Mestre Marcos Reigota. Espero que ao ler você sinta o carinho e a voz dos pássaros entoando

algumas palavras sobre o nosso homenageado. Com a palavra, **Tetê Espíndola**:

Minha relação com o Marcos está totalmente ligada à Marta. Quando falei para a Marta vir (de Cuiabá) para cá e perguntei por que ela não morava em Sorocaba, ela deu um jeito de se mudar para a cidade. Foi então que o Marcos apareceu na vida dela. Animada, ela me contou: "Conheci o Marcos, e ele me ofereceu um trabalho muito legal na UNISO!".

Foi assim que o conheci. Certa vez, fui a Sorocaba para participar de um projeto de música, no qual Marta e eu cantamos para um grupo de pessoas. Foi ali que conheci (pessoalmente) o Marcos Reigota. Ele se mostrou uma pessoa muito gentil e atenta a tudo o que acontecia ao redor. O que mais me marcou nele foi a maneira como enxergava a Marta. Ele valorizava seu lado intelectual e a admirava profundamente, o que fez com que eu também passasse a admirá-lo.

*Marcos foi a alguns dos meus shows, e juntos gravamos "**Sorocaba**", uma música que Marta compôs para ele. Eu a gravei e cantei com a Marta, como um gesto de carinho para ele. No fim das contas, Marcos sempre foi uma pessoa simpática e muito ligada à Marta, alguém que eu sempre vi como especial na vida dela.*

(Tetê Espíndola,
São Paulo, 10 de fevereiro de 2025).

E, finalmente, para encerrar quero trazer um trecho da tese de Marta Catunda orientada por Marcos Reigota em que diz: *“existem inúmeros cotidianos da educação entre nós. Atemporais permeiam o processo da própria*

vida, com ela se fundem e confundem. A biografia de cada um ocorre entre encontros que desenham paisagens (ambiências), vivências, experiências, imagens, músicas e sonoridades. São acontecimentos que estão muitas vezes fora dos compêndios pedagógicos, das grades curriculares, dos programas, dos conteúdos, ementas, mas, nem por isso são menos ativos ou menos educativos em nossas vidas” (Catunda, 2013, p. 8).

Ter Marcos Reigota, Marta Catunda, Tetê Espíndola, Alda Romaguera e, também os membros do Grupo Perspectiva Ecologista da Educação em minha vida é muito mais que uma marca do tempo, é uma assinatura da certeza em que a Educação brasileira resiste e é construída diariamente no ecossistema do amor.

Viva Marcos Reigota!
O meu Ecologista predileto.



Aponte a câmera do celular para ouvir essa colagem feita por Marta Catunda para sua Tese de Doutorado

REFERÊNCIA

CATUNDA, Marta; FORTUNATO, Ivan. **Ensaio do quadro negro: conexões sensíveis, possíveis da educação**. São Paulo: Hipótese, 2016.

CATUNDA, Marta Bastos. **A, B, C de Encontros Sonoros: entre cotidianos da educação ambiental**. 293f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Sorocaba - UNISO, Sorocaba, 2013.

ESPÍNDOLA, Tetê; E, Alzira; ESPÍNDOLA, Jerry; CARVALHO, Lucina. **Água dos Matos**. São Paulo: LuzAzul Produções, p2013. 1 disco sonoro.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões de Nossa Época, v. 41).

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Questões de Nossa Época, v. 12).

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIGOTA, Marcos. **A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILUS, Alan; CATUNDA, Marta. **Água dos Matos: a ecosofia atravessando o pantanal mato-grossense (norte e sul)**. **South American Journal of Basic Education**,

Technical and Technological. Rio Branco (AC), v. 1, n. 1, p. 280-290, 2017.

CAPÍTULO VII

DE ORIENTADOR A AMIGO: MARCOS REIGOTA E SUA INCRÍVEL HABILIDADE DE TRANSVER O MUNDO E DAR VISIBILIDADE AOS QUE VÊM DAS MARGENS

Eder Rodrigues Proença

*O olho vê, a lembrança revê,
e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.*

(Manoel de Barros, 1996)

Meu último encontro com o Marcos, foi no dia 19 de agosto de 2025, no Sesc Sorocaba, por um convite imperdível, segundo ele, enviado por e-mail, para a palestra “Sendarias: conversa com Silvia Rivera Cusicanqui”³⁰. Nos sentamos lado a lado, e teríamos ficado horas ouvindo e nos entreolhando como se disséssemos “é sobre isso”, durante as colocações cirúrgicas da professora boliviana, a respeito do “pensamento Ch’ixi”, os saberes dos povos originários e marginalizados andinos e latino-americanos, que propõe a

30 Sendarias é o programa que integra o projeto curatorial de Frestas – Trienal de Arte do SESC Sorocaba 2025. A palavra é inspirada em “sendas”, que remete a caminhos e atalhos, e que se articula ao tema da exposição “do caminho um rezo”. *O programa será composto por* práticas artísticas, educacionais e textuais territorializadas, conectadas a conhecimentos que sempre estiveram presentes em aldeias, quilombos, comunidades e entornos. (Maiores informações disponíveis em: <[HTTPS://WWW.SESCSP.ORG.BR/FRESTAS/](https://www.secsp.org.br/frestas/)>. Acesso em 28 out. 2025).

convivência entre elementos contraditórios sem excluí-los, mas como possibilidade de tensão produtiva. Inclusive, em sua autodescrição, brincou que era “um objeto étnico não identificado”, cada elemento que trajava naquela noite era de uma etnia/país diferente. Criticou a bipolarização que adentra o cotidiano a partir do capitalismo e da hierarquização de pensamento, político e social. Quanto conhecimento é simplesmente deixado de lado e ou marginalizado por não ter sido produzido nos centros de poder e das instituições reconhecidas nacional e internacionalmente?

Nesse encontro, antes de entrarmos no teatro, onde aconteceria a palestra, conversamos sobre o primeiro texto que publiquei, uma resenha do livro “Praça Coronel Pedro Osório, o outro lado do negócio: um olhar sobre a complexidade e a contextualização do viver”, organizado por Jara Lourenço de Fontoura (2007), encomendado pelo Marcos para ser publicada na Revista de Estudos Universitários da Universidade de Sorocaba (UNISO). Também falamos rapidamente sobre o Parque da Paz, construído em 2018, na Escola Municipal “Professora Maria Domingas Tótor de Góes”, onde fui diretor. Ele precisava das referências e fotos para um texto que está produzindo.

Recordo-me que em nossos encontros de orientação, o professor Marcos, sempre paciente, sensível e acolhedor, entregava inúmeras possibilidades de leituras, filmes, exposições (em anotações em panfletos, recortes de jornais, livros ou mesmo na devolutiva dos textos), alguns eram obrigatórios e dava prazo para lhe entregar um texto reflexivo. Quando fazia a devolutiva, quase sempre, encontrava anotações nas margens e no final, isso precisa entrar na sua dissertação ou tese.

A partir de sua sugestão do filme “O céu de Suely”, de Karim Aïnouz (2006), estruturei a dissertação de mestrado “Cartografias dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar” (Proença, 2009), relacionando as trajetórias de vida, religiosidade e formação ao longo do trabalho como meus próprios céus. Fez tanto sentido, que acredito que ainda hoje faria da mesma forma.

Foi em uma das orientações, quando já estava no doutorado em educação, que ele comentou sobre realizar um estágio de doutorado internacional, com bolsa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Lembro que saí de sua sala com aquele frio na barriga e sonhando em poder viver essa experiência.

Os preparativos para a viagem foram intensos. Havia muito em jogo, seria o primeiro do Programa de Pós-Graduação a realizar o estágio sanduíche e pelas regras da CAPES, não poderia estar vinculado a um cargo público, teria que pedir um afastamento pelo tempo que estivesse com a bolsa internacional.

Essa foi a última ação para a aprovação da bolsa e só aconteceu quando eu já me encontrava em Barcelona, Espanha, onde fiquei seis meses, sob orientação do professor Lupicínio Iñiguez-Rueda, que me recebeu na Universidade Autônoma de Barcelona, em 2015.

Mesmo tendo feito a solicitação ao secretário municipal da Educação de Sorocaba, à época, com um prazo considerável, o mesmo não assinou o afastamento não remunerado e sequer deu um posicionamento, como era esperado. Assim, uma semana antes da viagem, fiz plantão no gabinete do secretário, pois precisava urgente do posicionamento oficial e poder pensar em outras possibilidades, inclusive a de exonerar o cargo. Estava

decidido que realizaria o estágio em Barcelona, de qualquer maneira.

Ao receber a negativa, frustrado e sentindo-me desvalorizado profissionalmente, enviei um e-mail ao professor Marcos, colocando-o a par da situação e, na sequência, escrevi o texto “Uma pedra que teima em rolar” e postei na rede social do Facebook, foi um desabafo carregado daquilo que o Marcos escrevera no texto “A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens” (Reigota, 2009), no texto, Reigota afirma a importância de trazermos em nossas pesquisas as trajetórias que compomos ao longo da história até a realização da pós-graduação.

Ao dar espaço à reflexão e re-elaboração de si, de sua trajetória, como cidadão, como cidadã, professor e professora, estudante, mestrando/a e futuro pesquisador/a da educação, os que vêm das margens se redescobrem, se identificam, como sujeitos políticos que enfrentam os mais diversos preconceitos e privilégios de classe solidificados na sociedade brasileira (Reigota, 2009, p.3).

Quando li o texto do Marcos pela primeira vez, já havia defendido a dissertação de mestrado. Emocionei-me com a leitura, eu era parte do texto e a partir dele, não havia mais dúvida da importância de trazermos nossas trajetórias para a pesquisa.

Creio que passei a acreditar mais em mim mesmo. Não mudaria o mundo, tampouco transformaria as práticas pedagógicas de uma rede toda, mas o meu olhar para as minhas próprias práticas e, principalmente, para os estudantes, ninguém mais poderia tirar-me.

São esses sujeitos que, ao se virem como cidadãos e cidadãs, como profissionais indispensáveis, como estudiosos/as e pesquisadores/as do cotidiano escolar, passam a olhar seus alunos e alunas e interagir com eles de forma diferente, alteram suas práticas pedagógicas, desobedecem os pacotes institucionais, os discursos ideológicos e interesses partidários explícitos que chegam até os professores e professoras e que os querem como simples reprodutores. Não, isso não. Não mais. O ambiente escolar em que vivem e atuam se transforma (Reigota, 2009, p.4).

Foi nesta perspectiva que escrevi o texto que apresento a seguir, pois, naquele momento emblemático, se tornou uma campanha em prol da licença sem remuneração, para que eu pudesse viajar no início de abril. Foi um ato político e pedagógico. Muitos familiares, amigos, estudantes que me conheciam e outros tantos amigos do Marcos, marcados por ele, nas redes sociais, tomaram ciência do que estava acontecendo e enviaram e-mails para a Secretaria da Educação de Sorocaba, exigindo a revisão da negativa da licença solicitada.

Uma pedra que teima em rolar

Há quinze anos, um mês e poucos dias, eis que um “caipira” cheio de medos e sonhos deixava a cidadezinha do interior para se aventurar nas bandas da terra rasgada. Havia sido promovido em um concurso público da rede estadual de São Paulo. Professor de geografia, recém-formado, foi encorajado por colegas de escola a não ficar lá, “aqui é muito pequeno para você”, diziam as professoras mais experientes. “Você deve alçar outros voos, continuar os estudos”, outras vozes se faziam ouvir. Nascido praticamente no sítio, cresceu com simplicidade, em meio ao trabalho simples de “apartar” as vacas para garantir o leite do dia seguinte e uma novena ao santo padroeiro pedindo chuva para a lavoura.

Iniciou os estudos na escola rural, que contava com duas salas, professoras polivalentes e turmas multisseriadas. Destacava-se pela altivez, tanto que a avó paterna sempre o chamava de “doutorzinho”. Era diferente do irmão mais velho que se aventurava nos trabalhos da roça. Não, definitivamente ele não tinha nascido para aquilo, ele sempre achava que se ia à escola para se tornar professor, e era com isso que sonhava.

Quando completou dez anos, os pais, pensando no futuro da prole, resolveram que era hora de ir para a cidade. Uma nova escola, muito maior que a do sítio, sala de uma única série, mais alunos e um professor. Assim, a pedra começa a rolar.

Nem tudo era tão simples como antes. Era preciso arrumar trabalho e arcar com algumas responsabilidades. Com doze anos, trabalhou por um curto período de tempo no mercadinho da rua onde morava, com treze ou catorze, foi balconista em uma papelaria e ainda fazia trabalhos escolares para colegas, cartazes para professoras alfabetizadoras.

Chegada a hora de escolher entre o colegial e o magistério, a pedra titubeia, mas no fim das contas, rola para a educação – foi o único aluno do sexo masculino a concluir o antigo curso normal, o magistério (que formava professores primários), sempre se destacava nas atividades e avaliações.

Na sequência, escolheu a graduação em geografia pela admiração que tinha por seu antigo professor da disciplina, e também pela distância da faculdade particular, que pagaria com seu trabalho no escritório de engenharia, depois do cartório de registro civil e, mais tarde, com o salário das aulas que recebia como professor eventual.

A pedra rolava, com mais dificuldades agora, até o lanche na hora de voltar para casa, era quase sempre dividido com uma colega ou com a irmã. Porém a cada novo dia, cada vez que o ônibus quebrava, cada noite muito mal dormida, valia o esforço.

O jovem mal se formou e já conseguiu passar no primeiro concurso público prestado e, ainda por cima, junto àquele professor que tanto o encantou na sala de aula!

Nosso personagem faz com que a pedra role para bem mais longe dessa vez: chega à Sorocaba e se dá muito bem, apesar da distância da família e da solidão que o acometia.

De professor, passou a coordenador pedagógico. Voltou aos estudos e fez complementação em pedagogia, indo todo sábado para outra cidade, com um grupo de professores, que dividiam o valor do transporte.

Assim, foi conquistando seu espaço, criando laços de amizade sinceros e deixando sua marca de empenho e dedicação no trabalho realizado nas escolas.

Apesar de mais acomodada, a pedra teima em rolar mais um pouco e, graças a uma bolsa da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, chega ao mestrado em educação. Um novo tempo começa e, com ele, quantas novas descobertas.

Encontros ressonantes com suas crenças, com suas perspectivas políticas e pedagógicas. Um mundo de outras literaturas, autores e autoras que, diferente da maioria canônica, davam voz e vez àqueles e àquilo que, até então, não era importante. Ali, uma pedra pode e deve rolar quantas vezes quiser e para onde quiser, pode falar, pode cantar e, por que não? – dançar.

A pedra pode dizer de si, e isso tem fundamentação política e pedagógica. E assim, passou a acreditar cada vez mais em si mesmo e no seu potencial mobilizador, e a colocar suas ideias com maior propriedade. Foi convidado para falar com professores/professoras, funcionários/funcionárias em escolas locais e cidades vizinhas.

Aos trabalhadores da educação, chama todos “educadores”, sem desmerecer ninguém, muito pelo contrário: diversas vezes chamou as merendeiras e faxineiras para também participarem de momentos importantes, como reuniões e festas, não como simples funcionárias, mas como protagonistas.

A pedra rolou e rolou mais algumas dezenas de vezes...

Passou no concurso da Secretaria da Educação de Sorocaba e iniciou carreira como diretor numa escola de Educação Infantil. Logo, uma amiga preocupada com seu êxito, o aconselhou: “você sabe a fama que essa secretaria tem em exonerar os funcionários, tome cuidado, não se apegue às crianças, não fique carregando-as muito, pois um conhecido meu sofreu um processo por abuso de menor”. Justo para ele que é apaixonado por crianças? Não houve jeito, mal chegou à escola e estava lá, no meio das crianças, correndo, abraçando-as e carregando-as sem distinção. E é assim até hoje!

“Eita menino porreta”, diria uma tia sua por consideração, ou “esse menino carrega água com peneira”, como mencionava uma parceira de trabalho, fazendo alusão à poesia de Manoel de Barros que tanto os encanta.

Sonhou em continuar rolando e chegou ao doutorado em educação.

A pedra é teimosa, não para!

Interessa a ele a educação como possibilidade de ampliar o sentido de cidadania. A ideia da pesquisa, na época, era fuçar o que está nas margens da educação, que ninguém dá valor, ou sequer olha e ouve.

Mas quer ir mais longe: uma bolsa de estudos de seis meses no exterior. Seria possível? Sim, com o apoio de seu orientador que o coloca em contato com um professor da Universidade Autônoma de Barcelona. E o nosso personagem corre atrás, colhe informações, escreve projeto, reúne os documentos necessários, tira passaporte, pede ajuda e conquista o benefício.

Rolar é preciso: oxigena as ideias, aguça os sentidos, possibilita novas criações. Porém, quando tudo está pronto para sua partida, a burocracia, aquela que mais atrapalha do que ajuda, resolve que não é a hora. A Promotoria da Justiça orienta o governo municipal, que não sejam mais contratados substitutos para os cargos vagos. Dessa forma, não seria concedida a licença sem remuneração.

Mas o diretor não desiste. Questiona: e como fica o que está anunciado nas diretrizes do Plano Nacional de Educação, em que as metas preveem aperfeiçoamento e titulação para os profissionais do ensino? E a diretriz técnica e política da gestão atual da Secretaria de Educação do município que também prevê valorização dos profissionais da educação, com objetivo de ampliação de programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação?

Então, a pedra deve estacionar? É o que desejam seus superiores, que não vislumbram os ganhos desse movimento. Não é apenas individual. Trata-se de uma conquista coletiva, fruto de um processo construído cotidianamente no chão da escola, com esforço, diálogo, estudo e trabalho. Aquilo que mais deveria importar, escapava ao olhar.

Tudo parecia levar à imobilidade daquela pedra...

Mas não, ela não rende-se aos ditames daqueles que não conhecem a sua história, as suas lutas e continua movimentando-se, alçando voos a partir das vozes daqueles primeiros colegas das escolas “Lázaro Soares”, de Riversul, e “Epitácio Pessoa”, de Itaporanga, assim como das inúmeras outras vozes que nele ressoam, vindas da família, dos corredores da escola onde trabalha, das redes sociais.

Em abril, a pedra rolará! E, dessa vez, atravessará um oceano, vencendo com teimosia as muitas tentativas de imobilizá-la.

Ela rolará sim! Seja com a permissão ou não da burocracia enfadonha e que tanto tolhe sonhos, possibilidades e as oportunidades de crescimento, amadurecimento e realização.

No dia 02 de abril embarquei com destino à Barcelona, Espanha. A licença sem remuneração foi assinada pelo então prefeito de Sorocaba, à época. Retornei ao Brasil no dia 30 de setembro, retomando o trabalho de diretor na escola e a pesquisa que vinha desenvolvendo tiveram outros rumos.

No 96^a aniversário de Paulo Freire, dia 19 de setembro de 2017, passei pela qualificação da tese “Pedagogia do Subterrâneo: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares”, em que o Professor Lupicínio esteve presente e trouxe importantes contribuições.

A tese aborda o papel político, pedagógico e ativismo de Pedro Lemebel, que através de sua escrita e performance, enfrentou a ditadura chilena de Pinochet,

apostando na força de seus saltos altos, de seu posicionamento latino, descolonizado e radical em diálogo com a pedagogia freireana: da autonomia, da esperança, dos sonhos possíveis, dos inéditos viáveis.

No dia da defesa, 13 de novembro de 2017, com a família quase completa – afinal era o primeiro doutor da família, se formando, cumprindo o que a avó paterna já dizia, quando era criança –, com muitos amigos, colegas de trabalho, estudantes dos grupos de pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação e Ritmos de Pensamento, o trabalho foi indicado, pela banca avaliadora, para participar do Prêmio CAPES de Teses.

Mais do que um orientador, o professor Marcos, hoje amigo, me apresentou a um mundo que eu posso me reconhecer, me conectar com os meus e oferecer oportunidades para que aquelas e aqueles que estão próximos, também possam se reconhecer como cidadãos e cidadãs. Possibilitou a aproximação com tantos outros corpos que vêm das margens, que criam estratégias para driblar burocracias, injustiças, desigualdades, violências e a política de esvaziamento de sentidos que estamos atravessando na história recente do país e do mundo.

Se esse movimento de ampliação da cidadania ocorre no ambiente escolar, e dados empíricos indicam que sim, poderemos repensar a dimensão política da escola e as suas configurações contemporâneas. Podemos mais, podemos produzir conhecimentos, conceitos e teorias radicais, pertinentes e, principalmente, descolonizadas (Reigota, 2010, p. 5).

Se é preciso transver o mundo, como escreve Manoel de Barros (1996), o Marcos foi um grande incentivador, tanto para esse olhar, como muitos outros exercícios de sentir, perceber e viver o mundo sem

superficialidade ou indiferença, mas sobretudo, e apesar de tudo, falar com ternura companheiro (Lemebel, 2013).

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FONTOURA, Jara Lourenço da. (Org.). **Praça Coronel Pedro Osório o outro lado do negócio**: um olhar sobre a complexidade e a contextualização do viver. Pelotas: EDUCAT, 2007. Resenha de: PROENÇA, Eder Rodrigues. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v.34, n.1, p.167-169, jun. 2008.

LEMEBEL, Pedro. **Poco hombre**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

O céu de Suely. Direção de Karim Aïnouz. Brasil/Alemanha/França: Celluloid Dreams, 2006.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos**: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. 2009. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

_____. **Pedagogia do subterrâneo**: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares. 2017. 347f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo. 2017

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

_____. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, p. 01-06, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24105/17083>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

_____. A produção de ausência de sentidos adentra o cotidiano escolar... e mata. In: **Paulo Freire**: educação e política no enfrentamento do obscurantismo. Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335813778_A_producao_de_ausencia_de_sentidos_adentra_o_cotidiano_escolare_mata_Paulo_Freire_educacao_e_politica_no_enfrentamento_do_obscurantismo-_Instituto_Sedes-SP-100919>. Acesso em: 20 jun 2020.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do. **Educação ambiental**: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

CAPÍTULO VIII

CAMINHOS PEDAGÓGICOS: DESLOCAMENTOS NO ESPAÇO/TEMPO

Débora B. A. Junker

*Caminhante não há caminho,
se faz o caminho ao caminhar.*

(Antonio Machado, 1912)

Querido Marcos,

Recebi o convite do Alisson Duarte para participar de um livro em sua homenagem, o que me deixou muito feliz. Contudo, em vez de escrever um texto ressaltando sua preciosa contribuição consolidada nesses anos de caminhada e sementeira em solos nem sempre receptivos, peço permissão a você para tomar outro rumo, traçar outra rota. Ou melhor, faço um deslocamento e, em vez de um texto sobre você, quero te escrever esta carta.

Escrevo esta carta não apenas para lembrar os fatos de como nos conhecemos, mas também para honrar o caminho que começamos a percorrer. Neste caminho, cada passo se torna uma escrita no terreno de nossa existência, sempre provisória, mas profundamente vivida. O corpo se move, mas também escuta: o silêncio das folhas, o murmúrio das pedras. As pedras! Lembro de Drummond: “No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho.” Quantas pedras tivemos e temos em nossos caminhos! Mas os caminhos não são

só de pedras; há a insistência do vento traçando as bordas do caminho, os rios criando seus deslocamentos, às vezes subterrâneos. Caminhar, então, não é apenas movimento; é uma forma de ler o mundo com inteireza.

Há um conforto no ritmo da caminhada, um pulso constante que acalma a mente. O horizonte se transforma a cada passo, mostrando-nos que a perspectiva depende da proximidade e da distância, da paciência e da entrega. Na abertura gradual de um caminho, encontramos um espaço em que o pensamento se dissolve em reflexão e a reflexão se funde com a percepção. À medida que o corpo atravessa limiares — sombras, pedras, poças d'água, clareiras ensolaradas — a mente cruza suas próprias fronteiras interiores. Na cadência rítmica da caminhada aprendemos a viver nossas notas (musicais): breve, semibreve, mínima, semimínima e as pausas, nossos silêncios da alma, também. Talvez aí nasçam nossas utopias. Como nos lembra Galeano citando a Fernando Birri,³¹

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

Caminhar mostra que nossos deslocamentos pelo espaço-tempo podem despertar algo dentro de nós, um convite silencioso para indagar, questionar e reimaginar nossas rotas e também encontrar atalhos. E ainda assim, caminhar nunca é apenas sobre nossa própria história. Os caminhos carregam a memória dos outros: pessoas que

³¹ Eduardo Galeano. <https://www.youtube.com/watch?v=JrAhHJC8dy8>

caminham conosco e aquelas que se somam à nossa *caminhadura*. Seus vestígios permanecem — às vezes visíveis no terreno arenoso da existência, às vezes invisíveis, mas não menos reais. Caminhar é, assim, participar de um arquivo compartilhado de esforço humano e de vulnerabilidade. O mundo nos sustenta enquanto caminhamos, e nós, por nossa vez, aprendemos a sustentá-lo com uma ternura mais profunda.

Tenho pensado ultimamente sobre as formas surpreendentes e gentis como amizades significativas começam — como as conexões mais duradouras muitas vezes chegam não com uma certeza estrondosa, mas como fios silenciosos que alguém, em algum lugar, escolheu tecer.

Lembro-me com clareza da primeira mensagem que recebi da Nita Freire, em 2016, na qual mencionou seu nome, referindo-se a um de seus livros, e sugeriu que entrasse em contato com você, pois nossa visão ético-pedagógica tinha pontos em comum. Também comentou seu interesse em saber mais sobre a Cátedra Paulo Freire, que havíamos inaugurado com a presença dela no seminário teológico em Evanston, Illinois³². Algum tempo depois, trocamos alguns e-mails breves e você comentou que estava em outra cidade durante a inauguração da Cátedra, por isso não pôde participar conosco.

Passados alguns meses dessa primeira troca de mensagens, em janeiro de 2017, tive uma grata surpresa ao receber seu convite para participar de um Simpósio, 20 Anos Sem Paulo Freire,³³ que você estava organizando

³² Cátedra Paulo Freire, Garrett-Evangelical Theological Seminary. See catedra.garrett.edu

³³ Simpósio 20 Anos Sem Paulo Freire. Universidade de Sorocaba-SP (UNISO), Programa de Pós-Graduação em Educação. Outubro 16-18, 2017.

com colegas e que, a princípio, ocorreria na Universidade Federal do Pará. Durante o período de preparação, tornou-se necessário um *deslocamento* e foi decidido que o encontro seria realizado na UNISO - Universidade de Sorocaba, em outubro daquele ano.

Ainda me lembro de como me senti ao ler o convite: surpresa, honrada e profundamente grata. No convite, você dizia: “Gostaríamos de contar com sua participação em dois momentos. Primeiro, durante um painel no qual você poderá compartilhar informações sobre a influência atual de Paulo Freire nos EUA, bem como sobre a origem da Cátedra Paulo Freire em sua instituição. Em segundo lugar, gostaríamos de convidá-la para participar de um diálogo entre diferentes grupos de pesquisa do Departamento de Educação (professores e alunos de mestrado e de doutorado).”

Hoje é difícil lembrar os detalhes exatos que experimentei quando cheguei à Universidade — uma mistura de expectativa sobre o evento e minha participação, mas também uma grata sensação de voltar à casa, de poder falar na minha língua. Foi esta familiaridade que me surpreendeu e que ainda permanece vívida em minha memória. Ao entrar na UNISO e ser apresentada aos colegas e colaboradores do evento, me senti muito à vontade. Notei imediatamente a intencionalidade do espaço — uma atmosfera de generosidade, uma recusa à rigidez hierárquica, um convite silencioso para pensar de forma expansiva. Tenho plena certeza de que este clima acolhedor foi possível graças à presença e ao carisma dos organizadores, você e profa. Alda, com quem pude conviver mais perto naqueles dias. Certamente outras pessoas colaboraram e foram indispensáveis para a realização do encontro e, ainda que não lembre de seus

nomes, recordo que encontrei muitas pessoas interessantes. Lembro com carinho das professoras Alda Romaguera (UNISO) e Marilena Loureiro (UFPA), da doutoranda Tania Aversi,³⁴ com quem, posteriormente, tive a alegria de integrar a banca de defesa de doutorado, e também do Eder Proença, com quem tive a grata alegria de colaborar em outro momento.

As sessões no Simpósio fluíam com uma coerência não forçada, moldada não por uma estrutura rígida, mas por uma energia coletiva construída por compromissos compartilhados. Era evidente para mim, naquela época, como ainda é hoje, que seus valores pedagógicos não eram meramente teóricos; eram visíveis na forma como você cultivava a comunidade, tratava os colegas e convidava os outros para o diálogo. Fazer parte desse evento foi um verdadeiro presente que me permitiu ver o ser humano por trás das correspondências — a pessoa cuja gentileza, rigor e integridade já haviam encontrado seu caminho por meio das palavras escritas.

Naquela ocasião, jamais poderia ter imaginado que a vida me conduziria a Sorocaba de maneiras inesperadas e me envolveria em múltiplos *deslocamentos*. Anos depois, meus laços familiares me chamariam repetidas vezes de volta a essa cidade acolhedora.

Depois da conferência, pensei que nossas conversas poderiam diminuir naturalmente, como às vezes acontece em intercâmbios acadêmicos após o término do projeto compartilhado. Mas, em vez disso, nossa correspondência ganhou nova textura e profundidade. Começamos a escrever sobre as ideias que nos despertavam, os desafios pedagógicos que

³⁴ Tania Aversi, *Pedagogias em Deslocamento no Cotidiano da (In)diferença: Narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana*. Setembro, 2021.

enfrentávamos e as perguntas que nos mantinham acordados à noite. Nossas correspondências se tornaram um espaço onde o pensamento se desenrolava lentamente, atentamente, com um respeito mútuo que permitia vulnerabilidade.

Com o tempo, essas trocas tomaram a forma de um diálogo contínuo — sem respostas definitivas, mas como uma forma compartilhada de se perguntar. Escrevemos sobre nossos alunos e alunas e sobre a beleza imprevisível que trazem aos espaços de aprendizagem. Dialogamos sobre as tensões entre as demandas institucionais e a imaginação com que nós, educadoras e educadores críticos, desejamos cultivar a emancipação em vez da conformidade. Compartilhamos a importância de ler não apenas conteúdos impostos por contextos acadêmicos, mas adicionar aqueles conteúdos forjados na esperança que nos anima e na responsabilidade que assumimos de nos reservar espaço para histórias marcadas pela dor, pela resiliência e pela complexidade, porque entendemos que o “mundo não é, o mundo está sendo”, como o mestre Freire nos ensinou.

Nossas correspondências se tornaram, de certa forma, uma prática pedagógica própria: uma forma de pensar — com outra pessoa que compreendia os riscos emocionais, intelectuais e espirituais do trabalho que desenvolvíamos. Passamos a compartilhar nossas esperanças e desencantos, bem como os *deslocamentos* que ambos nos provocam.

O que se desenvolveu entre nós, acredito, foi uma amizade enraizada em interesses comuns, em compromissos compartilhados. Compromissos com a justiça, com os seres humanos e mais-que-humanos. Com a crença de que a educação pode ser tanto um local de

resistência quanto um lugar para educar nossas esperanças.

Outra memória que guardo com carinho foi em 2021, quando milhares de iniciativas e homenagens foram organizadas para celebrar o centenário do nascimento de Paulo Freire. Em abril de 2021, a Cátedra promoveu um evento no qual educadores renomados dos EUA (Donaldo Macedo, Henry Giroux, Antonia Darder e Peter McLaren) compartilharam como seus caminhos se cruzaram com os de Freire. Foi um encontro interessante, com uma audiência fantástica e, inclusive, contei com sua ajuda na divulgação do evento. Depois do encontro em abril, você e eu enfrentamos alguns desafios na vida acadêmica e pessoal, com a morte de amigos queridos, e ficamos, por um longo período, sem nos comunicar. Contudo, sentia que a *Cátedra* deveria comemorar o centenário de Freire (setembro 1921-2021). Escrevi para você e trocamos algumas ideias. Ainda estávamos sob o efeito da pandemia e de toda a exaustão emocional que nos tinha causado e tentávamos processar as ramificações da COVID-19 no tecido da sociedade global. Ao refletir sobre as lembranças despertadas pela escrita desta carta, revisei nossa troca de mensagens e, em uma dessas cartas, escrevi que, embora tivesse considerado escrever várias vezes, não tinha conseguido fazê-lo nos últimos meses. No entanto, como a vida exige que sigamos em frente, estava retomando minhas atividades e tentando recuperar a energia necessária para enfrentar mais um semestre.

Na minha mensagem, mencionei que gostaria de organizar um encontro informal com colegas de língua portuguesa, como forma de homenagear Freire em sua língua materna. Começamos a trocar mensagens com

possíveis participantes. Apesar dos nossos compromissos e responsabilidades institucionais, encontramos tempo para pensar no encontro e superar a tristeza causada pela morte de pessoas queridas. Sua colaboração nesse processo me deixou muito alegre, e eu escrevi,

Você trouxe uma alegria especial ao responder à minha mensagem. Compreendo como acrescentar mais responsabilidade no trabalho pode esgotar nossa energia já limitada nesses tempos de pandemia. Mas vamos esperar como nosso mestre Paulo ensinou e tentar reanimar uns aos outros. Somos seres de emoção, de sentimentos, de momentos de tristeza e de alegria e, acima de tudo, seres em expansão, mesmo quando nos sentimos bem espremidos por forças além do nosso desejo.

Concluí minha mensagem parabenizando-o pelas suas publicações recentes, que você gentilmente havia compartilhado comigo. Um gesto generoso que permanece até hoje. Em nossas conversas posteriores, continuamos avançando com os planos para a homenagem, garantindo que tudo estivesse nos trilhos e bem planejado.

Quando confirmamos a data e os convidados/as e precisávamos decidir o título do evento, você sugeriu “A Noção da Solidariedade em Paulo Freire e a sua Urgência no Tempo Presente”,³⁵ o que aceitei imediatamente. O encontro aconteceu em 24 de setembro de 2021, com tradução para o inglês e, para mim, que já tinha

³⁵ Cátedra Paulo Freire 2021: *A Noção de Solidariedade em Paulo Freire e sua Urgência no Tempo Presente*. Palestrantes: Marcos Reigota, Marcelo Furlim, Marilena Loureiro. Moderadora: Débora Agra Junker. 24 de setembro, 2021.

coordenado outros encontros da Cátedra, foi um dos mais gratificantes. Em meu agradecimento por sua colaboração escrevi,

Marcos, meu amigo, obrigada!

*Quero agradecer, mais uma vez, pela sua presença e participação ontem no evento. Sua voz e sua perspectiva foram muito importantes e os exemplos que trouxe foram pertinentes e necessários. Os outros eventos que promovi pela Cátedra, desde 2016, sempre tiveram um clima diferente. Não sei se foi por estarmos, eu, você, a Marilena e o Marcelo, conversando em português ou se falar sobre a solidariedade em Freire nos motivou a compartilhar nossas ideias de forma tão sincera e autêntica. ...Minha filha estava assistindo e comentou comigo que foi lindo ver como nós quatro estávamos na mesma sintonia. Ela disse que ficou encantada com você, com o **que** e **como** você falou, com sua sensibilidade.”*

Uma coisa que sempre me impressionou foi saber que nossa amizade é sustentada pelo ritmo lento das correspondências, pelos longos hiatos que às vezes separam uma mensagem das outras, e pela marca da generosidade de entender nossos *tempus fugit* sem impor exigências. Numa época em que a comunicação por vezes parece apressada e superficial, criamos um espaço acolhedor onde não há pressa nem pressão. É um lugar construído sobre o reconhecimento mútuo e a paciência gentil de esperar a nossa vez de nos comunicarmos, fazendo com que nos sintamos valorizados e compreendidos.

Escrever esta carta para você não se trata apenas de relatar acontecimentos; trata-se de valorizar as memórias e refletir sobre o seu significado, reconhecendo a importância desses momentos de deslocamento. Nossa amizade tornou-se, para mim, um belo lembrete da

dimensão relacional da educação — a verdade de que crescemos ao lado dos outros, que as ideias criam raízes e florescem na comunidade e que o trabalho de ensinar é inseparável do trabalho de construir relacionamentos com os outros e com a natureza. Você se tornou um amigo de jornada, *cum panis* — alguém com quem compartilho o pão — intelectual, ético e utópico. Como Freire nos lembrou de forma tão bela, o que realmente importa não é o assunto específico das cartas, mas sim o fato de que elas devem estar ‘ensopadas’ de fortes convicções e que elas sirvam como um “exercício articulado da imaginação de um mundo menos feio, menos cruel.”³⁶

Ao concluir esta carta, gostaria apenas de expressar minha profunda gratidão. Obrigada, Marcos, pela sua amizade generosa, pela sua confiança e pelas conversas enriquecedoras que temos tido ao longo desses anos. Aprecio muito o seu pensamento ecologista, que me incentiva a refletir de forma mais profunda, ética e criativa sobre o trabalho que ambos valorizamos. Mas, além de expressar minha gratidão, quero reconhecer a pessoa que você é, cuja vida e trajetória têm verdadeiramente inspirado tantas pessoas em suas andanças e *deslocamentos*.

Que o nosso caminhar, tantas vezes marcado pela dureza dos terrenos que pisamos, se converta em solo fértil para a sementeira. Que cada passo, deliberado ou tranquilo, reúna momentos dispersos de atenção e os redirecione rumo ao que realmente importa.

Que nossos passos se alonguem, nossa respiração se aprofunde, nossos olhos permaneçam abertos e, que de repente, o caminho se torne nosso mestre – um que

³⁶ Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos*. São Paulo: Paz & Terra, 2000, p.43.

sussurra que, enquanto caminhamos, as revelações vão chegando de mansinho, nas cores das estações, nos aromas que da terra molhada, nas sombras das árvores que nos oferecem sombra, na companhia dos animais, rios e florestas, no eco de nossos passos nos lembrando que fazemos parte de algo muito maior, pois como diz Ailton Krenak, “andamos em constelação”.³⁷

Que aprendamos com os povos originários a andar suavemente nesta terra, com todos os seres humanos e mais-que-humanos, lembrando que, enquanto caminhamos, uma força divina, gentil e sábia, criou todas as coisas.

Com gratidão pela sua amizade,
Débora

REFERÊNCIAS

Cátedra Paulo Freire, Garrett-Evangelical Theological Seminary. See catedra.garrett.edu

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

GALEANO, Eduardo.
<https://www.youtube.com/watch?v=JrAhHJC8dy8>

³⁷ Ailton Krenak, *A Vida Não É Útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p.39.

KRENAK, Ailton. **A Vida Não É Útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MACHADO, Antonio. "Cantares" (XXIX). In: **Campos de Castilla**. 1910.

Simpósio 20 Anos Sem Paulo Freire. Universidade de Sorocaba-SP (UNISO), Programa de Pós-Graduação em Educação. Outubro 16-18, 2017.

CAPÍTULO IX

A FILOSOFIA É ESSA: DÊ UM ROLÊ³⁸

Leandro Belinaso

*Aquilo que não havia,
acontecia.*

(Guimarães Rosa, 2016, p.68)

Estamos em agosto de 2025. Marcos Reigota aterrissa em Florianópolis para duas rodas de conversa, uma na Universidade do Estado de Santa Catarina e outra na sede do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, em Palhoça, ambas organizadas pela professora Ana Maria Preve, pelo coletivo do projeto de extensão universitária Bicho Geográfico e por mim. As conversas transcorrem em um tom baixo, lento, macio e emocionado. As palavras enunciadas por Marcos nos atingem com força. Talvez, em razão das alianças, intensas, de seu trabalho intelectual com a vida cotidiana, a vida mundana, com o que Felipe Moreno (2020) chama de pedagogia do ver, “a retomada da experiência dedicada ao presente, à imersão na coisa em si. Uma reformulação da experiência capaz de eleger os valores de uma vida contemplativa”. Marcos passa por Florianópolis com seu corpo em *estado de ficção*, como se sua voz, seus gestos e sua presença, construíssem nos espaços públicos da universidade e do parque uma

³⁸ O título é uma frase do romance *Corra magrelinho corra*, de Marcos Reigota (2023), composta em simbiose, pelo autor, com a canção *Dê um rolê* dos Novos Baianos.

“narrativa ficcional”³⁹, uma vida ecologista desnuda, amorosa.

Não é a primeira vez de Marcos na Ilha de Santa Catarina. Em 2010, no primeiro Seminário *Ecologias Inventivas*⁴⁰, organizado por Ana e por mim e pelas amigas do coletivo Tecendo, Marcos lota o auditório do Centro das Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina. Anos mais tarde, visitando a exposição fotográfica *Depois do fim, o cotidiano*, organizada pelo Tecendo e financiada pela Fundação Japão, com suas imagens tiradas em eventos de rememoração às bombas atômicas lançadas pelos Estados Unidos nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, em 1945, Marcos oferta um bate-papo no auditório, lotadíssimo, da Fundação Cultural Badesc. O pesquisador participa presencialmente, também, de duas bancas de orientandas minhas, da dissertação de mestrado de Janice Zanco, em 2010, e da tese de doutorado de Aline Krelling, em 2018.

Meu primeiro encontro com Marcos acontece na Universidade Federal de Santa Catarina, na sessão de defesa da tese de doutorado do professor e escritor Valdo Barcelos, em 2001. Naquele momento, estou há apenas um ano como docente efetivo da UFSC, ocupando a vaga que seria, justamente, de Marcos, que prefere, em meados dos anos 1990, estar próximo a amigos e familiares em São Paulo e, logo depois, retornar à Europa para mais uma temporada de trabalho e de estudos.

Reencontro com ele em 2006 em uma reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em

³⁹ Noção de Marcos Reigota (1999) desdobrada no livro *Ecologistas*. Para mim, um dos mais significativos, pois ressoa, até hoje, nos meus trabalhos e escritos. Sempre volto a ele, releio algumas passagens, me reencontro com as minhas anotações de outros tempos, de outras leituras.

⁴⁰ Ver em Preve et al (2012), o livro resultante deste encontro.

Educação, na cidade de Caxambu, em Minas Gerais. Viajamos desde São Paulo no mesmo ônibus, tomado na estação rodoviária do Tietê. Eu não tive coragem de iniciar uma conversa com ele, nem no embarque, nem na parada que fizemos para lanche no meio da viagem. Lembro de tomarmos um café no balcão a uma distância curta. Mas em Caxambu, no intervalo da programação do Grupo de Trabalho de Educação Ambiental, conversamos. Eu me apresento e o convido para fazer parte da minha banca de tese de doutorado, da defesa que aconteceria no próximo ano. Ele aceita e me fala do Milton Hatoum, um escritor também interessado nos textos de viagem de Euclides da Cunha sobre a Amazônia. Esta conversa acontece pouco tempo depois do meu retorno de Buenos Aires, onde estive por alguns meses durante um doutorado-sanduíche. O encontro com Marcos no corredor do hotel Glória em Caxambu marca o começo da nossa amizade, que perdura por duas décadas e se fortalece a partir de 2007 quando começamos a trabalhar juntos em um programa de formação de educadores ambientais no interior de Santa Catarina, em Itá⁴¹.

*

Busco Marcos no hotel na hora agendada por e-mail. Quando chego, ele já está me aguardando no hall de entrada e destaca, entre uma troca de sorrisos e de abraços, a minha pontualidade. Almoçamos no restaurante palestino do Santa Mônica e, compartilhando uma comida deliciosa em um ambiente tranquilo, papeamos por quase quatro horas.

*

⁴¹ Ver em Reigota (2015) a coletânea derivada dessa experiência.

Para as conversas na universidade e no parque, preparo um conjunto de cinco questões. Apenas a última fica sem ser lida, mas a apresento no fim deste ensaio como um pedido de que o diálogo jamais cesse.

Na universidade, com um auditório repleto de estudantes, colegas e amigos, Ana inicia a sessão fazendo ao Marcos a primeira pergunta da noite. Sobre como ele chega, em sua trajetória de vida, ao campo da educação ambiental. Questão que permite a ele contar um pouco da sua história pessoal, aliada a contextos sociais, culturais e políticos, desde os tempos de estudante de mestrado.

Em seguida, apresento minhas primeiras questões.

*

Gostaria de focar agora, Marcos, na importância que você dá às viagens, aos deslocamentos físicos e simbólicos, na sua obra, no seu pensamento. Seus livros testemunham movimentos intensos pelo planeta: Belgrado, Tbilisi, Hiroshima, Nagasaki, Leuven, Macapá, Berlim, Promissão, Genebra, Recife, Oaxaca, Tupã, Paris, Itá, São Paulo, Sorocaba, Fortaleza e Florianópolis. Uma lista breve de algumas das cidades que visitamos através da sua obra. Em uma passagem do livro *Hiroshima e Nagasaki*, que faz em 2025 dez anos de publicação, você diz: “pelo caminho, encontrei anônimos cidadãos, renomados intelectuais, artistas, professores e pesquisadores”. E mais adiante comenta, “eu não queria ficar num só lugar, queria andar e ver o que estava acontecendo”. Se deslocar, se abrir aos encontros, se deixar afetar, são, para você, gestos imprescindíveis para a construção de uma vida ecologista? Qual cidade você sente, neste momento, mais desejo de retornar e, com a viagem, escrever?

*

Marcos coloca foco em sua resposta nos encontros cotidianos, em como eles vão acontecendo e produzindo, entre alianças e dissabores, modos de existir. E destaca a importância de estarmos, sempre, em movimento. Anoto em meu caderno: uma vida ecologista é o desdobramento de uma busca, de um encontro, de uma relação, de um estado de impermanência.

Na lista das cidades, o escritor e viajante sente a ausência de Moscou, da alegria de caminhar pelas ruas da capital russa em plena Perestroika, durante o processo de abertura política e econômica da União Soviética na segunda metade dos anos 1980 e começo da década de 1990. Ele responde à pergunta dizendo que é Kyoto, também ausente da lista, a cidade que mais deseja retornar⁴².

*

Sinto, Marcos, lendo e relendo seus textos, a força insinuante dos conceitos mobilizadores do pensamento, do corpo. Em *A floresta e a escola* temos, de um modo inaugural na educação ambiental brasileira, a proposição de uma prática pedagógica com as imagens, um chamamento de atenção a elas, para o que reverberam de sentidos e de sensações. No livro *Ecologistas* a noção de narrativa ficcional segue produzindo efeitos e sendo desdobrada em investigações recentes. Há muitas outras noções sedutoras, impulsionadoras de uma ética, de uma escuta do que vem do outro, e de uma política, de um

⁴² Os eventos em Florianópolis e Palhoça acontecem dias antes de Marcos embarcar à Belgrado para uma conferência, reencontrando a cidade trinta anos depois de sua última passagem, a respeito da sua obra Iugoslávia, de 2001.

modo de existir, de partilhar sensibilidades e de trazer as histórias silenciadas “dos que vem das margens”⁴³ para o espaço público. Cito duas noções mais recentes: “a aventura de desnudar-se”⁴⁴ e “a maquinaria de produção de ausência de sentido”⁴⁵. Seria esse gesto criativo, político e proliferante, de produção de rotas variadas para o pensamento e para a ação educativa, derivado de um modo contracultural de existir? É como se um vento contracultural, tão vitalizante para a emergência de um campo educativo-ambiental nos anos 1970, ainda soprasse em você, se atualizasse através do seu pensamento, da sua escrita. Você sente isso? Sente viva, em você, uma chama contracultural, um desejo de desaliança às prerrogativas neoliberais, conservadoras, individualistas, institucionais, aceleradas e produtivistas do tempo presente?

*

No debate, na sequência desta questão, emergiu um conjunto instigante de questões. Registro algumas delas, a partir das minhas anotações.

Há uma percepção de que Marcos produz na educação ambiental brasileira uma luta pelo direito de cada cidadão, de cada cidadã, existir, por uma vida cotidiana pautada na dignidade. Uma, quem sabe, educação pela existência.

Algumas perguntas apontaram para as questões climáticas, para a presença, ou não, do Marcos, nossa, na Conferência das Nações Unidas, a Conferência das

⁴³ Expressão presente no título de um ensaio apresentado em uma mesa-redonda na Reunião da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd) de 2009 em Caxambu e publicado no ano seguinte na revista Teias. Ver em Reigota (2010).

⁴⁴ Ver Yang, Reigota e Barchi (2018).

⁴⁵ Ver Reigota (2019).

Partes, a COP 30, em novembro de 2025 em Belém. Marcos lembra uma mesa na Rio-92 em que estava ao lado de Paulo Freire, Davi Kopenawa, José Lutzemberger, Patativa do Assaré e Marcio D’Oliveira Campos (organizador da sessão). Registra, para além da pertinência dos engajamentos maiores, globais, a importância do combate que se impõe a nós, hoje, em nossos espaços de vida mais miúdos, mais corriqueiros, a luta contra uma vida fascista e autoritária.

*

Gostaria de percorrer um pouco as trilhas da arte, sobretudo, da música. Difícil não lembrar dos trabalhos, alguns deles orientados por você, da saudosa Marta Catunda, das parcerias compositivas dela com os pássaros e com a Tetê Espíndola. Você, Marcos, é um coletor de histórias, nas palavras de Mary Jane Spink (1999). Publicou livros no campo da educação ambiental através dos quais temos acesso a narrativas de professores, anônimos, tecidas sobre suas vidas cotidianas e sobre suas práticas pedagógicas. Há uma coleção de vozes nas suas obras. Você coleciona, também, álbuns de vinil, sobretudo, da música brasileira de outros tempos. Coleta e guarda, ainda, rastros de suas passagens pelos lugares: bilhetes, cartões-postais, fotografias, recortes de jornal, folders de eventos, de mostras de cinema, de exposições. Coletar é um modo de fazer do cotidiano mais banal um texto de memória. Especificamente sobre os discos, queria que você comentasse como surgiu essa vontade de os colecionar. No livro que você lançou com Rita Zan chamado *Discos que gostamos de ouvir*, um álbum me chama a atenção. O que fecha o livro. O da Tuca, de 1974, o *Drácula I love you*. Um álbum fabuloso, psicodélico, experimental, delicioso,

de uma cantora que faleceu jovem nos anos 1980 e, imagino, bastante desconhecida. Pode comentar um pouco sobre esse disco, esse livro, esse gesto colecionista?

*

Minhas anotações estão confusas, esparsas. Mas à lápis com algumas palavras rasuradas, sinto ter registrado algo da fala do Marcos a partir deste bloco de questões. Ele se emociona ao lembrar da presença da música tocada pela vitrola na casa de seus pais, enquanto a comida era preparada. O gesto colecionista, diz Marcos, é uma reflexão e uma possibilidade de encontrar pessoas, de acessar histórias. O registro de tudo isso em um caderno é uma prática ecologista, de atenção à vida mais banal que se apresenta diante de nós.

*

Acredito, Marcos, que seria interessante poder escutar um pouco sobre a presença em sua obra de sujeitos históricos vitalizantes dos pensamentos educacional e artístico brasileiros. Poderia nos contar sobre seus encontros, por exemplo, com Paulo Freire, com Plínio Marcos, com Itamar Assumpção, com Ana Cristina César, com Lygia Clark, com Milton Hatoum, com um ou com alguns deles ou com outras pessoas que você deseje falar?

*

Embora você seja mais conhecido, ainda hoje, pela obra *O que é educação ambiental?* e pelos livros que articulam à educação ambiental a noção de representação social, há muitos outros textos, evidentemente. As questões anteriores mostram essa vigorosa variação. Cito, por exemplo, seu livro lançado pela editora Casatrês aqui

de Florianópolis chamado *Corra, magrelinho, corra*. Uma deliciosa fotografia do ano de 1982. Uma obra escrita no próprio ano de 1982 e só tirada da gaveta e revisada recentemente. Um livro que nos coloca dentro das sensações libertárias de um período de intensas mobilizações pela redemocratização do país. Queria te ouvir um pouco sobre o lugar que você destina, em sua trajetória, ao livro da editora Brasiliense, publicado dois anos depois da Rio-92. E como enxerga, jogando luz ao seu último livro, os levantes reacionários, teocráticos e saudosistas da ditadura militar em nosso país? Como eles se tornaram possíveis no tempo presente?

Ilha de Santa Catarina, agosto de 2025.

REFERÊNCIAS

MORENO, Felipe. **A humanidade está na praia**. Florianópolis: Casatrês, 2020.

PREVE, Ana Maria Hoepers et al. (Org.). **Ecologias inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012

REIGOTA, Marcos. **Corra, Magrelinho, Corra**. Florianópolis: Casatrês, 2023.

REIGOTA, Marcos. The production of an absence of sense permeates the everyday of schools...and kills. **Espacios Transnacionales**, v. 7, p. 104-107, 2019.

REIGOTA, Marcos e ZAN, Rita. **Discos que gostamos de ouvir**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017.

REIGOTA, Marcos (Org.). **Educação ambiental e práticas pedagógicas cotidianas**. São Paulo: Intermeios, 2015.

REIGOTA, Marcos. **Hiroshima e Nagasaki**. São Paulo: Edição do Autor, 2015.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental?** Edição revista e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2014.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. Rio de Janeiro. **Teias**, v. 11, p. 1-6, 2010.

REIGOTA, Marcos. **Iugoslávia: registros de uma barbárie anunciada**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SPINK, Mary Jane. **Prefácio**. In: REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

YANG, André, REIGOTA, Marcos e BARCHI, Rodrigo. Ecosofia tropical, educação ambiental canibal e a aventura de desnudar-(se). Campinas. **Linha Mestra**, v. 35, p. 265-277, 2018.

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

- **Alisson José Oliveira Duarte (Org.)**

Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), com estágio pós-doutoral na mesma universidade (2026); Especialista em Psicanálise Clínica pela Universidade de Araraquara (2014), Graduado em Psicologia pela Universidade de Uberaba (2011). É membro do grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação. Desenvolve pesquisas interdisciplinares nos campos da Psicologia e Ecologia Humana, com ênfase na Educação Ambiental Quadridimensional perspectiva de sua autoria, fundamentada em quatro dimensões interdependentes: Corporal/Pessoal, Social, Socioambiental e Ecoespíritual. Atua como Psicólogo Organizacional no Departamento de Gestão de Pessoal e Educação em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Uberaba-MG. E-mail: alisson-duarte@hotmail.com

- **Thiago Henrique Barnabé Corrêa (Org.)**

Doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com estágio pós-doutoral em Educação na Universidade de Sorocaba, é mestre em Educação e licenciado em Química. Atualmente é professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação, além de exercer funções de gestão acadêmica e cultural. É líder do grupo de pesquisa 'Perspectiva Ecologista de Educação' e integra redes e grupos de pesquisa no Brasil e na América Latina, dedicando-se à formação de professores, à Educação Química e à pesquisa narrativa. E-mail: thiago.correa@uftm.edu.br

- **Nilda Alves**

Professora emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora emérita pela FAPERJ, com exercício na UERJ, no ProPED - Programa de Pós-Graduação em Educação/EDU/Maracanã e no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais – FFP/São Gonçalo (RJ). Pesquisadora Sênior/CNPq. Líder do GrPesq 'Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons'/UERJ-

CNPq. "Prêmio FAPERJ 2025/Pesquisador Destaque – Humanidades". "Doctor Honoris Causa" na Universidade de Rouen/Normandia/FR (2026). Ex-Presidente da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação); da ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação); da ABdC (Associação Brasileira de Currículo); da ASDUERJ (Associação dos Docentes da UERJ). E-mail: nildag.alves@gmail.com

- **Neila Guimarães Alves**

Professora da rede municipal de ensino do município do Rio de Janeiro (aposentada). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (aposentada). Colega de Marcos Reigota no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação/UFF. Doutorado pelo ProPEd/EDU/CEH/UERJ, com a tese Educação Ambiental: modos de ver, pensar e fazer o mundo (2008). E-mail: guimaraesneila@gmail.com

- **Rodrigo Barchi**

"Fiz graduação em Geografia na Universidade de Sorocaba, trabalhando como estagiário para o Marcos, que foi meu orientador de TCC. Ele me orientou e guiou para fazer a Especialização em Educação Ambiental na ESSC-USP e foi meu orientador de mestrado no PPGE-UNISO, do qual hoje, sou pesquisador e professor, coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares, tentando manter vivo o seu legado metodológico e epistemológico. Foi Marcos quem me apresentou à leitura de Silvio Gallo, que foi meu orientador no doutorado em Educação pela Unicamp. E também Paula Henning, com quem fiz estágio de pós-doutorado na FURG. São quase 30 anos de parceria, amizade e cumplicidade, gente...". E-mail: rodrigo.barchi@prof.uniso.br

- **Alan Silus**

Doutor em Letras (Estudos Literários). Professor e Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/ Campo Grande. Escritor, Ensaísta e Membro do PEN Clube do Brasil - Região Centro-Oeste. E-mail: profalansilus@gmail.com

- **Tetê Espíndola**

Campo-Grandense radicada em São Paulo (capital). Cantora, Compositora e Instrumentista. Reconhecida nacional e internacionalmente por sua voz e pelo trabalho de preservação ambiental e manutenção das culturas do Brasil.

- **Eder Rodrigues Proença**

Mestre e Doutor em Educação pela Universidade de Sorocaba, com estágio na Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. Realizando Pós-doutorado em Educação pela UFSCar – Sorocaba. Membro dos grupos de pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação – UFTM e CRIEI – UFSCar – Sorocaba. Atuação como professor de escola pública. Hoje é diretor de escola efetivo, atuando na Educação Infantil de Sorocaba – SP, onde o foco do trabalho é o desamparado da infância, numa perspectiva de Educação Infantil Ambiental. Pesquisador interessado nos seguintes temas: Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas; Cartografias Subjetivas; Pedagogia do Subterrâneo; Perspectiva Ecologista de Educação; Sexualidades e Educação; Pedro Lemebel; Educação Infantil Ambiental. E-mail: eder.proenca1@gmail.com

- **Débora B. A. Junker**

É professora associada de pedagogias críticas no Garrett-Evangelical Theological Seminary (IL-EUA), onde obteve seu doutorado. Possui mestrado em Educação Cristã (Christian Theological Seminary, IN-EUA) e em Ciências das Religiões (Universidade Metodista de São Paulo). Em 2016, com apoio institucional, fundou a Cátedra Paulo Freire, que dirige desde então, preservando o legado do educador e filósofo brasileiro. Em suas atividades acadêmicas, adota uma abordagem interdisciplinar, com interesses que vão de Freire, pedagogia crítica, estudos interculturais e decoloniais até as teologias da libertação. Tem textos publicados em português, inglês e espanhol. Seu recente livro, “A Pedagogy for Planetary Convivência: A Freirean Perspective to Think Pedagogy Otherwise”, convida-nos a adotar uma pedagogia do cuidado e da justiça para promover uma convivência harmoniosa no planeta. E-mail: deb.agra@gmail.com

- **Leandro Belinaso**

Morei por um tempo na casa da biologia, mas peguei gosto pelo nomadismo que a educação me permite experimentar. Escrever é minha arte. Ler é minha obsessão. Na UFSC, atuo na formação docente junto às narrativas escritas e imagéticas embebidas de ficção. Oriento pesquisas que articulam educação, meio ambiente, arte e cultura, a partir de perspectivas que flertam com os estudos culturais. Estreei na escrita literária em 2021 com "Do tamanho do mundo", publicado pela Nave. "Vai ser difícil dormir esta noite", editado pela Mondru em 2023, é o meu segundo romance. "A expansão dos começos" (Casatrês, 2024) é um livro de não-ficção que revisita minha trajetória acadêmica. Participo, desde 2022, do Clube de Leitura "Vida e Ficção" e, desde 2024, do Grupo de Pesquisa [compor] do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC e do Grupo de Pesquisa Políticas do Texto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. E-mail: lebelinaso@gmail.com

O PENSAMENTO REIGOTIANO NA EDUCAÇÃO (AMBIENTAL): EPISTEMOLOGIA DE UMA BIO:GRAFIA

Este livro, escrito em forma de narrativas, busca desbravar, como quem adentra um complexo e verdejante vale da natureza, os fragmentos biográficos da ecologia-do-ser de Marcos Reigota — educador, pesquisador e proeminente ambientalista brasileiro. Além de homenagear seu legado acadêmico, esta produção busca promover o encontro simbólico de sua história com a de outros educadores e educadoras afinados à sua Perspectiva Ecologista de Educação. Cada capítulo é como uma janela diferente, sob a qual se desvela uma paisagem, um quadro de sua vida e de suas memórias, narradas por ele mesmo através de uma entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2024, em sua residência em Sorocaba-SP, ou por intermédio da narrativa de amigos e amigas que compartilharam momentos de sua bio:grafia. Sua trajetória, profundamente inspiradora, demarca a contribuição de um pesquisador disciplinado e comprometido com a educação dentro de uma perspectiva marcadamente política e ecológica. Foi reflorestando mentes e corações que o menino do dedo verde se tornou um dos ícones da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil e no mundo.

